

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 9 DE ABRIL DE 1972 — N.º 17707 — ANO 52.º — 1\$50



O MEDO DO ANO 2000



Quatro peritos do Massachusetts Institute of Technology pintam o ano 2000 com colaboração apocalíptica: «A não ser que uma modificação radical das grandes opções governamentais o evite, o mundo caminha para a catástrofe». População mundial cresce assustadoramente. Um sociólogo francês, Pierre Drouin, analisa esta onda de pessimismo cósmico que invade a Europa e discute as suas implicações nos planos de desenvolvimento actualmente em curso, lembrando que no dealbar do ano 1000 também se temia o fim do mundo

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

**Elas são as
meninas
do coro**

Carta a Jimmy Hagan

Depois da retumbante falência táctica do Benfica em Amesterdão, o assunto continua a ser Jimmy Hagan, um preparador físico travestido de técnico. Na coluna «De Praça a Praça», em «DL»/Desportos, Neves de Sousa examina, sem papas na língua, as limitações deste inglês da Luz.



O bisonho Hagan e o extraordinário Nené

AS CAMPEÃS

Elas já venceram provas no estrangeiro (Genebra e Trento), conseguindo marcas só ao alcance dos eleitos. Têm ambas a mesma idade - 10 anos. Uma quer ser professora de natação, a outra ainda não se decidiu. São Paula Cristina Barata Alves e Luisa Cavaleiro Madeira, duas futuras estrelas olímpicas. A história das duas está em «DL»/Desportos, hoje com oito páginas verdadeiramente palpitantes.



Elas são Nela Duarte (à esquerda) e Margarida de Almeida, caras novas da revista. O «Jornal dos Espectáculos» fala delas. (P. 6)

DL dominical

Experiência comunitária contra o fumo

Salers é uma aldeia francesa do Auvergne com 700 habitantes, 150 por cento dos quais eram fumadores. Ali se procedeu, no ano passado, à primeira experiência comunitária de luta contra o vício do tabaco. Umas 80 pessoas concordaram em deixar de fumar. Logo depois, numa comunidade vizinha mais importante, Mauriac (4 mil almas) repetiu-se a experiência, sob a direcção de uma equipa de médicos e psicólogos. Objectivo: conquistar para Mauriac o título de «primeira cidade que disse não ao tabaco». E até Pompidou, natural da região e fumador inveterado, foi exortado a abandonar o vício. (Página 2)



EXPERIÊNCIAS CONTRA O FUMO NA FRANÇA

De RICHARD SCOTT
«The Guardian»/«DL»

PARIS A França está empenhada numa campanha cujo objectivo é levar as pessoas a renunciarem ao tabaco pelo esforço colectivo. A tentativa experimental do ano passado, levada a efeito numa pequena aldeia de Cantal, foi seguida pela de outra comunidade vizinha mais importante.

Salers é uma aldeia de 700 habitantes da província de Auvergne, cento e cinquenta dos quais eram fumadores. Na experiência do ano passado, 80 deles concordaram em deixar de fumar. Uma semana mais tarde, 50 pessoas, ou seja 62 por cento, revelaram que tinham sido bem sucedidas. O entusiasmo dos «convertidos» é tal que enviaram uma carta a Georges Pompidou, como eles natural desta província, na qual convidavam o Presidente da República, fumador inveterado, a seguir o seu exemplo. Desde então, apenas 20 por cento destes indivíduos readquiriram os seus hábitos de fumadores.

Há relativamente pouco tempo, uma equipa de médicos e psicólogos chegou a Mauriac, cidade situada a cerca de 19 quilómetros de Salers e com uma população de 4000 almas, a fim de colaborar numa campanha semelhante contra o vício de fumar. Cento e



cinquenta e cinco fumadores num total de 1000 dispuseram-se a fazer a tentativa. O seu objectivo era conquistar para Mau-

riac o título de «a cidade que disse não ao tabaco».

Decorridos 5 dias, 148 (ou seja 95,5 por cento) dos antigos fumadores

mantinham-se fiéis à sua promessa. Cento e quarenta e três deles tinham formalmente rejeitado o tabaco para sempre. Também eles escreveram a Pompidou, que não escutara o apelo de Salers, insistindo com o Presidente no sentido de renunciar ao tabaco.

Um dos processos concebidos para se convencer os voluntários de Mauriac consistiu na projecção de um filme sobre uma operação ao pulmão, e sobre os efeitos do cancro, enfisema pulmonar e bronquite crónica.

**FEIRAS
INTERNACIONAIS**
1972
VIAGENS «IT»
Peça-nos programa especial
TRANSNAUTICA
AGÊNCIA DE VIAGENS
E TURISMO
Rua Duque de Palmela, 35
Telefs. 4 26 40 - 4 93 54
5 91 25 / 6 / 7
LISBOA

SETE DIAS NO MUNDO O REGRESSO DO VIETNAME

O pesadelo dos políticos americanos voltou em força. A ofensiva tem já quatro frentes. Em todas elas o avanço prossegue. Nas imediações chega a ser de um quilómetro por hora, o que é muito pouco para as nossas estradas mas é notável para um grupo armado que enfrenta outro, apoiado por uma aviação poderosíssima, num terreno inóspito. O presidente Nixon tem vindo a trabalhar para que o Vietname, em particular, e a Indochina em geral, deixem de constituir um assunto dominante nas eleições em que vai procurar a permanência na Casa Branca por mais quatro anos. Esta ofensiva da Frente Nacional de Libertação vem estragar-lhe os planos. O Vietname continua a ser uma «issue», como se diz nos EUA. E continuará enquanto as tropas americanas se empenharem em defender um regime que, por defeito próprio, não tem possibilidades de se opor eficazmente à sublevação. Os candidatos democráticos à presidência explorarão, como lhes compete, o recrudescimento da guerra que Nixon pretende fazer esquecer. A Administração republicana encontra-se perante um dilema: ou não reage à ofensiva e abre mão dos votos da direita, o seu ponto mais forte, ou exerce represálias e compromete uma política estrangeira que tem sido o campo onde logrou marcar pontos entre o eleitorado. Os próprios resultados da viagem à China podem vir a ser prejudicados, pelo menos momentaneamente, pelo lançamento de bombas sobre o Vietname do Norte, país que constitui a pedra de toque do campo socialista, aquele cuja defesa, apesar de todas as divergências, é unanimemente considerada como indispensável. O prestígio do Vietname do Norte e do Vietcong (utilizamos propositadamente a palavra pejorativa que os americanos inventaram e que hoje é um símbolo) ultrapassa o de Moscovo ou Pequim, porque é aceite por ambas as capitais. Esse prestígio atinge mesmo populações e países não comunistas. Como se disse, a Indochina é hoje um símbolo. Por isso, quando o secretário de Estado da Defesa, Melvin Laird, depois dos americanos se terem retirado da conferência de Paris, quando a srª Binh chegava com novas propostas — afirma que os bombardeamentos sobre o território de Hanói vai continuar até que o «inimigo» regresse à mesa de Paris e retire as suas tropas, pouca gente o apoiará, além de Goldwater e seus amigos. Kennedy e Humphrey propuseram já o regresso imediato às conversações, tal como a Frente e Hanói preconizam. Mas exigência americana da retirada das tropas norte-vietnamitas coloca, de novo, um problema de fundo, que sempre tem dividido os beligerantes. O Vietname do Norte nunca reconheceu o envio de tropas suas para o sul. O que Hanói tem afirmado sempre é que, além do Vietname ser só um, como ficou expresso em Genebra, foram os americanos que alargaram a guerra às duas zonas, bombardeando o Norte por não se poderem opor eficazmente ao inimigo no Sul. As tropas que combatem no Sul têm evidentemente a participação de homens nascidos no Norte. Isso ninguém o nega. Mas também ninguém nega que, por exemplo, que Cao Ky nasceu no território que hoje é socialista e que Giap é natural de Saigão. O Vietname é só um. Ele continua dividido porque o regime de Diem nunca cumpriu o determinado em Genebra, antes combatendo os que defendiam o cumprimento desse acordo. Os estrangeiros que combatem no Vietname são os coreanos, os australianos, os tailandeses, os formosinos, os neozelandeses e, evidentemente, os americanos. Se há ingerência...

SEGUNDA-FEIRA

O secretário de Estado americano, William Rogers, anunciou o presidente Nixon, virá à Europa no princípio do próximo mês. O objectivo da viagem será o de esclarecer os aliados dos EUA a respeito das intenções que animam o presidente na sua anunciada viagem a Moscovo. Os telegramas das agências dizem mesmo que Rogers vinha «tranquilizar» os membros da NATO mesmo. No entanto, o facto de Rogers ter no seu programa uma visita à Islândia denota uma preocupação americana em se «tranquilizar» e não a de «tranquilizar» Reikjavik. É que, de todos os países da NATO, a pequena Islândia é o que mais perigante se encontra face à aliança devido à participação comunista no governo. Em relação aos outros países também Rogers, em vez de tranquilizar, deve, sim, ir procurar um apoio que lhe permita dar ao presidente uma boa posição para negociar no Kremlin. A conferência sobre a segurança e cooperação europeias também não deve ser alheia a esta viagem.

TERÇA-FEIRA

O presidente Medici do Brasil propôs ao congresso do seu país que os governadores dos diversos estados passem a ser eleitos pelas assembleias estaduais. A medida, cuja aprovação não está em dúvida, opõe-se à promessa, feita em 1970, de que os governadores passariam a ser eleitos por sufrágio directo. Para interpretar esta nova acção do regime que saiu do movimento militar de 1964, devemos ter presente que os governamentais dominam, e podem sempre dominar, todas as assembleias.

Não é pois o receio de perder eleições que move o governo de Medici. Elas poderiam ser sempre ganhas, além de que o controle dos candidatos é também muito apertado. O alvo é o sufrágio directo, fonte potencial de complicações.

QUARTA-FEIRA

McGovern, o senador democrático pela Dakota do Sul, venceu as «primárias» do Wisconsin. O facto dá um novo impulso à campanha do candidato que, para muitos, se apresenta como o mais radical, o mais à esquerda. Contudo ela não lhe garante nada, sendo até provável que a máquina partidária venha a impedir a candidatura de McGovern, preferindo a de Muskie ou mesmo a de Humphrey. Esta última hipótese deitará por terra qualquer esperança de derrotar o presidente em exercício, pois

o antigo vice-presidente do tempo de Johnson está demasiado comprometido com o passado e pode provocar o aparecimento de um novo (o quarto) candidato com projecção nacional. Esse candidato poderia ser, por exemplo, o antigo senador Eugene McCarthy.

QUINTA-FEIRA

A sr.ª Indira Gandhi propôs ao presidente paquistanês Ali Bhutto que os dois se encontrassem para discutir, sem condições, as relações entre os dois países. O presidente fez



A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

saber que estava a estudar a resposta a dar ao primeiro-ministro indiano. Segundo se sabe, tanto a Índia como a URSS são favoráveis à resolução do conflito através de negociações directas entre os dois países. A ocasião parece ser de agarrar, pois a Índia nem sequer pôs como condição o reconhecimento da existência do Bangla Desh. Sem condições, tudo está em aberto o que é extremamente vantajoso para um país que perdeu a guerra e para um governante que tenta equilibrar a sua posição. As grandes dificuldades internas de Ali Bhutto residem em grande parte na questão dos prisioneiros que a Índia guarda e que só a Índia pode libertar. E certo que o facto da Índia manter os prisioneiros lhe dá uma forte posição nas negociações. Mas esse é o preço da derrota.

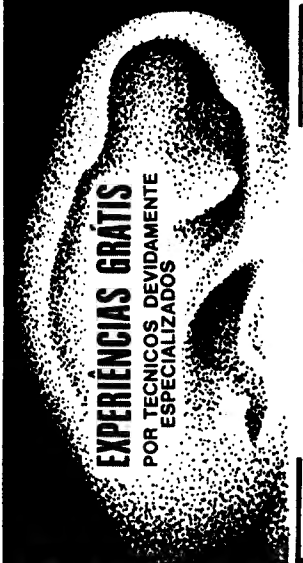
SEXTA-FEIRA

A coligação que se encontra no Governo de Santiago do Chile sofreu a sua primeira derrota. Foram os radicais que decidiram abandonar o Governo e Unidade Popular. Segundo se pode interpretar dos secos telegramas, a razão da saída dos radicais deveu-se a questões relacionadas com a nacionalização da indústria e com negociações que decorriam, conduzidas por um ministro radical, com a democracia-cristã no sentido de obter o seu acordo para uma plataforma onde fosse possível continuar o programa governamental. Fosse ou não essa a razão imediata para a derrota, a verdade é que ela tem razões bem mais profundas. Na verdade os radicais têm sempre sido os mais instáveis dentro da Unidade Popular. E isso deve-se ao facto do partido sentir — as eleições municipais retiraram muitos votos aos radicais — que a sua integração na Unidade Popular poder pôr em perigo a sua própria existência e, por outro lado, dadas as suas características de classe, só poder acompanhar um programa como o de Allen de até certo ponto.

SÁBADO

Alexei Kossyguine continuou a sua visita ao Iraque, onde foi para inaugurar a primeira instalação petrolífera iraquiana, construída com o auxílio da União Soviética. No acontecimento há dois factores importantes a destacar. O primeiro é o do Iraque ter finalmente uma instalação petrolífera verdadeiramente sua o que, evidentemente, constitui um perigo precedente para as companhias do ramo que operam no país e no resto do Médio Oriente. O outro factor importante é o facto de essas instalações terem sido feitas com auxílio da URSS e de Kossyguine ter achado a coisa suficientemente importante para a inaugurar. Trata-se de um importante fortalecimento da posição soviética na zona.

SURDEZ



SE NECESSITA DE USAR
APARELHO AUDITIVO
PRECISA DE CONHECER
OS SERVIÇOS ESPECIALI-
ZADOS DO

CENTRO AUDITIVO

Uma organização moderna em toda a aparelhagem para correcção da surdez, servida por técnicos especializados e sempre atenciosos.

EXPERIÊNCIAS E TESTES DE
ENSAIO GRATIS em LISBOA e em
todas as localidades de PROVINCIA.
— Assistência garantida.

VISITE sem compromisso o

CENTRO AUDITIVO
Rua Aquiles Monteverde, 32-1ºD. Tel. 59597 — LISBOA

ISABEL DA NOBREGA

A PEDRA DURA

Selecciono duas cartas de entre o correio que começa a chegar. Enquanto não se arranja um canto próprio para esta correspondência, atendo-as, uma única vez, aqui mesmo, às leitoras que depõem sobre a ideia mais ou menos precisa que têm das suas vidas, e da vida.

...O seu artigo «Sem voto na Matéria» impressionou-me vivamente porquanto me interessa tudo o que diga respeito à promoção da mulher, no sentido de adquirir o seu verdadeiro e real valor numa sociedade que tanto tem subestimado o seu papel.

«Pertence ao número das chamadas «domésticas», título esse que tem algo de depreciativo e que nos marca como um ferrete. Apesar de ser um trabalho alienante, tenho tentado não ficar indiferente aos problemas sociais ou a quaisquer outros que de um modo geral atinjam o ser humano.

-A sua atitude parece-me certa, trate-se ou não se trate-se de uma «doméstica». Não se esqueça de que grande número de mulheres que trabalham fora de casa o faz desolada, contrariada, compulsivamente, porque não pode deixar de o fazer. Se pudesse, deixava. E com esse espírito, a alienação continua...

Espero só que o não ficar indiferente aos problemas sociais não represente para si, unicamente, a leitura de notícias na imprensa diária. Porque não basta. E mesmo essas têm de ser apreciadas com sentido «crítico», devemos aprender a firmar bem a inteligência, como firmamos a vista, e tentar compreender os fenómenos nas suas raízes. Só assim serve para alguma coisa a nossa atenção.

... Numa época em que se assiste ao digladiar de forças em evidente oposição, a luta que a mulher trava pelos seus direitos e pela sua verdadeira posição numa sociedade onde o culto do machismo tem sido fomentado durante séculos, chega a parecer incrível que seja ainda o homem a deliberar e a tomar decisões em que

a vida da fêmea dependa de um sim ou de um não, como se ela fosse um objecto do seu uso pessoal. São cenas de anos de autêntica escravidão a que é necessário pôr termo. Para isso também haverá que desmistificar toda uma série de atributos falsamente femininos que vêm acarretando à mulher uma situação de inferioridade em relação ao homem. Será este o caso do culto elevado ao extremo das concorrentes a títulos de beleza, que, exibindo-se em «passerelles» sob intensos focos, nos dão o tristíssimo espectáculo de mercadoria em exposição, como se fosse para venda!

-Pessoalmente, não creio que esses atributos sejam falsamente femininos. E a sua valorização comercial que se torna humilhante, deslocada, e falsa. Digo antes «desvalorização», porque, a meu ver, a valorização de uma parte desvaloriza o todo, ou seja, a valorização destacadamente comercial desses atributos da mulher desvaloriza a Mulher, assim como - fenómeno paralelo - nos concursos de Mr. América (nunca ouviu falar?) é o Homem que fica desvalorizado.

Note, nestes casos de feiras para seres humanos a concurso, tanto fica mal o homem - que as organiza, não esqueça! - como a mulher, que voluntariamente nelas participa.

Deve concordar comigo que a Beleza e a harmonia do corpo nunca fizeram, por si mesmas, mal a ninguém, e é bom até que sejam cultivadas, mas o problema não é esse, pois não? E a verdade é que nas jovens a quem se refere, permanece totalmente ao abandono o culto dos valores do espírito. Escusam elas de



QUADRATIM

negar. Muitas nem negam, pois de tão vazias não se lhes põe sequer, a questão.

Aquando do último e ainda recente concurso, tive oportunidade de ouvir pela Rádio uma entrevista que o programa «Página 1» lhes fora fazer ao Grémio Literário, por alturas de uma recepção. De entre aquelas radiosas belezas, nenhuma sabia em que local se encontrava. Apenas uma tirou a «aproximação», respondeu que estavam no Grémio Nacional de Literatura (!). Seres tão entorpecidos, tão habituados a que as manejassem, as dirigissem, e a que decidissem tudo por elas, nem lhes tinha despertado a curiosidade de saber, ao menos, o nome do lugar, o que era um mínimo, creio.

Daqui se infere que também nunca fizeram perguntas a si próprias. Que não sabem em que mundo estão, nem quem

são, nem o que poderiam ou deveriam ser neste mundo que está sempre a transformar-se - afinal sem elas, e apesar delas.

Aguardo as suas crónicas com esperança de que elas tragam a todas nós uma maior compreensão do nosso verdadeiro papel num mundo onde a mulher continua a ser objecto de especulação por parte do homem.

a) MARIA GABRIELA V. S.

-Sou eu que aguardo com alegria (e um pouco de apreensão, também!) as vossas cartas. (Sabe que recebi sempre maior percentagem de cartas de rapazes - trabalhadores, estudantes - que de mulheres?).

Mas esclareço que nunca me encontrarei em guerra «contra o homem». E indiscutivelmente não poder haver mulheres alienadas sem homens alienados, e tudo na sociedade deveria equacionar-se em termos de libertação do género humano. E embora no tempo presente, em determinados países e em determinadas circunstâncias, se hajam formado grupos de mulheres chamados «de libertação» e que à primeira vista parecem guerrear o homem, entendo que a mulher não pode libertar-se «sòzinha», sem o homem ser libertado, e que o que podemos começar por pedir à mulher, pelo menos aqui, é que ganhe lucidez, e perca as suas certezas. A dúvida é um bom estado de espírito para arrear caminho e escolher caminho novo. Tomando consciência de si própria.

Sabe (repito-o pela...décima vez), talvez não se consiga qualquer transformação com recados destes no jornal. Quem os lê, geralmente já sabe

«umas coisas», e até concorda: os que não concordam, e as restantes mulheres... continuam alheadas destes problemas.

Mas que se há-de fazer no intervalo de falar directamente com elas obrigando-as a pensar nisso ao menos uma vez? Li Libertada a modéstia e a humildade da imagem corrente de modéstia e humildade, arriscar, insistir, assumir. Acreditando que a pedra dura, um dia, há-de ceder.

«... Escreva-lhe uma avôzinha, que depois de criar os filhos, cria agora um rancho de netos, adoráveis e traquinas, enquanto os pais estudam e trabalham. Digo-lhe que me sinto encantada com esta missão! Tenho cinquenta e poucos anos e sou saudável. Tenho a estima e o respeito dos meus netos, com os quais brinco e oriento nos estudos, na medida do possível. Sinto-me feliz e realizada. Nos momentos livres leio e delicio-me com boa música. Creio já estar suficientemente apresentada.»

— Não sei se está! (Estaremos nós alguma vez suficientemente apresentados?) A Maria verá. Eu entendo assim: e se os seus filhos não tivessem tido os filhos? Encontrava-se infeliz e frustrada. Ou quem sabe, não, pelo contrário, talvez tivesse ido para professora de instrução primária, por exemplo. (Mas isso requer grande preparação, tempo, estudos, exames, cultura, e aquela capacidade de amor que permite ajudar, ensinar, mimar, e aturar os filhos... dos outros. A Maria — além da cultura adquirida — teria isto tudo em si?)

Também: se estivessem resolvidos pela sociedade (já o estão noutras) os problemas que permitem aos pais estudar e trabalhar sabendo os filhos ocupados entre o estudo e o desporto próprio para cada idade, e vigiados por pessoas que disso fizeram seu ofício e missão, as avós de cinquenta anos

saudáveis teriam de aplicar os seus dons de forma a tornarem-se seres produtivos para a sociedade. Isto é, todas integradas na colectividade, em vez de se voltarem, cada qual, avarentamente, egoisticamente, complacentemente, para a sua pequena célula familiar.

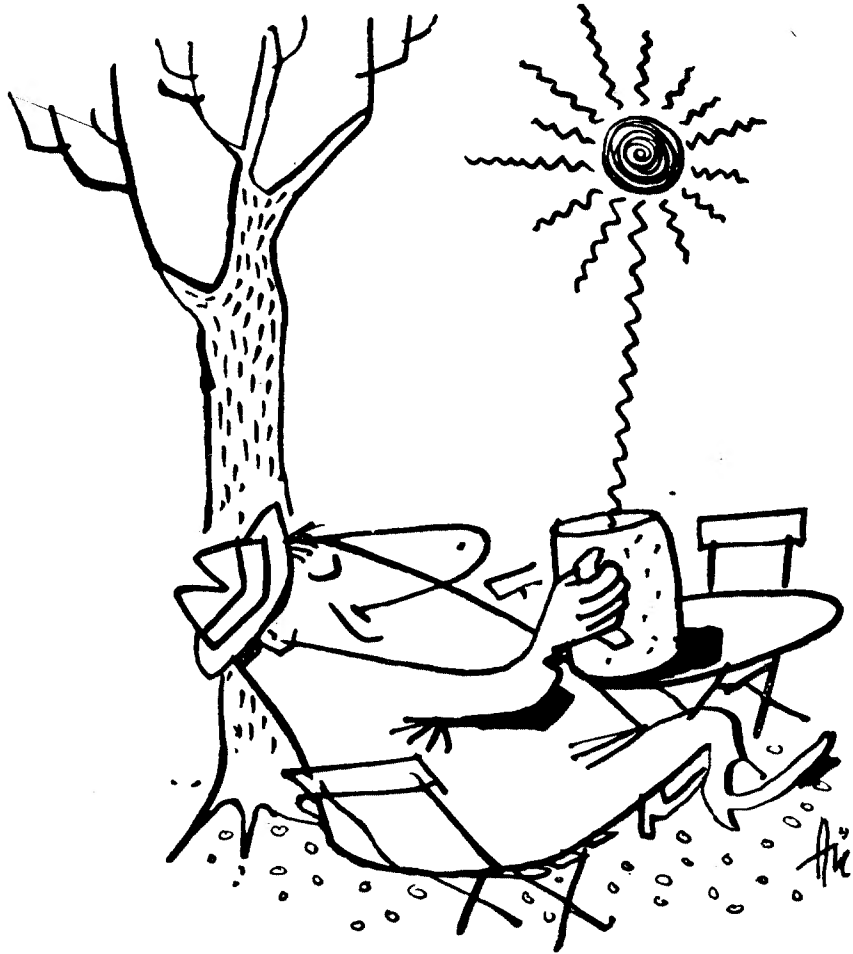
(Para aí se caminha, aliás, mas de modo tão tímido e discreto que o facto passa despercebido aos olhos dos distraídos.)

«...Gosto imenso dos seus artigos, pelo que fiquei encantada por saber que agora faz parte do meu «Diário de Lisboa» Digo meu porque não o dispenso todas as tardes.»

— E eu fico contente de que goste de ler-me porque isso significa que «não concordando, com certeza», muitas vezes, «lhe interessam», todavia, os pontos de vista. E felicito-a pela necessidade de ler o jornal, o que prova a sua atenção ao mundo. E pequena a percentagem de lêres da burguesia que lhe, realmente, os jornais.

«... As vezes apetece-me também dizer coisas por escrito. Há dias tive essa tentação ao ler um artigo sobre os asilos para velhinhos. Não calcula a revolta que senti com certos assuntos ali focados! A atitude de alguns ali focados que vão lá internar os seus pais e avós como quem arruma livros velhos e sem interesse numa prateleira! Mas o que mais me revoltou foi a declaração de um dos internados que se encontra ali sòzinho, enquanto a mulher está internada noutra sítio. Que crueldade é esta que separa os casais no fim da vida? Não será possível existir asilos para casais? Informem-se, e se isto for mesmo assim, grite o meu protesto, gostaria de ver este assunto tratado por si.» MARIA R. S.

— Agora é o seu protesto que torno público. Mas creio que o assunto será tratado por este jornal. Muito grata por todas as suas palavras.



Mercado de todo o ano

Agora, com este tempo, a cidade é «invadida» por esses (nem sempre) pacíficos cidadãos a quem chamamos turistas. Vêm, muitos deles, da Europa fria, inegavelmente roída de inveja pela Primavera. E passeiam-se, minimamente vestidos, pelas ruas, as mais desconas até, da lusitana capital das muitas e desvairadas gentes.

Penso, não raramente, que Lisboa exerce uma atracção especial sobre os estrangeiros — bem diferente, presumo, da que caracteriza metrópoles bem maiores e mais concorridas, como Londres e Paris.

É que a Portugal, o turista, salvo raras excepções, vem apenas por um imperativo que, se mo permitem, classificarei de ordem física: para se embeldar de sol e de Luz, admirar a paisagem, banhar-se nas águas tépidas do nosso mar... O continente de visitantes que nos procuram atraídos pela realização de reuniões de carácter cultural ou motivos semelhantes é, creio, muito reduzido, ou mesmo insignificante, em relação ao daqueles que vêm até cá para

Crónica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ



satisfazerem uma sede de beleza.

O número, efectivamente grande, de turistas estrangeiros que desembarcam em Lisboa nesta altura do ano justificaria, penso, medidas especiais que originassem que fosse, de ano para ano, cada vez maior. Mas... que se tem feito para isso? Sim, como pretendentes a bons comerciantes de turismo, que temos feito (e esta primeira pessoa do plural caiu aqui por acaso, ou talvez não...) para saciar, o melhor possível, essa tal «sede de beleza» dos estrangeiros?

Não estou note-se a interrogar quem quer que seja — e muito menos o organis-

mo oficial que superintende no assunto. Estou, antes, a lembrar-me das coisas que não temos (e poderíamos ter) na nossa capital. Para diversão, claro, não só dos turistas mas também da gente da casa...

E lembro-me, imediatamente, do restaurante que falta à beira do Tejo, funcionando todo o ano, não muito caro (bastava que fosse tão acessível como os outros restaurantes procurados pelo turista médio) e confortável...

Já estou a ouvir alguém falar-me do Mercado da Primavera. Sim, poderia ser algo do género, embora muito melhor e devidamente apto a chamar-se Mercado de Todo o Ano.

Ao ser agraciado pela Santa Sé com o grau de cavaleiro da grã-cruz de mérito da Ordem Equestre do Santo Sepulcro (Jerusalém), o almirante HENRIQUE TENREIRO declarou: «Na minha modesta vida de trabalho, sempre procurei servir, com dedicação e entusiasmo, os altos ideais da Ordem a que me honro de pertencer e continuarei, como até aqui, a emprestar-lhe toda a minha devoção para o seu engrandecimento e para conservar e propagar a fé católica.»

GALARIM



Carlos de Oliveira

jecção às comemorações: tudo se passou em família, entre aquela meia dúzia de pessoas interessadas que desde há muito vêm pregando no deserto da indiferença e da falta de apoio. A escritora Alice Gomes falou sobre estes tristes dias. Fiquem pois aqui o seu nome, como homenagem a um esforço que não cansa, e os nossos tímidos votos de que para o ano as coisas se passem diferentemente...

As deslocações de avião são já banalidade e não costumam merecer referência especial, mas quando um fotógrafo do «DL» surpreende FLORA FERREIRA DA SILVA, a mulher de Eusébio, lendo o número do nosso Jornal que a apresentava na primeira página, justificase a fotografia e a menção. Além disso, não é todos os dias que se faz uma viagem a Paris, e Flora, em tempo de futebol, não tem feito muitas...

Ao atribuir a CARLOS DE OLIVEIRA o Prémio Imprensa de Literatura, o júri convidado pela Casa da Imprensa fez muito mais do que premiar um livro e um autor: introduziu no rol dos prémios literários portu-

gueses um sinal de nova exigência que há-de merecer a atenção futura do público, fixada desde já pela justiça da escolha. Votaram em Carlos de Oliveira os críticos Eduardo Prado Coelho, Gastão Cruz e

Nuno Júdice, tendo o crítico Manuel Pope votado vencido em José Régio. O voto de Eduarda Dionísio não foi considerado por ter sido dado por carta, o que é contrário ao regulamento. Oscar Lopes não

aceitou, o convite por não ter exercido a crítica durante o ano de 1971. João Gaspar Simões também não aceitou, em virtude dos seus «muitos trabalhos em curso». Nuno Sampaio não justificou a sua ausência. Para a história.

E agora é a vez de um homem que não sabe onde nasceu e que ignora o nome dos pais. Chama-se MANUEL DAVID (um nome tão bom como qualquer outro) e esteve internado no Instituto de Educação de Vila Fernando, cujos serviços administrativos, apesar das diligências a que procederam, nada conseguiram apurar quanto às suas origens. Manuel David é estucador, vivia do seu trabalho, e por causa de desavenças com uma vizinha foi preso... Irá agora cumprir o serviço militar, a que, sem saber, escapara. Entretanto, não tem quem lhe diga quem é e donde veio, quem são os seus pais e os avós, e toda a parentela. Talvez seja melhor assim: Manuel David é uma espécie de Adão, posto a viver num mundo para ele desabitado...

Nesta terra, em que toda a gente aspira a ser rico, não deve espantar que subam a este lugar, algumas vezes, aqueles a quem a fortuna contemplou nos labirintos do totobola. E se, como neste caso, o prémio foi de 3400 contos, números redondos, maior motivo há. Registe-se portanto aqui o nome do sr. ALFREDO GONÇALVES DE AZEVEDO, feliz contemplado, que, à ajuizar pelas suas próprias declarações, não morre de amores pelo futebol...

Comemorou-se há alguns dias o Dia Mundial da Criança e o Dia Internacional do Livro Infantil. Ora, nem mesmo a simultaneidade deu força e pro-



No jacto Paris-Lisboa, Flora lê «as Eusébias» no «DL»

A FUGA



SENSACIONAL

o seu carro vale ouro

concorra! Peça já informações a **J. COELHO PACHECO**

visite o
nosso stand

SIMCA e SUNBEAM
construídos
para durar mais



stands:

J. COELHO PACHECO COMERCIAL, S.A.R.L.

R. Mouzinho da Silveira, 10-A e 10-B — Lisboa
Av. Elias Garcia, 54-A — Lisboa

Concessionário CHRYSLER DE PORTUGAL

Telemecc



QUADROS DE DISTRIBUIÇÃO E COMANDO NORMAIS E DE GAVETAS EXTRAÍVEIS

ARRANCADORES AUTOMÁTICOS PARA TODOS OS TIPOS DE MOTORES ELÉCTRICOS

R. D. Estefânia, 92-A - T. 560469 51486 LISBOA
Av. Boavista, 301/9 - T. 66058 PORTO

VENDA PARTICULAR MOBILIÁRIO USADO

Recheio de moradia c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147

UM COMBATE EM DOZE ASSALTOS

«A DANÇA DA MORTE EM DOZE ASSALTOS» (Play Strindberg) de Friedrich Durrenmat, segundo a peça de Augusto Strindberg. Tradução de Ricardo Alberty e Maria do Rosário Coelho. Encenação de Jorge Listopad. Assistente de encenação: Clara Joana. Arranjo Cénico: Vítor André. Intérpretes: Carmen Dolores, Augusto de Figueiredo, Álvaro Benamor. Casa da Comédia. 6.4.1972



Carmen Dolores e Augusto de Figueiredo num dos assaltos

De acordo com as propostas de Durrenmat o pequeno espaço da Casa da Comédia aparece transformada num teatro de arena em que esta é ocupada por um pequeno ringue onde vão decorrer os doze assaltos em que se divide a peça (com um único intervalo, aliás prejudicial ao ritmo do espectáculo). Os actores anunciam eles próprios os títulos dos respectivos assaltos e eles próprios fazem soar o gong com que aqueles terminam e se iniciam como se de um autêntico combate de boxe se tratasse. Entre cada assalto, há por vezes, um pequeno momento de pausa que os actores aproveitam para largarem completamente as respectivas personagens, para deixarem de fazer teatro (embora, na realidade, continuem a fazer teatro).

O trabalho dramático a que Durrenmat procedeu sobre a obra de Strindberg transformou a «Dança da Morte» numa manifestação de humor negro, de crueldade corrosiva, de implacável desmascaramento das pústulas que as palavras, os sorrisos, os metafísicos duelos hipocritamente escondem. O texto reescrito por Durrenmat tem, por isso, prolongamentos críticos que atingem outros parâmetros sociais. Nesse aspecto, podemos considerar o trabalho do autor suíço como autêntica recreação da obra de Strindberg, recreação que teve em conta não apenas nem principalmente valores teatrais mas sobretudo de ordem dialéctica.

Numa nova crítica que aqui escrevi sobre esta peça representada por um grupo suíço no I Festival Internacional de Madrid definia eu o trabalho de Durrenmat não como uma paródia da peça de Strindberg mas como uma recreação de «A Dança da Morte» em comédia burguesa ou, nas palavras, do próprio Durrenmat uma tragédia conjugal burguesa torna-se numa comédia sobre as tragédias conjugais burguesas. Todavia, esta encenação de Listopad sublinhou, ao que me pareceu, os aspectos paródicos da peça sem que isso, aliás, tenha atenuado a imagem da crueldade que aquela contém. Creio, no entanto, que Listopad acentuou excessivamente os tempos dramáticos do texto que nos aparece claramente dividido entre uma zona séria (a tragédia burguesa) e uma zona irónica (a comédia burguesa). Na primeira parte do espectáculo, até, talvez, ao sexto assalto, na minha opinião, o efeito de distan-

GANHOU O TEATRO

ciação proposto por Durrenmat não se sentiu tão vincadamente quanto seria necessário. Falo em efeito de distanciação que é aqui dado não só através do comportamento dos actores, da estrutura da peça (como disse, esta é frequentemente interrompida, o que facilita essa distanciação) mas introduzida no próprio texto através da análise irónica das relações das três personagens, análise essa que permite situar criticamente não só essas personagens como a situação que estão a viver, melhor, que estão a representar. Enquanto na peça de Strindberg o fundamental é a análise vertical dessas relações, de tal forma que o espectador é levado a identificar-se, a viver cada um dos dramas propostos (e, portanto, a ter piedade das personagens que os vivem embora sinta o que nelas há de odioso e de desprezível), na sua recriação Durrenmat propõe-nos uma leitura horizontal dessas relações desmontando o mecanismo que socialmente as movimenta.

Este espectáculo é para nós duplamente fascinante: por si próprio, isto é, pelo nível e interesse dos vários elementos que o compõem, desde o texto como leitura crítica de um outro texto célebre, à interpretação; e pelo facto de permitir um confronto com o espectáculo anterior e portanto estabelecer os encontros e desencontros com «A Dança da Morte», espectáculo igualmente encenado por Jorge Listopad na Casa da Comédia com os mesmos intérpretes.

É evidente, como já se deu a entender, que o texto de Durrenmat exige um outro tipo de interpretação que permita a distanciação referida e ao mesmo tempo jogue com os valores de ironia do texto. Devo dizer que este espectáculo é relativamente sensacional apesar de nele ser possível observar evidentes desencontros de estilo. Foi Carmen Dolores quem melhor entendeu a viragem que o texto pedia não só ao nível de entendimento da personagem como da sua expressão teatral: o seu trabalho é um prodígio de ironia, de jo-

go, de intenção. Carmen Dolores é uma actriz extraordinariamente inteligente capaz de entender e de expressar as nuances de uma personagem ambígua na sua própria falsidade. Poderemos talvez dizer

participa, Carmen Dolores falou.

O caso de Augusto de Figueiredo é mais complicado. A sua interpretação — como já referi em relação ao trabalho do encenador, e devo agora

te. O sétimo assalto é um momento excepcional em que o actor revela dotes de comediante que efectivamente (e aqui o confesso) lhe ignorava. O dizer a frase, o gesto, o silêncio, a expressão rica de registos, a maneira de colher a palavra e as reacções dos outros, são aqui de um grande actor. Trata-se de longe do melhor trabalho que lhe vi.

Álvaro Benamor esteve mais próximo de Strindberg do que de Durrenmat o que é evidentemente um equívoco. Bem sei que se trata da personagem mais pobre sob o ponto de vista teatral mas contendo elementos significantes que Benamor não soube expressar de forma convincente.

A encenação de Listopad não me pareceu nem tão coesa nem tão inventiva como esperava. Marcou bem, como disse, a ironia subjacente no texto mas não conseguiu transformar «A Dança da Morte» num autêntico combate de boxe. Num espaço demasiado restrito e ainda por cima des-

necessariamente atravancado, Listopad não pôde movimentar as personagens de acordo com a própria linha da peça. Nem por isso, a sua encenação deixa de conter momentos admiráveis como o da dança de Edgar (Augusto de Figueiredo) e o do jogo de cartas pelo trio. No entanto, Listopad, a meu ver, podia ter sublinhado mais fortemente as características de crueldade da peça bem como o que nela há de função distanciadora. Além disso, Listopad não conseguiu dominar Augusto de Figueiredo de forma a que na primeira parte da sua actuação este não se indentificasse tão fortemente com a personagem em desacordo com a linha interpretativa seguida e muito bem por Carmen Dolores.

Os reparos aqui feitos não pretendem recusar o lugar que pertence a este espectáculo: um dos raros momentos inteligentes do teatro português e um dos melhores espectáculos da Casa da Comédia. Indispensável ver.



Estreias de
TEATRO
Carlos Porto

que a actriz consegue dar a ironia que caracteriza a sua personagem em segundo grau, ou que cria um jogo irónico feito sobre um jogo irónico. A meu ver só nas cenas em que a actriz tinha de marcar grosseiramente (quase como uma prostituta) as cenas de sedução de que a personagem

acrescentar não saber até que ponto um foi condicionado pelo outro — divide-se em dois tempos: um tempo dramático e um tempo em que a ironia roça o cinismo. Há ainda, aliás, um terceiro tempo, o da doença final, que participa desses dois e que Augusto Figueiredo marca primorosamen-

Arnaldo

Telefona imediatamente a teu pai. Situação gravíssima.

V I S E U

TEATRO • tel. 3260.37
VARIEDADES

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
8.º MES

Empresta-me o Teu
Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSE TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO

6.ª FEIRAS e SÁBADOS
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL. 34.376

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite: 21.45 h.
Domingo à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.º MES

Quem tem medo
de Virginia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUIS MATA

Encenação de JOAO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo
Fundo de Teatro

30 % de desconto aos estudantes
beneficiários da Fundação Gulbenkian
ÚLTIMOS DIAS

TEATRO
CAPITOLIO
TEL. 32.423

GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA
POPULAR



com JOSÉ VIANA — LIGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA, LEAL
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO
FRANCO — DINA MARIA —
EDUARDO VILAVARDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES

GRUPO D — M/ 18 ANOS

AOS DOMINGOS A TARDE
ÀS 16 HORAS

3.ª Feiras, descanso da companhia

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

4.º MES
HOJE, 2 sessões
às 21 horas
e às 23 horas
DOMINGO:
às 18 h. e às
21.45 h.



RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDO MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"

DIVERTIDÍSSIMO !!!

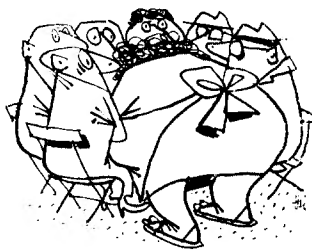
M/18 anos

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

O CRÍTICO DOS HALOS LUMINOSOS



ARMINDO BLANCO



BADALO

Sidney Poitier enfrenta «A Organização» e não leva a melhor. No intervalo, encontro Carmen Mendes, com um bonézinho preto que se destacava como um cartaz brilhante no panorama da elegância feminina convencional das estrêlas de cinema.

Também encontro Henrique de Campos, que me fala entusiasmado do seu último filme, «Os Toiros de Mary Foster», e dessa juventude toda que anda por aí a fazer um cinema de alta qualidade e empenho.

O nome não ajuda: José Maldonado Cortes. Mas cavaleiro bom está ali. Domingo, no Campo Pequeno, lidando touros de muitas arrobos e pundonor, cravou uns ferros movimentando-se em espaços inacreditáveis. Levou a emoção ao rubro e saiu sob uma chuva de flores.

Na primeira fila, junto ao redondel, Vasco Morgado fumava cigarilhas e aplaudia displicentemente, com um ar alienado. Dois dias depois começava a representar a comédia «A Mãe Que Não Era Oportuna».

Aviso aos navegantes: não é verdade que eu ache o Tito Lívio abominável. Não é verdade. O Tito Lívio é um dos mais instigantes humoristas da nossa praça. E como já disse, está em todas: faz versinhos renovadores para a Teresa Paula Brito, circula pelas editoras de discos vendendo a sua mercadoria; escreve sobre repressão Lorca no jornalzinho cor-de-rosa do Funchal, assina crítica, de cinema no «Popular», desmoraliza os versinhos da concorrência no «Mundo da Canção» e ainda, segundo me dizem, factura uns cobres na Lisnave. Nos intervalos de tão ecléticas atividades, denunciava-me como entusiasta cançonetismo no falecido «Jornal de Crítica» que em breve ressuscitará num semanário serrano: E ainda encontrava tempo para ser assistente do Herlander Peyroteo no massacre de um Arrabal de pequeno calado.

Se vocês não conhecem, tratem de conhecer. Em matéria de humoristas, andávamos praticamente limitados ao Santos Fernando e isto, evidentemente, não basta para as nossas necessidades quotidianas.

Tomemos, portanto, doses maciças de Tito Lívio, façamos de Tito Lívio o nosso humorista de cabeceira, proclamemos o talento ímpar, a coragem cívica, o destemor panfletário, a desmedida cultura do bravo Tito Lívio. Viva Tito Lívio! Viva!



Não há um só dia em que Tito Lívio, de Lisboa ao Funchal, passando pelo Porto, não nos ofereça provas do seu engenho humorístico, em especial quando as misses andam soltas na praça a desafiar os misógenos. Darei deste engenho um exemplo, tomando para amostra a sua divertidíssima crítica ao filme «A Noite Fez-se para Amar», de Robert Altman.

Assegura o genial plumitivo: «O filme é válido e pleno de interesse». A palavra «válido» está muito gasta pelo uso? Não faz mal. Trata-se de humor e o humor pode permitir-se certas vulgaridades de expressão. O importante é que o soberbo humorista logo nos informa que a atmosfera da fita tem aquele halo luminoso em torno das figuras, «tão característico dos pintores do renascimento italiano». Um a zero em matéria de citações.

Mas Tito Lívio é um verdadeiro Nenê, não se limita a marcar o seu golito solitário. Ainda o estádio não se sentou e já ele está a enfiar outra batata nas redes dos basbaques. Ora vejamos: «Um tratamento de cor excepcional (os verdes e os castanhos) lembrando a paleta de um Van Eyck ou a composição de figuras de um Malhoa». Dois a zero. A tabelinha Van Eyck-Malhoa só lembraria mesmo ao portentoso Tito Lívio.

Agora, serve esta atmosfera tão rica de sugestões pictóricas para alguma coisa? Tito Lívio acha que não: a «maior pecha» do realizador Robert Altman é justamente «este requinte gratuito da forma pela forma, da excrecência, da imagem bela como um fim em si mesmo».

Quer então dizer que se trata de um filme gratuito, inútil, vazio? Ora, senhor leitor, faça-me o favor de não ser burro. O filme, explica Tito Lívio, denuncia os malefícios da livre iniciativa, os monopólios que «não olham a meios para conseguir os fins», desmistifica a «saga da época da fronteira, da penetração para o interior, de uma riqueza conseguida à custa da violência (a força das armas), da exploração de um proletariado estrangeiro com a ajuda da burocracia estatal (os chineses utilizados como cobaia no trabalho mineiro), ou, ainda, o oportunismo dos políticos», que simulavam hipocritamente defender os ideais americanos de justiça e liberdade de acção.

Quer dizer: é um bom filme? Bom, condescende Tito Lívio, é «válido e pleno de interesse». O pior são aquelas misturas de renascentistas italianos com Van Eyck e Malhoa. Quem mandou o Robert Altman andar por aqui a tomar apontamentos sobre o estilo do nosso Malhoa? Ladrãozinho vulgar de composições de figuras, este ladino Altman. Podia ter dado um recadinho enxuto, seco e objectivo, mas não senhor: meteu lá o Malhoa. Como é que pode?

Não percam a continuação desta novela. E, de vez em quando, ouçam Teresa Paula Brito cantando Tito Lívio. Os monopólios agradecem.



ELAS SÃO AS MENINAS DO CORO



NELA DUARTE



UM RITUAL ANTIGO



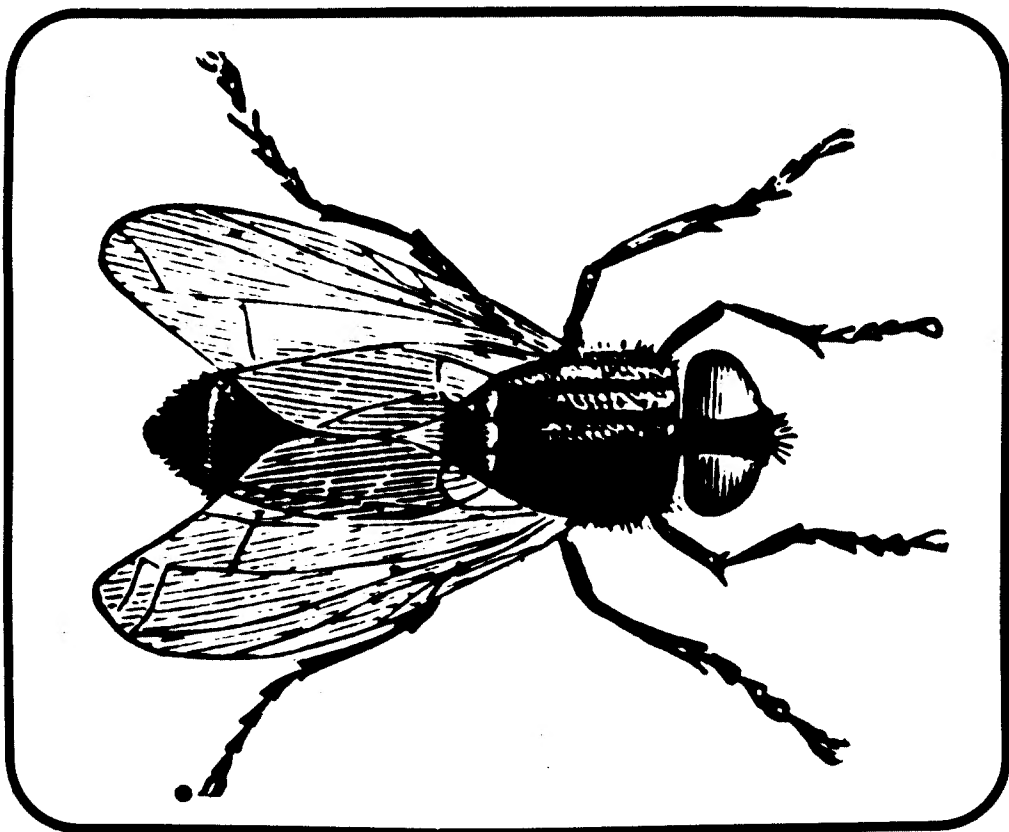
Glória Maria: a longa noite na «Fragata Real»

A rapariga entra, ajeita o xale preto, troca umas palavras com os guitarristas. Aos poucos faz-se silêncio. Ela é Glória Maria, cabelo loiro cortado rente, olhos azuis que de repente começam a tornar-se mortíferos. Canta bonito, o peito alteado, derramando sentimento nas letrinhas de sempre que falam de amores perdidos, de saudades sem fim, de sonhos malogrados, de esperanças traídas. Os turistas suspendem a labuta com os garfos: por momentos, as favas bem temperadas e o chouriço de sangue são trocados pelos gemidos das guitarras e pelos queixumes da rapariga loura. Em Alfama todos os dias se agoniza um pouco neste culto triste dos velhos hábitos culturais. Depois volta-se às favas e ao chouriço. A rapariga loira senta-se, sempre envolta no xale preto, e observa por sua vez os que de tão longe vieram para a ouvir.



MARGARIDA ALMEIDA

Anibal Nazaré não faz por menos: diz que esta gente nova que aparece no Parque Mayer não sabe dizer duas palavras em cena. Precisa ver «Pronto a Despir», de que é, aliás, um dos infelizes autores. Estão lá duas meninas que são óptimas e lindas de morrer: Margarida de Almeida e Nela Duarte, que além de dizerem, (e muito bem) mais de duas palavras em cena, ainda revelam estupendo sentido caricatural no quadro de sátira ao Festival da Canção. São meros suportes das primeiras figuras do quadro, mas arrebatam-lhes a atenção do público sempre que aparecem em cena. António Capela foi ao Maria Vitória e fotografou-as especialmente para o «Jornal dos Espectáculos», com a eficiência habitual.



A MOSCA pica...

VER OUVIR E CALAR

Poucas coisas haverá tão divertidas para o observador desinteressado do que assistir à transmissão dum desafio de futebol pela televisão e comparar o que se passa no campo com o que vai dizendo o relator desportivo incumbido de explicar o que está a acontecer. Para começar vale a pena ouvir a linguagem tecnicamente erudita que os «entendidos» inventaram para deslumbrar os não entendidos e para lhes explicar a acção em termos complicados: as bolas têm velocidades «supersónicas», os jogadores «batem o esférico» enquadrados numa «estrutura de jogo» que se «integra em dispositivos» táticos qualificados com vários objectivos que vão sendo substituídos à medida que decorre o jogo e as linhas fazem, ou não fazem, «exibições» espectaculares que estão, ou não estão, à sua altura.

O mais divertido, porém, é a relação entre o que se vê e o que se ouve.

O telespectador, por exemplo, vê os avançados da linha estrangeira pegarem na bola avançarem com ela até à nossa baliza onde só não metem um golo porque um deles escorrega quando a gente já virou a cara para o lado na certeza de que o ponto está feito.

Isto, que parece evidente e que é exactamente aquilo que a gente vê, é descrito da seguinte forma pelo relator incumbido de nos provar que somos cegos:

«Os homens do (o nome do clube ou do país não interessa) tentam penetrar no nosso meio campo mas não conseguem desarmar a nossa defesa atenta, continuam a avançar mas sem o menor perigo porque não estão apoiados pelos seus médios, cruzam num esforço evidente de destruir os nossos dispositivos tático mas a nossa defesa está atenta. Perigo!

Jogada de grande perigo mesmo em frente da nossa baliza! A nossa defesa alivia e quebra, novamente, o ímpeto do adversário».

Enquanto o guarda-redes põe a bola em jogo, o relator comenta: «Não há dúvida de que optamos por um dispositivo defensivo eficiente e que a nossa defesa é impenetrável».

Se a jogada fosse ao contrário, isto é, se a avançada tivesse sido nossa, o relato teria sido mais ou menos assim: «Os nossos rapazes conquistam o esférico ao adversário, penetram no seu campo ludibriando o dispositivo defensivo estrangeiro, progridem no terreno, criam perigo, X passa a Y numa jogada inteligente, atenção, Y avança e remata com o brilho, mas o esférico não chega à baliza porque Y é desarmado mesmo à entrada da baliza pelo adversário que entra em falta sobre o nosso avançado. O árbitro não vê a falta e o jogo prossegue. Não há dúvida de que a infelicidade persegue os nossos rapazes!»

Que diabo diriam eles se a gente não estivesse a ver o jogo?

No último desafio internacional em que participamos e em que os entusiastas sofreram todo o tempo com jogadas sucessivas em que a infelicidade, a ter perseguido alguém, escolheu os nossos adversários, o relator chegou ao ponto de nos ani-

mar afirmando que «os rapazes do Ajax só conseguiram marcar no aproveitamento dum livre» como se um golo marcado «no aproveitamento dum livre» valesse menos do que um golo marcado em quaisquer outras circunstâncias...

Não há dúvida de que o patrioteirismo atingiu

em cheio os relatores desportivos que nesta matéria parecem querer desdizer o que os nossos olhos vêm para nos convencer de que só não ganhámos porque a divina providência nos abandonou.

Valerá a pena? Será isto útil seja para quem for?

R. N.

GÊNIOS, GÊNIOS & C.^a LDA.

Súbita e inexplicavelmente, os nossos cineastas produziram dois filmes que estão a dar que falar. Sustentam uns que o filme X é, nem mais nem menos, do que uma obra-prima e outros de que se trata duma obra de terceira ordem. Sustentam outros ainda que, ao contrário, a obra-prima é o filme Y - filme que outros recusam por isto e por aquilo. O que é certo é que, pela primeira vez na história do nosso cine-

ma, não são apenas os técnicos que se pronunciam sobre a qualidade de dois filmes portugueses, mas o próprio público. O que é certo é que os filmes estão feitos e que podemos vê-los. O que é certo é que o cinema nacional passou dos cafés para os «écrans». O que é certo é que toda a gente está a falar de dois filmes portugueses.

Queremos referir um outro

ponto que julgamos importante. Como é sabido, reinou durante anos um ambiente de desconfiança em torno das possibilidades do cinema nacional. Os filmes que fazíamos, na sua grande maioria concebidos em função de critérios de bilheteira, pareciam assentar na tese de que somos analfabetos e de que o essencial, nessas circunstâncias era produzir filmes de vigésima quarta ordem com intriguinhas de vigésima oitava ordem, francamente dirigidos a atrasados mentais.

Não espanta que se tivesse criado em torno do cinema português um ambiente de franca desconfiança e que o público, ao ouvir a expressão «cinema nacional», pense em sopeirinhas bairristas de avental na barriga e canção na boca ou em «vedetos» perseguidos pela ideia de serem iguais ao Clark Gable a fim de perseguirem meninas virtuosas mas incrédulas, ciosamente guardadas pelos pais. Se as palavras tivessem gosto e sabor, diríamos que a expressão cinema português cheirava - até há muito pouco tempo - a mangido e sabia a arroz-doce.

O que acaba de acontecer porém mostra que o nosso cinema, abandonou os pátios dos bairros folclóricos inventados pela resignação dos nossos antigos cineastas para entrar nas ruas e nas casas do país em que vivemos.

O que acaba de acontecer mostra que a desconfiança do público deixou de ter razão de ser ou, melhor, que se o público quisesse, a sua desconfiança deixa de ter razão de ser.

Porquê a restrição?

Porque os subsídios concedidos aos autores dos dois filmes a que nos referimos não chegam para cobrir as despesas. Porque os autores destes dois filmes ficaram endividados. Porque os defensores do velho cinema de «galã bonita e menina embeçada» estão a sorrir certos de que tudo isto não passou de fogo de vista e de que a solução continuará a ser a produção luso-espanhola, pirosa e idiota, que voltará aos nossos «écrans» em regime de produção mais ou menos frequente se não entendermos que o público também é responsável pelo cinema nacional.

Se depois deste esforço todo, os produtores dos filmes a que nos referimos tiverem de se dedicar a tudo menos a fazer filmes para conseguirem pagar o que ficaram a dever, os «galãs» antiquados e ridículos que nos habituamos a ligar ao cinema nacional voltam aos nossos «écrans» tão certo como dois e dois serem quatro.

O que pretendemos afirmar é que já não há razão para não se desconfiar sistematicamente do cinema português. O que pretendemos dizer é que temos todos os motivos para acarinharmos o cinema português que se está a fazer e que, se o não fizermos, damos razão aos produtores dos filmes acharopados que se faziam antigamente.

O futuro do nosso cinema está, portanto, nas mãos do público. Se os «galãs» voltarem, é porque os merecemos.

A. S.





AINDA A PROPÓSITO DE MARIA MATOS

A propósito duma notícia publicada na última MOSCA, recebemos várias cartas que não nos damos ao trabalho de reproduzir por todas elas revelarem espanto por esse teatro continuar fechado.

Afirmam-se alguns leitores deste já velho suplemento escandalizados por este facto, que reputam francamente incompreensível, e alguns chegam, mesmo, a sugerir medidas que vão da simples requisição do teatro a uma discussão que dê a conhecer ao País a razão de ser da atitude dos proprietários do edifício.

A MOSCA já disse o que tinha a dizer sobre o assunto e não julga necessário continuar a bater-se por uma causa que interessa a todos.

O mais que A MOSCA pode fazer, a partir

de hoje, é publicar semanalmente um pequeno anúncio destinado a chamar a atenção de quem de direito para o facto mas sem qualquer esperança de conseguir este seu objectivo

De qualquer forma aqui vai o anúncio:



POIS QUE PASSEM DE "PASSE" MAS DEPRESSA

itália

amor à primeira vista

Chega-se a Itália e logo nos enamoramos dela: do sol que é de casa, do seu mar, da sua cozinha requintada, do harmonioso silêncio dos seus montes, da alegria de viver das suas cidades, da sua cultura milenária que oferece com generosidade arte, arquitectura, música, folclore e artesanato.



Para informações:
ORGANISMO NACIONAL DO TURISMO ITALIANO (E.N.I.T.)
Palácio da Rotunda P. Marquês de Pombal 1 - Lisboa 1
tel. 532373; 531617
e todas as agências de viagem

Cupão para opúsculos

para receber gratuitamente material informativo sobre a Itália, pedimos que seja enviado este cupão ao escritório E.N.I.T. LISBOA

Apelido

Nome

Cidade

Rua

Zonas e cidades de Itália pelas quais tenham particular interesse.

Com a eficiente hospitalidade que se espera de um País moderno, a Itália põe à disposição: organizações hoteleiras irrepreensíveis, excelentes comunicações aéreas, ferroviárias e marítimas, 4.500 km. de auto-estradas, bónus para a gasolina com o desconto de 35% e especiais tarifas ferroviárias para os turistas, socorro gratuito na estrada ENIT-ACI, cartão para a entrada em todos os Museus do Estado. Itália: amor à primeira vista, imediatamente retribuído.

Anunciam os jornais que vai haver um concurso de fado, entre amadores, no decorrer do mercado da Primavera. O referido concurso terá prémios «estimulantes» e nele participarão todos os interessados que se inscreverem e que entreguem, no acto da inscrição, uma fotografia de tipo «passe». Ao que parece, já no decorrer do último mercado se efectuou um concurso igual a este tendo então sido revelado ao público o popular cantor Júlio Domingues Filipe que todos ficamos a conhecer desde que, em tão boa hora, a iniciativa o «revelou».

Vale a pena acrescentar que no decorrer do concurso do ano passado se estabeleceram quatro classes das quais três destinadas a homens e uma a mulheres - o que está nas boas condições do pensamento afastado porque, como é evidente, a mulher não merece senão uma «classe» por cada três concedidas ao homem.

Confessamos, francamente, que este concurso nos deixa perplexo por entendermos que não se integra no «espírito da época».

Em primeiro lugar, porque julgávamos que o fado não estava em crise nem carecia de revelações. Ainda há bem pouco tempo, constatamos que as chamadas casas típicas tinham mais fadistas do que turistas, o que nos levou a pensar que talvez fosse necessário organizar um concurso destinado a revelar a existência de «ouvintes» e não de fadistas...

Em segundo lugar, porque entendemos que no momento presente se deve fomentar a participação de todos os portugueses a festivais deste tipo não se admitindo a organização de concursos em que alguns portugueses são beneficiados em detrimento de outros.

E que os defensores do regionalismo não venham argumentar que o fado é um produto regional como os pastéis de Belém e as queijadas de Sintra.

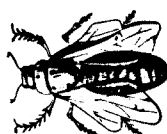
Ouvimos esses mesmos argumentos em relação ao toureiro e a verdade é que o Chibanga desmentiu quantos ignoram o carácter universal dessa arte.

Nestas coisas, ou há moralidade ou comem todos.





ESTA PASSOU-SE...



Há coisa de três dias, um colaborador de «A MOSCA» necessitou de adquirir umas calças e entrou, para esse efeito, numa loja da zona da Baixa. Deve esclarecer-se que se tratava duma destas lojas que têm, à porta, mais cartões do que mercadoria: «aceitam-se cheques do Banco X», «Sócia do Y Clube», «English Spoken», «On parle français», «Reservado o Direito de admissão», «Mandam-se encomendas para o estrangeiro» etc.

Já dentro da loja, o colaborador a que nos referimos foi abordado por uma empregada, certamente licenciada em **public relations**, que avançou para ele com um sorriso tão desmedido que ele, pensando-se mal compreendido, esclareceu imediatamente tratar-se de pessoa casa, respeitável (ou, pelo menos, tanto quanto possível na presença duma senhora sorridente) e destituído de fundos.

A empregada respondeu a tudo isto com a frase:

— Yes, yes, we have.

Como é evidente, o nosso colaborador ficou atônito: que diabo teriam eles? e porque

diabo é que a sorridente senhora lhe estaria a falar em inglês? Envergonhado, tímido, receoso de ter entrado num consulado estrangeiro e não numa loja o que revelaria estar antiquado porque o tempo das visitas aos consulados passou, o nosso colaborador explicou no seu português usual que precisava dumas calças sólidas, resistentes e baratas.

A sorridente senhora, não contente com o sorriso que utilizara para lhe mostrar os dentes, adoptou um outro francamente destinado a revelar-lhe as amígdalas e esclareceu:

— Yes, yes, we have.

O nosso colaborador aguardou pacientemente que a senhora lhe mostrasse o que quer que fosse que ela tinha além dos dentes e das amígdalas, na firme convicção de que se ela lhe mostrasse mais qualquer coisa, acabaria por ver tudo.

A senhora foi a uma prateleira e trouxe-lhe uma camisola amarela, uma camisola vermelha e uma camisola verde que colocou sobre o balcão dizendo:

— Very good, made in England.

O nosso colaborador compreendeu que ela não ouvira a explicação que lhe dera sobre as calças e voltou à carga:

— O que eu queria era umas calças cinzentas, vulgares, de boa qualidade mas baratas.

A senhora apontou para as camisolas e acrescentou:

— We have, yes, we have. Very good. Made in England. Very good.

Compreendendo que não seria entendido se continuasse a falar em português o nosso colaborador rapou do seu inglês aprendido no liceu há já bastantes anos e esclareceu:

— Trousers. Good. Cheap. Grey.

A senhora abriu ainda mais a boca num sorriso que o nosso colaborador não entendeu imediatamente e disse-lhe:

— You take this. Very good. Made in England.

Nessa altura o nosso colaborador começou a perder a paciência e resolveu recorrer à mímica: apontou para as calças e disse:

— É disto que eu quero, disto, ouviu, sua burra?

Remédio santo: a senhora fechou a boca, observou-o atônito e voltando-se para ele retorquiu, agora sem qualquer sorriso:

— O que o senhor quer é calças? Então porque é que não disse logo?

Não precisa de chamar nomes às pessoas — bastava-lhe dizer que quer calças.

O nosso colaborador respondeu, pacientemente, que nunca dissera outra coisa, que estava a pedir calças desde as dez da manhã, que tinha saído de casa para comprar calças, que...

A senhora apoiou-se ao balcão e, fitando-o de frente, atirou-lhe com esta:

— Ouvi muito bem o que o senhor disse, mas cá em casa não vendemos calças feitas de maneira que estava a ver se conseguia vender-lhe outra coisa qualquer — uma pessoa tem de ganhar a vida, não é verdade?

Efectivamente é verdade — uma pessoa tem de ganhar a vida. O que é pena é que não a possa ganhar a falar português.

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO

E MOBILIZAÇÃO N. 1

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS COM DESTINO A CONDUTORES-AUTO DA FORÇA AÉREA

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 260/70, de 30 de Maio de 1970, está aberto concurso para a admissão de mancebos voluntários com destino a Condutores-auto da Força Aérea.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO AO CONCURSO

- Ser cidadão português;
- Estar em pleno gozo de todos os direitos civis e políticos e ter bom comportamento moral e civil;
- Dar garantias de cooperar na realização dos fins superiores do Estado e de defender os princípios fundamentais da ordem política e social definidos na Constituição Política;
- Ser solteiro, viúvo ou divorciado sem encargos de família;
- Possuir autorização de quem exerça o poder paternal quando menor não emancipado;
- Ter 19 anos completos em 1972 e menos de 21 anos de idade na data em que for presente a provas de aptidão;
- Possuir condições físicas e psíquicas para o serviço na Força Aérea;

h) — HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

- Mínimas 4.ª classe;
- Máximas 1.º ciclo liceal ou equivalente.

i) — QUALIFICAÇÕES TÉCNICAS

- Carta de condução de veículos pesados;
 - Carta de condução de veículos ligeiros.
- Só poderão ser admitidos os candidatos que possuam, pelo menos, a carta de condução de veículos ligeiros.

j) — TEMPO DE SERVIÇO: 4 (quatro) anos.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos ao Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1 da Força Aérea — Rua Newton, 6 r/c. — Lisboa-1, até ao dia 12 de Junho de 1972.

Lisboa, 4 de Abril de 1972.

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey (Maior)

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES LISBOA - ALENTEJO - ALGARVE

(Via Sul)

A partir de 9 de Abril de 1972

A		A	
6-30	22-25	P Lisboa (Terreiro do Paço)	C 8-45
7-05	23-05	P Barreiro	C 8-10
8-13	0-30	P Vendas Novas	C 6-47
8-03	0-40	P Évora	C 7-17 23-11
8-53	1-21	P Casa Branca	C 5-56 22-35
9-20	1-57	P Vila Nova de Baronia	C 5-20 22-06
9-41	2-25	P Cuba	C 4-52 21-43
10-01	2-55	P Beja	C 4-24 21-19
10-10		P Aljustrel	C 21-05
10-38	3-43	P C. Verde-Almodôvar	C 3-38 20-40
11-12	4-26	P Funcheira	C 1-56 19-51
11-56	5-22	C Santa Clara-Sabóia	C 1-00 19-10
12-21	5-52	C São Marcos	P 0-30 18-46
12-37	6-11	C Messines-Alte	P 0-11 18-31
12-49	6-24	C Tunes	P 23-51 18-15
13-40	6-52	C Alcantarilha (1)	P 23-20 17-49
13-22	7-06	C Silves	P 23-08 17-38
13-31	7-15	C Estômbar-Lagoa (2)	P 22-57 17-28
13-38	7-26	C Portimão (3)	P 22-47 17-20
13-58	7-56	C Lagos (4)	P 22-15 17-00
12-59	6-42	C Albufeira	P 23-34 18-03
13-15	7-05	C Loulé (5)	P 23-07 17-48
13-36	7-30	C Faro	P 22-40 17-27
13-51	7-56	C Olhão (6)	P 22-20 17-14
14-10	8-24	C Tavira	P 21-48 16-55
14-42	9-06	C V. R. St.º Ant.º (Guadiana) (7)	F 21-05 16-25

A — Antuagem directa de 2.ª classe Barreiro-Vila Real de Santo António e vice-versa (Via Sul)

- Serve a Praia de Armação de Pêra
- Serve a Praia de Carvoeiro
- Serve a Praia da Rocha e Monchique (por serviço combinado) e a Praia de Alvor
- Serve Burgau, Aljezur, Odemira, Vila do Bispo e Sagres (por serviço combinado)
- Serve a Praia de Quarteira
- Serve a Praia de Armona
- Serve a Praia de Monte Gordo e Castro Marim

AVIÕES, AVIÕES & AVIÕES

Senhores da Televisão:

Tende piedade de mim. Por desgraça de natureza hereditária, enjoo. Não há nada a fazer: enjoo. Já tomei remédios, já fiz uma ginástica especial que me ensinou um grumete das minhas relações, mas continuo a enjoar. Fui a um psicanalista que, depois de me extorquir 300\$00 me confessou que também tinha a mesma doença. Rezei e fiquei na mesma. Enjoo. Nada me enjoa tanto, porém, do que ver aviões. O avião, caros senhores, é um meio de transporte importante mas tão conhecido que já não tem «glamour» nenhum. O avião, caros senhores, está mais do que visto. Pois esta semana, caros senhores, além dos usuais anúncios aeronáuticos que V. Ex.ªs não podem evitar, tivemos de seguir com os olhos um desinteressantíssimo voo que os convidados de honra da Tap fizeram num Jumbo à volta do país. O que nós vimos, evidentemente, não foi nada disso — o que nós vimos foi uma quantidade enorme de gente (Não teremos VIPS a mais para um país tão pequeno?) sentada nos bancos do referido JUMBO enquanto um senhor qualquer nos explicava o que era um avião. A coisa chegou ao ponto dum VIP qualquer nos dizer, em tom confidencial e grave, que ainda não nos pode comunicar o nome do próximo Jumbo que vamos ser forçados a ver, daqui a uns meses, a passear, cheio de VIPS, à volta do país. Caros senhores: nós não queremos

saber os nomes do próximo Jumbo. Terão os espectadores norte-americanos de saber os nomes dos Jumbos das linhas aéreas do seu país? Caros senhores: poupem a nossa memória e creiam que estou a ser sincero ao dizer que não temos o menor interesse em saber o nome do próximo Jumbo. Estará o VIP em questão interessado em saber o nome dum barco que eu vi na doca de Alcântara há coisa de quinze dias? Mais: estamos fartos de aviões até aos olhos. Para além disso, eu enjoio e não tenho disponibilidades financeiras para mudar os estofos da minha cadeira todos os dias. Não julguem que estou a exagerar — ainda eu não me tinha refeito inteiramente do enjoo e já V. Ex.ªs me estavam a atacar outra vez com o Jumbo. É o que lhe digo. O filme era do Tropa, o Jumbo era da Tap, não sei de quem eram os cançonetistas nem quero saber: o enjoo é que era meu! Outra vez o Jumbo! Palavra que é Jumbo a mais para um país tão pequeno! Desta vez o Jumbo estava parado — as pessoas entravam e saíam dele com uma facilidade recusada a quem enjoa. Havia cançonetistas em cima das asas do Jumbo, debaixo das asas do Jumbo, em frente dos motores do Jumbo, à porta do Jumbo, fora do Jumbo. O espectáculo era horrível. Dir-se-ia que V. Ex.ªs nunca tinham perdido a cabeça. Creiam, senhores da televisão que basta olhar para

o ar para se ver um avião. Hoje em dia, há aviões em todos os cantos do céu. Há aviões a mais. Estamos todos fartos de aviões. Não achamos graça nenhuma a aviões. Os aviões são apenas aviões e nada mais. Só no interior do deserto do Sahara é que ainda se deslumbram com aviões. A isto tudo acresce que o Jumbo é apenas um avião muito agradável. É o que lhes dizemos: O Jumbo é um avião que apenas se distingue dos outros por ser maior do que os outros e isto numa época em que estamos fartos de aviões até aos olhos. O que nós queríamos era aviões pequeninos que não se vissem. O avião já excita ninguém. Ninguém acha graça nenhuma a aviões. Para cúmulo, no fim do filme, tivemos de estar meia hora a olhar para a cabina do avião enquanto os pilotos falavam pela rádio ou lá pelo que

C.S.

EXCURSÕES CP

CASTELO NOVO - ALPEDRINHA - MONSANTO

Dois dias — 15 e 16 de Abril

- De comboio, 1.ª classe, e autocarro. Alojamento no Hotel, em Castelo Branco.
- Castelo Novo (curiosa aldeia nos contrafortes da Serra da Gardunha), Alpedrinha (uma vila-jardim da Beira Baixa), Vale de Prazeres e Monsanto (a aldeia mais portuguesa de Portugal...) são terras integrais do itinerário.
- Almoço típico em Monsanto, com ementa escolhida da primitiva cozinha local.

PREÇOS (tudo incluído)

De LISBOA	590\$00
Évora/Beja	700\$00
Faro/Lagos	810\$00

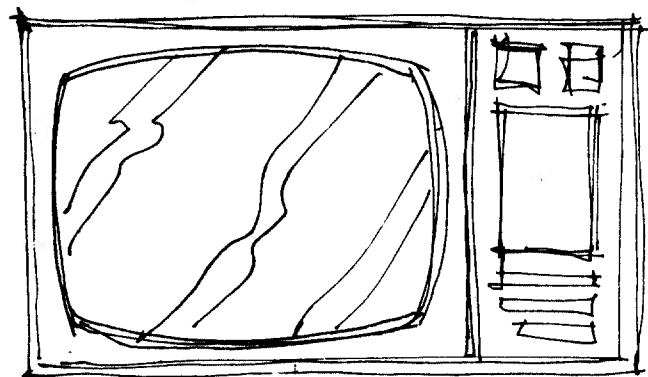
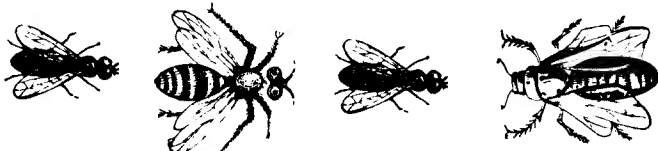
ÉVORA - MONSARAZ — 16 de Abril

- Almoço típico em Évora e visita panorâmica da cidade e de alguns dos seus mais importantes monumentos. Ida a MONSARAZ e visita do velho e primitivo burgo alentejano. Regresso por Setúbal, Serra da Arrábida e Ponte Salazar.

De LISBOA	250\$00
Coimbra/F. Foz	390\$00

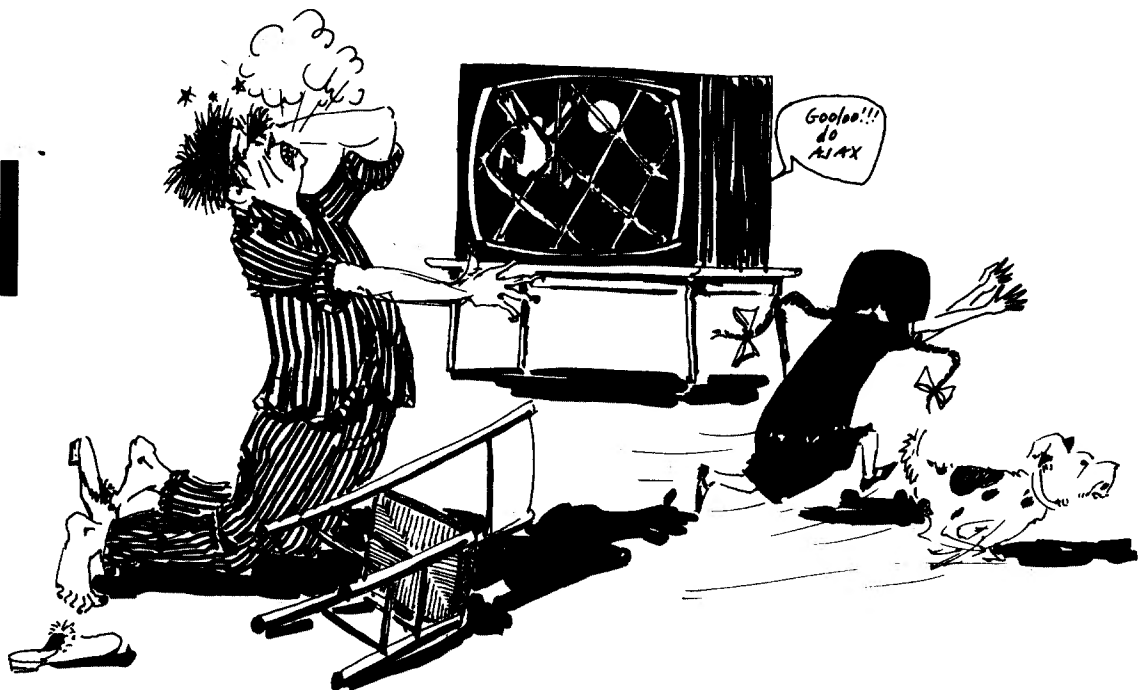
Informações e distribuição de programas: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa. Organização: Telef. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS





O PIOR FOI DEPOIS DO JOGO

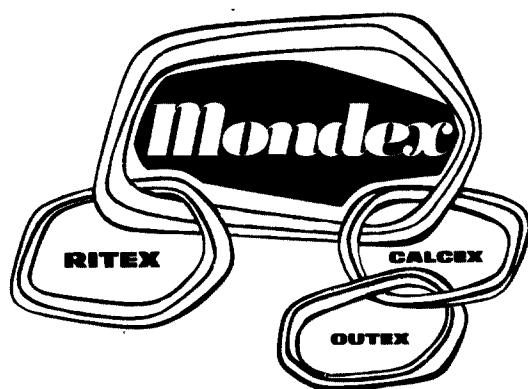


Em nossa casa devemos muito ao Benfica e não dizer isto é uma ingratidão danada para começar sim porque todas as explicações têm que começar em qualquer sítio o meu Pai mandou a televisão **Lopar** isto é aquilo a que a minha professora de português chama uma **expressão idiomática** o que é o mesmo que dizer que é uma expressão que faz parte de um idioma e de nenhum outro ninguém em Lisboa diz **Lopar** senão a gente cá em casa porque o dono da casa de prego de que a gente é freguês chama-se Lopes e por isso a gente quando põe alguma coisa no prego diz que essa coisa foi **Lopar** o que é o mesmo que dizer que foi passar uns tempos a casa do Lopes agora já posso voltar à história que é esta o meu Pai tinha mandado a televisão **Lopar** para arranjar dinheiro para chegarmos ao fim do mês mas quando soube que o jogo Benfica-Ajax vinha na eurovisão começou logo a dizer que ia **deslopar** a televisão e começou logo a procurar coisas para **Lopar** em vez dela o que é sempre difícil quando o meu Pai começa à procura de coisas para **Lopar** a minha mãe começa a ficar nervosa e a esconder a chave da dispensa onde está a arca com as colchas que a gente herdou da minha Avó que Deus tem ou não tem isso é lá com eles desta vez eu percebi logo o que é que ia acontecer porque dois dias antes do jogo o meu Pai chegou a casa a dizer que estava um calor bestial que o verão este ano tinha vindo mais cedo que não se podia parar com calor e daí a bocado quando a gente estava a jantar levantou-se e abriu a janela como se estivessemos em Agosto e à noite disse que estava tão abafado que nem lhe apetecia ir **dar uma volta ao jardim** que é outra expressão idiomática que temos cá em casa e que quer dizer **ir em linha recta à taberna** enfim quando eu ouvi estas coisas fiquei bestialmente desconfiada tão desconfiada que até tomei banho à noite antes de me deitar e fiz muitíssimo bem porque aconteceu o que eu pensava que ia acontecer quando a minha mãe voltou da praça a televisão estava em cima da mesa da casa de jantar mas o esquentador tinha desaparecido da casa de banho ando cá com uma impressão de que só volta depois do verão enfim sempre vi aquele senhor que se lembra de umas coisas bestiais a dizer à gente que a cadeira que a gente estava a ver era uma cadeira que a mesa que a gente estava a ver era uma mesa e mais outras coisas sobre o quarto que a gente estava a ver e que era bem feio coitadinho mas o melhor é eu continuar no dia do jogo o meu Pai deu parte de doente e passou todo o dia em casa a ler os jornais e a dizer que os holandeses nos tinham roubado umas Índias quais-quer e que nos tempos antigos os holandeses assaltavam as nossas caravelas e que se a gente pensasse bem

eles só sabiam fazer queijos bolas e mais isto e mais aquilo lá para as sete horas deu-lhe para ter visões e começou a dizer que o Eusébio estava com um joelho doente e que assim estávamos perdidos e começou a desanimar tanto tanto que a minha mãe foi ao garrafão da ginjinha e trouxe-lhe meio copo dela com elas quando o jogo começou o desgraçado nem se tinha em pé tal era o nervoso e a aflição que lhe andavam na alma palavra que eu até já estava com pena dele mas neste mundo quem tem pena dos outros amola-se sempre de maneira que eu só para me vingar das coisas que ele me tem feito comecei a rezar a um santo bestial de que me falou a vizinha Henriqueta para o Ajax ganhar e lá que aquilo dava a impressão que o santo estava interessado na minha vingança dava sim senhor olá se dava era eu a rezar e os do Ajax a entrarem pelo nosso campo e a rondarem a baliza do Benfica e o locutor a dizer que a gente era bestial e que estava a destruir o jogo deles e eles a jogarem cada vez mais e a meterem-se pela baliza do Benfica adentro com tanta gana que só não meteram mais golos porque o meu Pai devia estar a rezar a outro santo mais forte do que o meu o que eu sei é que chegámos ao intervalo e o meu pai levantou-se e começou a gritar contra a televisão que é de uma marca holandesa aos berros e aos gritos a dizer que aquilo era tudo culpa da televisão e que a televisão estava feita com os do Ajax e eu cada vez mais aflita sim cada vez no aparelho porque se ele o partisse ficávamos sem nada para **Lopar** e nisto da vida uma coisa é certa e essa coisa é que depois do verão vem o inverno e se há uma coisa de que ninguém gosta é de passar o inverno com o esquentador a **Lopar** de maneira que para o acalmar lembrei-me de dizer que o Benfica estava a ser português muitíssimo português porque a gente tem fama de ser bestialmente hospitaleira e aquilo de termos os do Ajax sempre no nosso campo era um sinal da nossa hospitalidade sim porque outra explicação é que pode haver para ter onze estrangeiros sempre em casa senão a gente desejar ser hospitaleiro pois não podia ter dito nada de pior o meu Pai em vez de concordar arrancou lá da outra ponta da sala e veio direito a mim pior do que uma fera de braço levantado o que é sempre mau sinal olá se é e eu tive de fugir para o corredor e ele sempre atrás de mim o que vale é que a minha mãe teve uma ideia bestial que foi a de vir ao corredor dizer que o intervalo tinha acabado e ele largou-me e foi outra vez para ao pé do aparelho a resmungar que nem um homem à saída da repartição de Finanças e eu que nestas coisas sou bestialmente prudente comecei a pensar que

se o jogo chegasse ao fim com o Benfica a perder quem se tramava era o toutigo da menina que de parvo não tem nada e que ainda por cima tem uma experiência que vale nem sei o quê de maneira que achei melhor mudar de tática e rezar ao santo do meu Pai o pior é que para minha desgraça não sabia como é que ele se chamava e tive de rezar ao primeiro de que me lembrei que foi nem mais nem menos do que o Santo Padre que é um de que eu tenho ouvido falar e que deve ser bom nestas coisas de pais por se chamar padre que é pai em inglês ou pelo menos é isso o que eu penso mas o Santo Padre para isto de futebol não deve ser dos melhores porque o Ajax continuou no nosso campo apesar do Benfica ter destruído o tal sistema de que falava o locutor mas como eles se calhar não ouviam o locutor e não sabiam que o Benfica lhes tinha destruído o sistema continuavam a tentar meter golos na baliza do Benfica e só não meteram mais por causa das minhas rezas e das rezas do meu Pai mas palavra que houve uns momentos em que eu estive quase a perder a fé enfim o jogo estava mesmo a acabar e eu para consolar o meu Pai que aquilo tinha sido bem pior se tivesse sido cá sim porque cá a gente não podia dizer que estava a jogar fora se isto não é lógico não sei o que seja mas os pais não são lógicos e digo isto por muitas razões não é só por o meu pai não ter entendido o que eu disse e se eu digo que os pais não são lógicos é porque ando há anos a experimentar o meu Pai e cheguei a essa conclusão e o que aconteceu a seguir mostra que eu tenho toda a razão e mais alguma o meu Pai levantou-se outra vez pior do que uma barata pisada agarrou-me por um braço levantou-me ao ar enquanto eu gritava que ele estava fora do jogo sem ele me ligar importância nenhuma deitou-me ao colo e desatou a bumar-me como um desalmado enquanto eu contava as bumbas para vossa informação levei vinte e duas e só não levei mais porque ele estava tão cansado de ver o Ajax a entrar pelo nosso campo que tinha perdido a força enfim o resultado do jogo foi que ficámos sem o esquentador sei lá até quando que o Benfica perdeu por um a zero e que eu que sou uma criança e que até sou pelo Ajax perdi por vinte e dois a zero se isto é desporto digo um palavrão para o desporto e só não o escrevo porque tenho medo de levar mais mas um dia vou crescer olá se vou e quando eu for grande vão ver como é que sou e vão ver os palavrões que eu sei dizer.

Guidinha



25
anos

Ao comemorarmos 25 anos de actividade vimos públicamente agradecer a todos aqueles - colaboradores, clientes, fornecedores e amigos - que ao longo destes cinco lustros nos honraram com o seu esforço, dedicação, preferência e amizade.

MONDEX - FÁBRICA DE MALHAS - MONDEGO, LDA. - RIO TINTO

E O SEU GRUPO - **RITEX · CALCEX · OUTEX**

PREGÕES ALEGRES ESCONDEM DRAMAS

Têm a rua por mercado. O pequeno comércio por modo de vida. São homens e mulheres, de todas as idades. Envelhecem na rua. Vendem de tudo — hortaliça, frutas, bugi-gangas, roupas, flores, caute-las, livros de aventura. Gente simples. Gente sem sonhos. A sua aventura diária é enfrentar o sol, o vento, a chuva, a indife-rença de quem passa e não compra. E às vezes — quando a necessidade de subsistir e a única licença para exercer o comércio, a própria polícia. Mas não desistem. Não podem desistir.

OS BOLOS

— Há 40 anos que vendo bolos, porque não posso fazer outra coisa. Isto não dá nada: como vê, eles estão todos no cesto. Sou doente numa perna que parti há 4 anos. Não tenho marido: se trabalho como, se não trabalho não como.

Tem 70 anos. Vende bolos, no Cais do Sodré sentada nas escadas da estação. Tem um rosto duro. As palavras são breves e secas:

— Também quer saber o meu nome? Chamo-me Erme-linda, desde que nasci.

Mesmo ao seu lado, Maria Domingas é mais acessível. Tam-bém vende bolos:

— A gente tá muito perto uma da outra e se ela vende não vendo eu. Mas, por isso, não vamos agarrar-nos à pan-cada.

Antes, era vendadeira de fru-ta. Mas a concorrência obri-gou-a a mudar de negócio. An-da nisso há 40 anos.

— Fiz agora 61 anos. Casei tinha 17 e vivi com o meu mari-do até que ele morreu, há 3 anos. A gente compra os bolos a 10 escudos a dúzia e vende a 12, mas a freguesia é tão pouca que às vezes nem dá p'ró comer. Vinte e dois escu-dos, vinte e cinco: é o que cos-tumo fazer.

Sonhos que morrem na rua...

— A minha sobrinha está na Suíça e quer que eu vá p'ró pé dela. Mas onde é que o ga-nho dá p'ró bilhete de avião? Se eu pudesse, mesmo velha, ia-me embora.

A FRUTA

Sim, a concorrência na ven-da ambulante de fruta não tem tréguas. Os vendedores procu-raram lugares estratégicos, mas não conseguem evitar a acu-mulação de oficiais do mesmo ofício. Ruas mais movimentadas, praças onde desembocam os transportes públicos, bai-ros de periferia enchem-se de cestos e carros de fruta e de pregões sem resposta.

— A fruta está cara — quei-xa-se Alfredo Hipólito Luz, 48 anos, vendedor na Rua de S. José. — As pessoas não lhe chegam.

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais alto preço.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257



Quando chove, não podemos sair de casa...

Mudar de vida?

— O que é que eu posso fazer? Desde miúdo que sou vendedor. Dantes eram jornais, mas havia tanta gente no mes-mo...

E isto dá para viver?

— Que remédio! Olhe, sabe o que isto dá? Muitas quase todos os dias. Ainda agora apa-nhei uma de 32 escudos. A gente tem licença, mas não po-de estar parada.

O JORNAL

Mas qual o ramo de co-mércio onde não há concor-rência? Todos se queixam do mesmo. A venda na rua é, para muitos, o único recurso. Que mais pode fazer quem não sa-be ler nem escrever? Olga, vendadeira de jornais e re-vis-tas sabe-o bem:

— Tenho que ajudar o meu marido, que vende jornais des-de os 9 anos. Que remédio, o negócio dá pouco. As re-vis-tas encareceram muito e a ven-da diminuiu. Para ganhar 17\$50, preciso de vender 50 jo-rnais ou revistas. De manhã, nunca consigo mais que isto: dá uma média de pouquinho. Tem o seu «estaminé» no

Largo do Camões, há 12 anos, dos 44 que completou. Muito tempo à sua frente para vender jornais e revistas que não lê?

— É até poder. Mas as con-dições não ajudam. No inver-no, apanha-se muito frio. Já ar-ranjei uma doença nos ossos e ninguém me paga para me curar.

O SONHO

Às vezes vêm de longe, da aldeia, procurando na cidade o que a terra lhes negou. Para os novos, há a possibilidade de trabalhar nas obras. E de- pois? Quando não há reforma e os filhos não podem?

— Estive muito tempo no Brasil, mas o que é que quer, apeteceu-me voltar. Abri uma mercearia na terra, em Moi-menta da Beira, mas um dia roubaram-me o dinheiro que ti-nha. Vim para aqui para gover-nar a vida...

Sentado na soleira de uma porta, na Rua do Alecrim, Eduardo Vieira, 77 anos gastos, vende toda a espécie de bugi-gangas: pentes, atacadores, anéis de lata, braceletes de relógio, papel de carta. Cha-ma-lhe bijouteries. O seu pro-

duto, exposto em pleno pas-seio, nem sequer desperta a curiosidade de quem passa.

— Há dias em que não dá para comer. Mas vai amparan-do. Agora tenho um filho de-sempregado: com 40 anos. vi-vemos os dois num quarto. Ain-da por cima, tenho que mudar de lugar. Já aqui estou há 4 ou 5 anos, mas o prédio foi alugado por uns estrangeiros que não gostam de me ver à porta...

— E para onde é que vai?

— Ali para junto dos bom-beiros voluntários. Que ma-is pode fazer um homem com 77 anos?

SÓ DEUS

Que mais pode fazer, do mesmo modo, um homem que, mesmo novo, não tem capaci-dade física para exercer um ofício, nem recebeu instrução que lhe permita arranjar o em-prego que gostaria, num escri-tório? Um deficiente motor, por exemplo? E o caso de Joaquim Vieira Carrola. Movimentan-do-se no seu carro, percorre di-ariamente as férias que li-gam a Praça do Chile ao Ca-mões e ao Terreiro do Paço, apregoando camisolas que compra nas fábricas. Tem ape-nas 36 anos, mulher e filhos para sustentar. A mulher ajuda-o na venda.

— Há dias em que o negócio dá: chego a tirar 70 ou 80 escu-dos. Outros, não ganho nada... E quando chove, não podemos sair de casa.

— E no Inverno?

— Vive-se com o que se ga-nha no Verão. E sempre que se pode, vem-se para a rua, por muito frio que faça...

OS PLÁSTICOS

Houve tempo em, que os plásticos constituíam o ne-gócio de rua, por excelência. Mas, a pouco e pouco, o mer-cado foi ficando saturado. Os vendedores viram-se na neces-sidade de trocar os alguidares e tijelas por camisolas ou hor-taliça. Só pelo Natal eles vol-tam, em massa, enchendo as ruas de brinquedos de plástico para os meninos pobres que, um dia, talvez, venham a ser, também, vendedores ambulan-tes...

Maria da Silva não encon-trou, porém, alternativa. E, jun-

Reportagem

de

REGINA LOURO

to ao mercado de Arroios, con-tinua a exibir o seu estendal de utensílios de todas as for-mas e cores.

Desde os 10 anos que vendia peixe. Depois, comecei a sofrer do coração e um dia parti as duas pernas: ando mui-to pouquinho. Estou quase

ELES TÊM A RUA



Que mais pode um homem

UMA AVENTURA AO SOL E

com 60 anos e sou viúva. Te-nho um filho, mas ele tem qua-tro filhinhos a sustentar, não pode olhar por mim.

— E não tem uma pensão de viuvez?

— Não tenho nada: vivo só disto. Moro aqui perto, em ca-sa da minha sogra, mas qual-quer dia não consigo vir até aqui. Nessa altura? Deus é que sabe...

FILHO DE PEIXE

Chega a ser belo o espec-táculo dos vendedores de rua. Há locais que têm um colorido típico, graças aos cestos de fruta e aos carros de hortaliça, seguindo-se uns aos outros, num mercado improvisado du-rante a manhã inteira. E gran-de a azáfama dos vendedores, por entre a gente que passa, apregoando e apalmando tudo o que encontra: as maçãs, os agriões, as couves. Donas de casa com o dinheiro contado regateiam por cinco tostões. Chega a ser belo o espectáculo dos vendedores de hortaliça e flores, compradas por grosso no mercado da Ribeira. E no entanto...

— Olhe, o que lhe digo é que estou farto

Chama-se Carlos Alberto Duarte, é casado e tem filhos. Anda nesta vida porquê, filho de vendedores, nunca lhe ensi-naram outro ofício.

Filha de vendedores é, tam-bém Júlia Flores da Silva. Des-cendente de homem do mar e



Há 40 anos que ven

de frigideira, seguiu o ramo do pai. Veio de Aveiro, para ven-der peixe em Lisboa. Tem cin-co filhos arrumados; quatro dos quais «já foram à guerra». O pouco que ganha na venda de peixe, próximo do Desterro,

POR MERCADO



com 77 anos?



Vai-se vivendo sem vergonha...



...e um dia parti as duas pernas.

URA DIÁRIA À CHUVA



do bolos...

para seu sustento e do marido. O meu homem tem uma formazita, mas agora está muito mal, no hospital. O que ele recebe é para a renda da casa e pouco mais. O negócio

é muito incerto, mas vai-se vivendo sem vergonha...

Tem 61 anos e transpira ainda um certo vigor: «a rijeza da gente do mar».

— Mas não resisto às gripes. No inverno é muito difícil, porque estou ao molhado. A água chega a entrar pelo pescoço e sair por aqui...

(E aponta para o fundo da saia, quase envergonhada...)

A LOTARIA

Há, também, os que vendem sonhos, na forma de bilhetes da lotaria. Nas manhãs de quinta-feira, os seus pregões enchem a cidade de promessas. Acreditam, também eles, na sorte?

— Todas as semanas fico com uma cautela. Mas nunca me saíram mais do que uns cento e tal mil réis, por uma vez. Em compensação, já vendi quatro terceiros prémios.

E o negócio dá?

— Mal, mas vai dando. A Casa da Sorte aumentou os impostos e a coisa piorou. Mas com 63 anos, já não posso andar nas obras. E, por pouco que dê, sempre é melhor do que a gente encostar-se a uma esquina...

Esta a gente que vende nas ruas de Lisboa. Gente simples e sacrificada, cujos pregões alegres escondem, quase sempre, dramas íntimos. E que, mesmo assim, prepara um sorriso sem sombras para a objectiva do turista,



É melhor do que encostar-me a uma esquina...

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

11.º CONCERTO

HOJE
ÀS 18 H.

GRUPO A — M/6 ANOS

AMANHÃ
ÀS 21.45 H.

GRUPO B — M/10 ANOS

ORQUESTRA
FILARMÓNICA
DE LISBOA

MAESTRO:
Manuel Ivo Cruz

SOLISTA:
Christa Ruppert
(VIOLINO)

PROGRAMA
SUITE DE S. PAULO
GUSTAVE HOLST

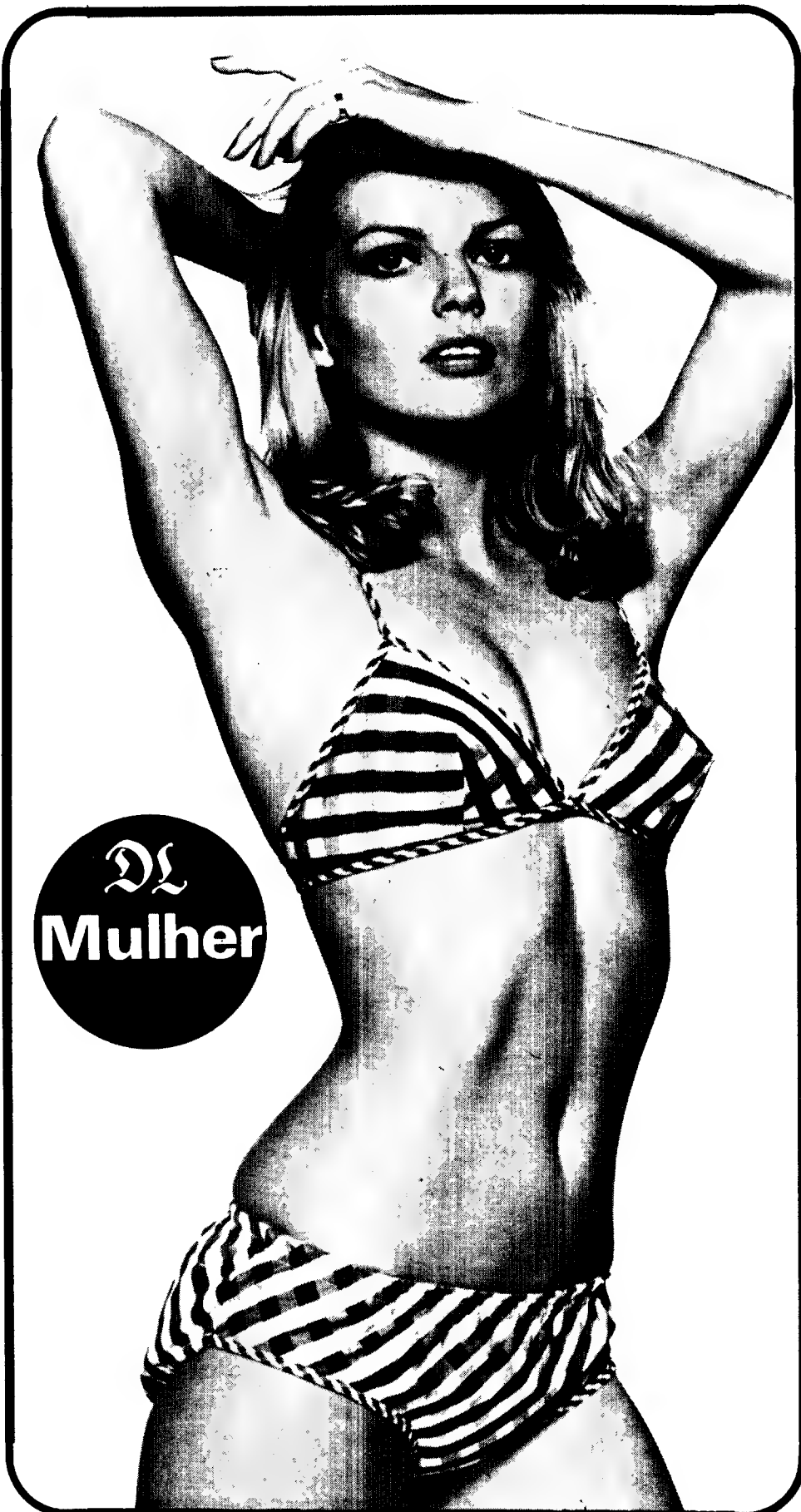
ABERTURA N.º 3
JOLY BRAGA SANTOS

CONCERTO
PARA VIOLINO
BRAHMS

BILHETES DESDE 12550

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA



DL
Mulher

Juvenil como a margarida e preparada para o verão, Christel veste um bikini em algodão xadrez brando e marron



Christel apresenta um conjunto atalhado para a praia: T-shirt curta e shorts



Priscilla Tanner enfrenta o calor com um «bikini» e camisola do mesmo tecido

O NEW-LOOK LONDRINO

Por SUE SNELL «Sun» DL

Não há nada impensado, na Inglaterra, quando se trata de moda. As raparigas mais bonitas de Londres, nesta estação, usarão roupas compradas nas cadeias de lojas de Higt Street.

Houve tempo em que elas só compravam roupas na Woolworth, soutiens na Dorothy Perkins e chapéus nas British Home Stores.

Actualmente encontram roupas baratas nas lojas em cadeia, tão excitantes como as que costumavam comprar, por peças bem mais altas, nas boutiques.

Não há apenas o «new look» nas lojas em cadeia, há também uma nova atitude.

Acabou-se a história da vendedora perguntar a Madame se precisava de ajuda assim que se punha o pé na loja. A gerente de promoções de vendas de Dorothy Perkins, Joan

Oxenham, diz: «Actualmente as nossas vendedoras são treinadas para deixarem a cliente a sós para que possa passear pela loja à vontade. Mas está treinada para perceber o momento em que a cliente necessita de ajuda».

A mudança de estilo deu certo. «As mães que há 20 anos atrás saíam para comprar com as filhas, agora deixam-nas sôzinhas na loja», diz Joan.

Em 1962, quando Dorothy Perkins tinha 176 lojas, o movimento anual foi de 6,3 milhões de libras. No ano passado, quando o total de lojas era de 339 incluindo a Biba a Noel Fashion, o movimento foi de 16,35 milhões de libras.

«Estamos a produzir um «new look» a cada três ou quatro semanas. Há dez anos atrás, variávamos de estação em estação. A

Actualmente fazemos às vezes um ciclo de 14 dias - desde o momento em que as roupas são desenhadas até distribuí-las por todas as nossas lojas. Não podemos nos permitir atrasos que poderiam custar-nos a perda do mercado e a ausência de demanda».

A cadeia C e A Modes lançou com sucesso um novo departamento Sexto Sentido. O objectivo é lidar com linhas mais caras.

Um porta-voz da companhia explicou: «Queremos atrair novos clientes, com mais dinheiro para gastar, bem como as que já compram aqui há anos e desejam algo mais do que a nossa linha habitual».

C e A tem 56 lojas na Inglaterra, 39 na Holanda, 77 na Alemanha, 11 nos Estados Unidos, 11 na Bélgica. E vão abrir sua primeira loja em Paris nesta primavera.



Assim como Christel, Kristin adorou este vestidinho marinho de algodão com pintas brancas e calcinha contrastante



Inicie a sua próxima onda-quente como Chridtel, usando um «Sizzler frock» — o vestidinho curto da foto — com calças do mesmo estampado

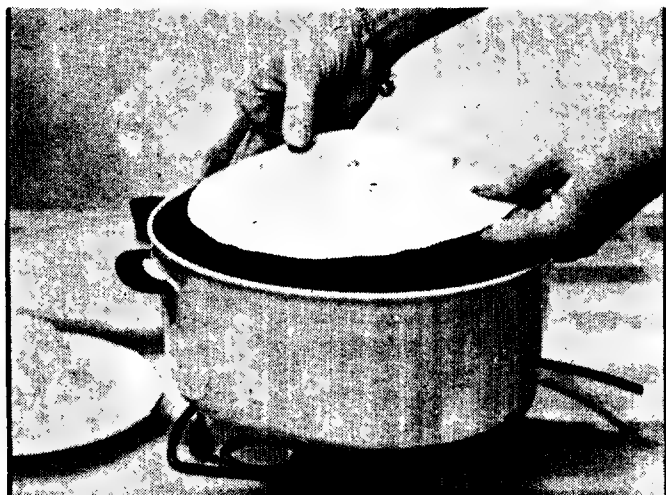


Erica Bergmann veste «soutien» de renda «aubergine» com «bikini» a combinar



Kristin, com aparência juvenil, em um curtinho de algodão vermelho, laranja e branco

CONSELHOS ÀS DONAS DE CASA



Dentro do tacho onde vai cozinhar o arroz coloque um prato com o fundo voltado para cima. Assim, evitará que o arroz fique pegado ao fundo do tacho. Use o mesmo processo com os guisados



Qualquer sopa de carne ficará mais saborosa se lhe adicionar um cálice de vinho momentos antes de sair do lume.



Para dar à sopa de carne uma cor mais escura basta juntar-lhe uma casca de cebola e deixa-la ferver uns minutos



Uns pingos de limão e uma colher de açúcar melhoram o gosto de qualquer guisado que tenha legumes. Experimente e não se arrependerá

OS PERCALÇOS DE RAQUEL

A actriz Raquel Welch partiu um braço ao ensaiar uma cena do seu novo filme, e corre o risco de vir a sofrer nova fractura durante a rodagem da película «The Kansas City Bomber», em que desempenha o papel de campeã de patinagem.

A bela e morena actriz, sentada num restaurante de Beverly Hills em Hollywood, com o braço direito ligado, declarou estar ansiosa por patinar de novo.

«A empresa construiu uma pista de corridas especial para mim, num estúdio de gravação. Essa pista é a mesma que levaremos para Portland, onde todas as cenas de patinagem vão ser filmadas», revelou.

«Adoro fazer eu própria as minhas acrobacias, montar a cavalo, trepar a coisas altas e dar saltos, nos filmes de acção. Tudo isso faz parte dos atractivos da vida de um artista».

Raquel tem de ser prudente ao falar do seu novo filme, que está a ser produzido para a sua própria companhia. Ela usa o termo «jogos de patinagem», pois parece que está registada em nome de outrem a designação «The Kansas City Bomber».

A actriz confessou que usa almofadas, durante as cenas de patinagem, para se proteger.

É certo que a natureza a dotou amplamente com defesas naturais. Mas, para se proteger durante as cenas violentas da corrida de patinagem, as nádegas, cotovelos e joelhos são almofadados com fortes ligaduras.

«Há seis meses que patinava à vontade, antes deste acidente. Quando caí, estava sôzinha na pista e, de repente, desequilibrei-me para trás. Para evitar bater com a cabeça no chão, apoiiei-me sobre o braço direito. Senti uma dor terrível, mas pensei que apenas fosse uma entorse. Duas horas depois, o braço estava inchado e doía-me imenso: era uma fractura. A primeira coisa que eu tive de aprender foi a manter o equilíbrio numa pista inclinada. As curvas têm uma inclinação de 45 graus e quem corre pode sentir-se tonta ao olhar para os pés. Apesar desta fractura atrasar as filmagens durante mais de um mês, foi a melhor coisa que me podia ter acontecido. Agora vou treinar-me nas quedas, durante duas horas por dia. A questão está em saber cair sem nos magoarmos».

Neste filme, Raquel não desempenha o papel característico de sedutora. É uma patinadora que mastiga pastilhas elásticas e se vê envolvida em arruaças e cenas turbulentas.

«Isso dá-me oportunidade de mostrar as minhas qualidades de actriz — declarou — Muita gente pensa que eu só sirvo para fazer papéis em que transparece a minha plástica. Mas, desta vez, vou fazer os possíveis por mostrar o que valho».

Raquel é agora uma rapariga diferente daquela que apareceu no filme «Myra Breckinridge». Sorri e ri abertamente, mais do que nunca.

Ela divorciou-se de Pat Curtis no princípio do ano, e o fim do seu casamento pode ter transformado aquela mulher mal-humorada e reservada numa moça extrovertida e sorridente. Nem que seja só esse o motivo, o certo é que esta transformação é agradável e surpreendente.



Raquel depois da queda

Reduza custos com cabos Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO MACIÇO

ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO MONTAGEM LIGAÇÃO

SOLIDAL CONDUTORES ELECTRICOS, SARL

LISBOA - PORTO - ESPOSENDE (Fabrica)

SCHAUB-LORENZ

TELEVISORES COM GARANTIA

GARANTIA 3 ANOS

MONTE — GORDO RESTAURANTE — SNACK

Aluga-se, situação privilegiada, frente para o mar, grande pátio.

Trata: Trav. do Cavaco, 26 - Tel. 24428 - ÉVORA.

PRÉDIOS COMPRAM-SE

SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO

Resposta a este jornal ao n.º 541.

UMA OCASIÃO ÚNICA PARA A SUA BELEZA?

*Alessio, da MAX FACTOR, estará nos estabelecimentos
EDUARDO MARTINS - Chiado - de 5 a 14 de Abril*



O que pensa a maioria feminina norte-americana

Por
JOHN REISTRUP
«Washington
Post»/«DL»

A americana típica:

1) Não revela ainda grande simpatia pelos «grupos de libertação da mulher», mas é actualmente favorável aos esforços no sentido de melhorar a sua situação.

2) Não se mostra politicamente activa, mas pensa que o país lucraria se a mulher tivesse algo mais a dizer sobre política.

3) Sente-se muito satisfeita com a sua vida e está convencida de que criar os filhos co-

mo deve ser **necessita de tanta inteligência e determinação como desempenhar um lugar de destaque no negócio ou no Governo da nação.**

4) Pensa ser menos provável que uma presidente levasse os Estados Unidos à guerra, mas acha que o país não estará preparado para ter uma mulher na presidência antes de, pelo menos, uma década.

Estas foram algumas das conclusões de um vasto inquérito, recentemente publicado, de que foi encarregada

uma firma americana especializada. O inquérito em questão foi levado a efeito, no fim do ano passado, entre 3.022 mulheres, com 998 homens como grupo «controlo» ou de comparação.

O inquérito incidiu sobre o papel político das mulheres que, segundo a referida firma, poderiam constituir este ano a nova maioria entre os eleitores americanos (coube-lhes 49 por cento dos votos em 1968, a despeito de representarem 51 por cento do eleitorado).

Ainda a opinião da firma que efectuou o inquérito, a **radical reviravolta** nas atitudes em relação aos direitos da mulher constitui mudança fundamental. Da oposição aos **esforços no sentido de fortalecer e alterar a situação da mulher na sociedade** por uma escassa margem de 42 por cento contra 40 por cento em 1970, as mulheres passaram a aprovar esses mesmos esforços por uma substancial diferença de 48 por cento contra 36 por cento, segundo revelou o inquérito.

Este mostrou igualmente **que as mulheres se tornaram uma força política independente**, fazia-se notar no relatório. **Estão actualmente a votar de uma maneira diferente da dos homens. Os seus motivos são diferentes.**

Hoje em dia, revelam uma

inclinação muito maior para **votarem e tornarem-se activas não apenas no seu próprio interesse, mas também no da sociedade, do mundo, e, acima de tudo, por compaixão pela humanidade.**

Quando se liberta uma força como esta, não é provável que possa ser reprimida de novo.

A convicção de que as mulheres são mais compassivas baseava-se no facto de o inquérito ter revelado que mais mulheres do que homens (pelo menos mais um quarto) se sentem **frequentemente perturbadas** pela discriminação racial, o desinteresse pelas pessoas idosas e o drama de alguns americanos que passam fome ou vivem nos bairros de lata das grandes cidades.

Todavia, o inquérito em questão, que ocupava 176 páginas, confirmava igualmente substanciais diferenças de opinião entre as próprias mulheres, nalguns casos de acordo com o seu estado. Assim, 62 por cento das mulheres solteiras e 58 por cento das divorciadas e separadas apoiavam os esforços dos **grupos de libertação da mulher**, enquanto que 51 por cento das mulheres casadas e 51 por cento das viúvas o não faziam.

O inquérito serviu igualmente para demonstrar que as mulheres revelam maior tendência para votar no partido democrático do que os homens. Outro inquérito que punha frente a frente, o presidente Nixon e o senador Edmund Muskie, com o governador do Alabama, George Wallace, como candidato de um terceiro partido teve, por exemplo, o seguinte resultado em fins de 1971: Nixon 42 por cento, Muskie 39 por cento, Wallace 9 por cento, «indecisos», 10 por cento.



to. Em contrapartida, entre os homens, a votação foi a seguinte: Nixon 44 por cento, Muskie, 35 por cento, Wallace 14 por cento, «indecisos» 7 por cento.

O inquérito mostrou também que os homens concordam frequentemente com as mulheres na avaliação da força destas. Assim, 64 por cento das mulheres e 65 por cento dos homens afirmaram que uma presidente se interessaria mais pelos problemas dos pobres e desprotegidos. Entre as mulheres, 58 por cento eram de opinião que seria menos provável uma presidente envolver o país numa guerra. 54 por cento dos homens concordaram.

O curioso, porém, é que o inquérito revelou maior simpatia, por parte dos homens, pelos **grupos de libertação da mulher**. As mulheres rejeitaram estes grupos por 49 por cento contra 39, enquanto que a percentagem entre os homens foi de 42 por cento a favor e 42 contra.

Uma vez mais, as opiniões variaram de acordo com factores como o estado, idade, educação e raça.

A despeito das respostas frequentemente contraditórias, o ponto de vista predominante entre as mulheres sobre a sua situação e os esforços no sentido de a alterarem reflecte-se na maioria de 51 por cento contra 34, a qual está convencida de que as **mulheres têm razão em se sentirem infelizes com o seu papel na sociedade americana, mas estas erradas na maneira como protestam.**

Sejam quais forem as probabilidades de alteração da situação das mulheres, o inquérito revelou invariavelmente uma grande preocupação — entre todas as idades e classes femininas — por um papel tradicional. Metade das mulheres solteiras afirmou pensar frequentemente que **criar os filhos como deve ser necessita de tanta inteligência e determinação como o desempenho de uma posição de destaque no meio dos negócios ou no Governo da nação.** No conjunto, 84 por cento declaram que pensavam

deste modo frequente ou ocasionalmente.

Um número mais elevado de mulheres do que homens (58 por cento em comparação com 49 por cento) declarou-se **muito satisfeito** com as suas vidas.

A grande maioria das mulheres **raramente pensava** que teria recebido uma educação melhor ou conquistado uma posição melhor na vida se tivesse nascido homem, e 78 por cento **raramente pensavam** que o **facto de ser uma mulher me impediu de fazer alguma das coisas que esperava fazer na vida.**

Cerca de metade das mulheres (52 por cento) e dos homens (49 por cento) disse que os preconceitos afastam as mulheres dos lugares mais importantes no meio dos negócios, enquanto que os restantes ou discordaram ou se mostraram indecisos.

O inquérito incluía «perfis verbais» de cada um de sete possíveis candidatos à presidência deste ano. Eis os quatro atributos que as mulheres usaram mais frequentemente para os descreverem:

Nixon: «inteligente» (33 por cento); «bom chefe de família» (31 por cento); «experiente» (30 por cento); e «franco» (23 por cento).

Muskie: «franco» (28 por cento); «inteligente» (25 por cento); «honesto» (20 por cento); e «bom orador» (19 por cento).

Edward Kennedy: «inteligente» (30 por cento); «bom orador» (29 por cento); «bem parecido» (21 por cento); e «aberto a novas ideias» (18 por cento).

Wallace: «tacanho» (32 por cento); «franco» (18 por cento); «ardiloso» (16 por cento); e «corajoso» (14 por cento).

Hubert Humphrey: «inteligente» (25 por cento); «experientado» (25 por cento); «honesto» (20 por cento); e «bom orador» (19 por cento).

John V. Lindsay: «bem parecido» (22 por cento); «bom orador» (21 por cento); «inteligente» (20 por cento); «aberto a novas ideias» (12 por cento); «bom orador» (11 por cento).

**Refrigeração
Ar Condicionado**

LIMITADA

Tem a honra de possuir na sua «Lista de Referências» os Navios da Frota Bacalhoeira Portuguesa, a quem deseja Boa Viagem e Boa Pesca:

**ANTÓNIO PASCOAL
AVÉ MARIA
BISSAIA BARRETO
CELESTE MARIA
CONCEIÇÃO VILARINHO
CREOULA
ILHAVENSE
LUIZA RIBAU
LUTADOR
NEPTUNO
NOVOS MARES
RAINHA SANTA
RIO ANTUÁ
SANTA MARIA MANUELA
SANTIAGO
SÃO JORGE
VILA DO CONDE**

Exposição e Vendas: Largo de Santos, 4-A
Oficinas e Assist. Técnica: Jardim 9 de Abril, 18-20
Telef. PPCA 690011/2/3
L I S B O A

Elisa Vieira da Cruz Vaz Perdiz

Missa do 7.º dia

Luís Vaz Perdiz, Maria Elisa Vieira da Cruz Vaz Perdiz dos Santos Macedo e seu marido Augusto dos Santos Macedo, Luís Manuel Vieira Vaz de Macedo e sua mulher, Mário Vieira Vaz de Macedo, irmãos, cunhadas, sobrinhos e mais família, participam que amanhã, dia 10, pelas 18,30 horas, na Igreja do Campo Grande será rezada missa por alma de sua muito querida mulher mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

CATHERINE DENEUVE

no filme de
LUIS BUÑUEL
TRISTANA
amor perverso

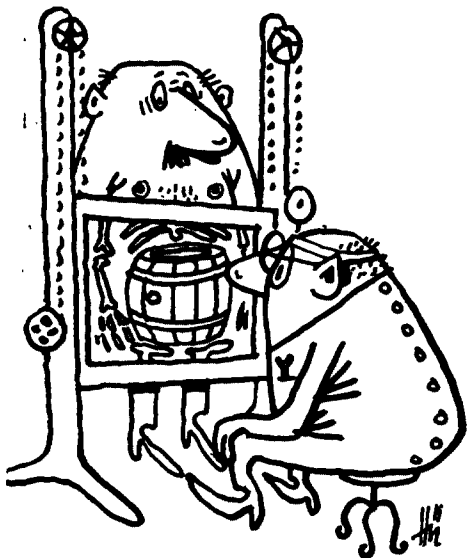
companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«UIGÉ» a sair em 14 de Abril às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, S. TOME, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega a 9/4.
«LUANDA» a sair em 20 de Abril	Com escala por Leixões para: S. TOME, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 16 a 18 de Abril.
«IMPÉRIO» a sair em 25 de Abril às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOME, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 17 a 20/4.
«LOBITO» a sair em 30 de Abril	Vindo do Norte da Europa, com escala por Leixões, para: PRINCEPE (*), S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, PORTO ALEXANDRE (*), NOVO REDONDO (*) e PORTO AMBOIM. Carrega de 24 a 27/4.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 10 de Abril e 15 de Maio às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.

(*) SE NECESSÁRIO.
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8 * PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

CIÊNCIA



TAMBÉM SE MORRE DE CHOQUE

«Loma Linda» (Califórnia) — As células do corpo vivem na mesma espécie de envoltório de líquido salino em que as primeiras formas unicelulares de vida se desenvolveram, afirma um cirurgião de Chicago.

E quando o sistema que fornece este líquido às células falha, o resultado desta falha chama-se choque, e é rapidamente fatal se não for tratado.

O Dr. William Schumer, professor de cirurgia na Universidade de Illinois, diz ser o plasma sanguíneo, um líquido salgado como a água do mar, que fornece os nutrientes às células e as liberta das suas impurezas.

Acrescentou que as pessoas se preocupam com a possibilidade de morrer de cancro, doenças de coração e infecção, mas do que realmente morrem é de choque. O choque é o resultado final de todos estes problemas, quer dizer, é o resultado final excepto para a própria morte.

O Dr. Schumer explicou que há muitas espécies de choque, tendo indicado três especialmente comuns. São elas: o choque cardiogénico, causado pela impossibilidade do coração de manter a circulação sanguínea; o choque hipovolémico, causado pela perda maciça de sangue como, por exemplo, nos acidentes de automóvel; e o choque bacterémico, causado por uma perda de sangue através das paredes dos vasos sanguíneos provocada por infecção.

Contudo, todo o choque é o resultado de uma falha no fornecimento do oxigénio nutriente às células do corpo.

As células foram-se reunindo por evolução, formando organizações tais como os órgãos, mas cada célula individual, apesar disto, continua a viver na mesma espécie de ambiente em que viviam as células que se desenvolveram nos oceanos — disse Schumer.

Deste ambiente, no caso da massa celular do plasma sanguíneo, é que as células obtêm o oxigénio. Quando o não con-

seguem obter, começam a morrer e o paciente entra em choque.

Disse Schumer haver um tempo limite para além do qual as células não podem ser ressuscitadas.

A evolução providenciou para que o corpo desenvolvesse um sistema de prioridades para enfrentar as emergências, continuou Schumer. O cérebro está em primeiro lugar na escala de prioridades. Segundo o cirurgião de Chicago, seguem-se os órgãos vitais: coração, pulmões, fígado e rins. Os outros, aqueles cuja falha não significa morte imediata, têm uma prioridade baixa.

Quando o sangue deixa de chegar às células, e o fluxo de oxigénio baixa, o corpo corta o fluxo sanguíneo para os órgãos não vitais e dá a preferência ao cérebro e aos outros órgãos vitais, disse ainda.

Para salvar as vidas dos pacientes em estado de choque, os médicos têm de tirar vantagem completa desta pequena derivação fornecida pela Natureza.

O problema é iniciar a ressuscitação enquanto os órgãos vitais estão ainda relativamente não afectados pela falta de oxigénio — concluiu Schumer.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

ASSISTENTES TÉCNICOS

Empresa de Lisboa, fabricante e instaladora de centrais de vapor, deseja para admissão imediata, pessoal qualificado, destinado a trabalhar em Lisboa e Zona Sul do País. Resposta a este jornal ao n.º 544.

BARREIRO

O Banco Totta & Acores, a partir de 10 de Abril, transfere para novas e modernas instalações, dotadas de cofre nocturno e de cofres de aluguer, na

Av. Alfredo da Silva, 138 — Telef. 227 22 55 - 227 40 70
a sua agência que funcionava na Rua D. Manuel I, 5-E.

BARREIRO



BANCO TOTTA & ACORES

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES ALTO ALENTEJO - BAIXO ALENTEJO

A partir de 9 de Abril de 1972

6-10 13-05 18-35 22-00
6-20 13-12 18-41 22-06
6-41 13-25 18-55 22-22

7-08 13-30 19-05 22-45
7-23 13-48 19-21 22-59
7-46 14-18 19-48 23-21

8-19 14-45 20-21 0-40
8-50 15-15 20-51 1-08

8-53 15-19 20-55 1-21
9-20 15-48 21-24 1-57
9-41 16-11 21-47 2-25
9-59 16-30 22-06 2-48

10-37 3-39
11-10
11-07 4-17

P Vila Viçosa C A
P Borba C
P Estremoz C (A)

P Reguen. Monsaraz C
P Montoito C
P Machede C

P Évora C
C Casa Branca P

P Vila N. Baronia P
C Cuba P
C Beja P

C Serpa-Brinches P
C Pias P
C Moura P

C C. V. Almodôvar P

C Aljustrel (*) P

C Funcheira P

12-23 17-53 23-45
12-16 17-47 23-37
11-59 17-29 23-15

8-49 11-39 17-12 22-30
8-29 11-23 16-52 22-15
7-51 10-57 16-26 21-55

7-17 9-31 10-30 16-00 21-35 23-11
6-45 9-05 10-00 15-30 21-05 22-45

5-56 8-53 15-18 20-53 22-35
5-21 8-24 14-49 20-24 22-07
4-54 8-00 14-25 20-00 21-46
4-31 7-40 14-05 19-40 21-26

7-36 13-18 18-53
7-14 13-03 18-38
6-45 12-40 18-15

3-42 20-21

20-15

3-00 20-10

(A) — Não se efectua aos domingos e feriados oficiais àqueles equiparados. Todas as restantes circulações se efectuem diariamente.

(*) — Esta estação só é servida nos dias úteis.

Para o Renault 16 as estradas são todas iguais



Estradas sinuosas ou não, molhadas ou secas, de lombas pronunciadas ou normais, bem ou mal pavimentadas – para o RENAULT 16 é tudo igual.

As estradas não estão com o mesmo humor todos os dias, mas o RENAULT 16 está sempre com a mesma disposição. Com as suas rodas independentes, a sua suspensão de grande amplitude e as suas longas barras de torsão, O RENAULT 16 «nivela» todas as estradas.

Isto – é preciso dizê-lo – sem sacrifícios de segurança, de conforto ou de performance.

Dotado de travões de disco, dum motor de 1565 cm³ que pode

classificar-se de brilhante e duma estabilidade a toda a prova, o RENAULT 16 foi concebido para estrada – esteja ela como estiver – e para os condutores exigentes.

Com o RENAULT 16 conduzirá de espírito tranquilo e não se preocupará com a estrada.

Tracção à frente – 1565 cm³ –
71 CV SAE – 155 Km/h – 9,8 lts./100.



adap. PUBLIARTE

Montados e Distribuidos pelas **INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, sarl**
Importadores Gerais para Portugal

DL
POLICIAL

Os grandes crimes deste século

DOIS CADÁVERES NUS

Na noite de 31 de Dezembro de 1962, Kenneth Nash e a mulher reuniram na sua pequena casa de campo, em Chastwood, perto de Sydney, um grupo bastante numeroso e animado. Nash não possuía fortuna, mas o seu cargo de chefe do laboratório fotográfico da CSIRO permitia-lhe um bom nível de vida.

Os convidados eram, na sua maioria, colegas de trabalho na Commonwealth Scientific and Industrial Research Organization, cuja importância ultrapassava as fronteiras da Austrália. O centro efectuava pesquisas em todos os campos da desintegração nuclear, pelo que tanto o governo inglês como o dos estados membros mantinham contactos permanentes a respeito do seu funcionamento.

Segundo um velho uso colonial britânico, cada convidado era obrigado a contribuir para o sucesso da noite com algo de pessoal. O dr. Gilbert Bogle, físico da CSIRO (que apesar de ter apenas 38 anos desempenhava já um cargo de destaque na organização) foi o que melhor distraiu o grupo com as suas piadas. O dono da casa perguntou-lhe se ele estava tão à vontade por a esposa não se encontrar presente. Bogle negou. A mulher não o acompanhara porque o filho mais novo adoecera.

A passagem do Ano apagaram-se todas as luzes. Quando voltaram a acender, Nash notou que o dr. Bogle se afastou bruscamente da senhora Chandler.

A música, as bebidas, a dança, fizeram o tempo correr depressa. Por volta das três horas o dr. Bogle discutia acaloradamente com o dr. Chandler. Pouco depois, o dono da casa, ao servir uma cerveja, viu no quarto contíguo o dr. Bogle e a sr. Chandler falando baixo. Meia hora depois, ao procurar por eles, não os encontrou. Às quatro, alguns convidados perguntaram pelo físico e pela sr. Chandler. Ninguém os viu.

O dr. Chandler disse que provavelmente a mulher tinha pedido ao colega para a levar a casa. A explicação satisfaz os presentes e todos voltaram à animação anterior.

OS CORPOS

Na manhã do dia um de Janeiro de 1963 dois carregadores de sacos seguiam pela estrada ao longo do Rio Lane Cove, em direcção ao campo de golfe de Chastwood. Ao passarem por um banco de areia viram um homem a dormir no chão. Andaram um pouco quando um deles parou. Como podia um homem dormir com o rosto enterrado no chão? Talvez se tivesse sentido mal e necessitasse de auxílio... voltaram atrás. O homem estava morto.

Os jovens correram à aldeia e avisaram a polícia que chegou ao local doze minutos mais tarde. A seguir chegaram os peritos da Comissão Criminal. Os detectives A. Clarke, F. Day e J. Bateman, do CIB, sob o comando do chefe Walden, iniciaram imediatamente as investigações. Não verificaram sinais de morte violenta, mas apenas uma série de pequenas circunstâncias que afastavam a hipótese de morte natural. O homem estava despedido e

descalço. A camisa e o fato tinham sido postos cuidadosamente por cima do corpo.

No chão apenas se viam as pegadas dos dois carregadores e dos polícias. A cerca de nove metros do cadáver os investigadores depararam com um novo corpo inerte. Tratava-se de uma mulher coberta com pedaços de papelão. Estava também despida. No chão podia distinguir-se a presença de vários fragmentos de uma substância misturada com a terra. O exame, feito no carro laboratório, revelou tratar-se de resíduos de alimentos vomitados. A alguns passos da morte havia um pequeno tapete velho embebido de óleo.

Os cadáveres puderam ser identificados pelos documentos que traziam consigo: dr. Gilbert Bogle, físico, director da CSIRO, e sr. Chandler, mulher do dr. Chandler, assistente também da CSIRO.

O detective Walden, reconhecendo a importância do caso, informou pela rádio o comissário do departamento policial de New Wales, sr. Allan. Assim começou uma das acções policiais mais extensas e radicais da história criminal de Sydney. Por precaução, o chefe da polícia pediu a cooperação do professor universitário dr. Ogg e do médico legista dr. Laing do Serviço Científico da Justiça. A morte do par não podia ser atribuída a agressão física. Talvez se tratasse de suicídio duplo ou de assassinio seguido de suicídio.

ENVENENADOS

Malden fez um relato para a Promotoria de Sydney para de se iniciarem os passos legais. Mandou remover os cadáveres para o Instituto de Medicina Legal onde foi prepara-

da a autópsia. Se o resultado fosse, conforme se esperava, «morte por envenenamento», era da maior importância saber a espécie de veneno empregada.

A uma distância de aproximadamente cento e cinquenta metros os detectives descobriram um carro abandonado, um «Ford Prefect» de duas portas bastante usado. Os papéis do veículo, encontrados no porta-luvas, estavam no nome do dr. Gilbert Bogle.

Entretanto os jornalistas descobriram o caso e o «Mistério do Rio Lane Cove» ganhou as primeiras páginas, ocupando-as durante semanas. Os melhores investigadores da polícia foram mobilizados pelo comissário Allan mas nem todas as suas conclusões foram até hoje reveladas. O problema mais importante continua a ser a verdadeira causa do crime...

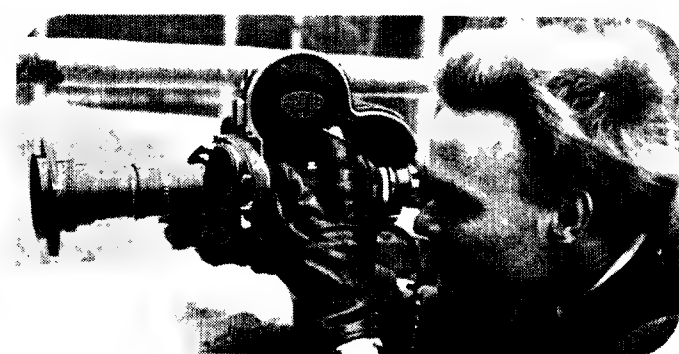
A reconstrução pormenorizada do sucedido eliminou por completo a suposição de se tratar de um assassinio seguido de suicídio. Nem o dr. Bogle podia ter-se suicidado depois de envenenar a sr. Chandler, nem o inverso era possível.

O facto de os corpos terem sido cobertos com as suas roupas depois da morte, indicava, obviamente, a presença de outra pessoa e, por conseguinte, um assassinio duplo.

Todos os participantes do reveillon de Kenneth Nash e muitas outras pessoas amigas e conhecidas de Bogle, foram submetidos a interrogatórios pormenorizados, sem, no entanto, revelarem informações úteis para o caso. O anfitrião da casa e os seus hóspedes tinham o alibi comum de terem estado juntos. Com efeito, ninguém saíra à excepção do dr. Bogle e da sr. Chandler...

«GELO SECO»

Aparentemente, o dr. Bogle conhecia a sr. Chandler nessa noite. Não se sabia de encontros seus anteriores, nem



Os protagonistas do mistério que perdura

morte dado que o «gelo seco» exala monóxido de carvão, que é mortal e não pode ser detectado passadas algumas horas.

O MOTIVO

O dr. S. Weiner, da Universidade de Sydney, foi o primeiro a chamar a atenção para a possibilidade de ter sido empregue o veneno de um peixe que aparece com relativa frequência nos esgotos de Queensland. O dr. Robert Endean, zoólogo e autoridade mundial no assunto, demonstrou, através de experiências feitas com animais, que uma dose mínima extraída do ferrão desse espécime marinho tem efeito mortal. A quinta parte de um miligrama é suficiente para matar um mamífero de 30 quilos sem deixar quaisquer vestígios!

A polícia recorreu a todos os institutos especializados em pesquisas de venenos, para obter esclarecimentos. As respostas, no entanto, não trouxeram qualquer luz.

Uma sugestão vinda de Londres forneceu uma hipótese: o veneno teria sido injectado na pelo por meio de um aparelho de pressão, tipo pistola. Experiências feitas no Instituto Butantan, no Brasil, demonstraram que muitos venenos (de certas cobras, aranhas e animais semelhantes) são impossíveis de detectar quando administrados pela membrana mucosa dos olhos. Basta deitar uma quantidade mínima de semelhantes venenos Basta deitar uma quantidade mínima de semelhantes venenos no olho de uma cobaia para lhe produzir morte instantânea. Devido à dissolução rápida do veneno não se consegue encontrar depois vestígios.

Tão importante, porém, como descobrir o tipo de veneno utilizado, era perceber a causa, o motivo, a razão plausível das mortes.

CONTACTOS SECRETOS

A morte do dr. Bogle e da sr. Chandler resultara, e disso não havia dúvidas, de um assassinio cuidadosamente executado.

O dr. Gilbert Bogle trabalhava em assuntos de Física Nu-

clear. Examinando em pormenor as suas actividades podia perceber-se que havia feito descobertas extraordinariamente importantes no campo dos raios Laser. Poderiam levar, a serem continuadas, à modificação radical do sistema de defesa contra foguetões militares. Pode, por isso, avaliar-se a atenção que os círculos americanos atribuíam aos seus estudos. A companhia Bell Laboratories, por exemplo, assinara com ele um contrato altamente remunerado. O dr. Bogle deveria em breve assumir as funções de director do Departamento de Desenvolvimento de Armas de Defesa. A morte arrebatou-o algumas semanas antes de partir para os Estados Unidos.

Surgiram naturalmente duas hipóteses:

O dr. Bogle poderia ter estado belecido contactos secretos com outra(s) potência(s) e ser morto pelos seus agentes em virtude da mudança de trabalho;

O dr. Bogle poderia ter sido vítima de um plano secretoamente preparado para o afastar das suas pesquisas.

A primeira hipótese era refutada pelas investigações feitas pelos Serviços Secretos Americanos.

Mas como era explicada a morte da sr. Chandler? Seria devida a mero acaso...?

INTERROGAÇÕES

Teriam os assassinos notado que corriam perigo? Teriam eles morto o cientista depois de verificarem ser impossível aarrancar-lhe informações? Será que eles se desfizeram da sr. Chandler receando que ela os identificasse mais tarde?

Será que os pormenores, à primeira vista insignificantes (como o tapete do carro ao lado do cadáver, as roupas arrumadas cuidadosamente sobre os corpos nus) foram premeditadamente postos para estabelecer a confusão? Porque foram despidos os cadáveres? Procurariam os assassinos algo sob as roupas?

As investigações não tiveram resultados positivos e até hoje desconhece-se ainda a resposta a estas interrogações.

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

UM DUELO DE GIGANTES

KIRK DOUGLAS YUL BRYNNER
SAMANTHA EGGAR

OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO

Produção de KIRK DOUGLAS
Realização de KEVIN BILLINGTON

JEAN CLAUDE DROUOT FERNANDO REY RENATO SALVATORI MASSIMO RANIERE

AMANHÃ ESTREIA AS 21,45

PANAVISION EASTMANCOLOR

CONDES GRUPO B 10 anos

Kingfisher Vinyl

PAPEL MODERNO
PARA REVESTIMENTO DE PAREDES.
NOVOS PADRÕES — NOVAS CORES.
COLEÇÃO 1972/73

Pessoal Técnico especializado
para assentamento

OXIDEX

Av. João Crisóstomo, 10-B — Telef. 53 23 83

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

Avenida Elias Garcia, n.º 123-2.3
Telefone 765023/24
LISBOA

RECTIFICAÇÃO AO AVISO CONVOCATORIO

Rectifica-se a data da Assembleia Geral Ordinária, para APRECIACÃO DO RELATORIO E DAS CONTAS relativas ao ano de 1971, marcada inicialmente para o dia 5 do corrente e agora transferida para o próximo dia 11 do mesmo mês, às 20,30 h. no Centro Social do Sindicato - R. da Palma, 278-2.º, em Lisboa.

Não havendo número legal, a Assembleia funcionará meia hora mais tarde, deliberando com qualquer número de sócios.

Só podem fazer parte da Assembleia os sócios que tenham pago as suas quotas durante os doze meses antecedentes.

A qualidade de associado deve ser comprovada com a apresentação do cartão de sócio.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, (a) Ernesto Gil de Oliveira

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO
NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA
A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas
de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc.,
e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta
toda a assistência até total reembolso do capital
empresado.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA EM 1933

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000\$00

LISBOA—R. do Ouro, 292-1.º (Eq. com o Rossio)—Telef. 36 93 84/5/6
PORTO—R. Passos Manuel, 14-1.º —Telef. 2 03 44/5/6

PARA O PERÍODO
DE 9 a 15
DE ABRIL



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Não se precipite em questões de amor ou de simples amizade. Nas resoluções que tiver de tomar e que digam respeito à família ou a amigos seja paciente, a fim de evitar perturbações de harmonia.

DINHEIRO: As influências para esta semana não favorecem as suas possibilidades financeiras, nem tão-pouco a sua inspiração em tal aspecto. Acautele-se e não se aventure demasiado, procure agir mas só dentro de certos limites.

PROFISSÃO: Use de cuidado nos seus negócios e iniciativas que por ventura venha a tomar, pois pode ter surpresas desagradáveis. O mais aconselhável é continuar com os afazeres habituais e evitar novas responsabilidades.

SAUDE: O esgotamento abalar-vos-á se não reduzirdes um pouco os vossos afazeres. Cuidado, porque as influências astrais neste período são-vos contrárias.

PEDRAS PRECIOSAS: Rúbi e Ametista - Cores: Encarnado e roxo - Flores: Violeta e Rainúculo.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Encontrará felicidade no amor e nas amizades. A sua influência astrológica concede-lhe boa disposição e simpatia, o que muito contribuirá para tornar as relações muito agradáveis.

DINHEIRO: Observa-se a possibilidade de vir a conseguir um certo aumento monetário. Pode advir-lhe lucros ou situações interessantes por notícias ou escritos.

PROFISSÃO: Propício para fazer alterações no seu meio profissional. Se pensa viajar para ocupar outra missão, esta é a altura indicada.

SAUDE: Dentro das suas condições físicas o período será esplêndido.

PEDRAS PRECIOSAS: Safira, azul, ágata e esmeralda; Cores: Todos os tons de azul e verde; Flores: Lilás e orquídea.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Conviria que durante esta semana reduzisse um pouco os seus hábitos normais, isto é, adoptasse atitudes calmas, sacrificando um pouco da sua actividade normal em benefício dos seus familiares. Não dê azo a indisposições e coíba-se de aventuras amorosas.

DINHEIRO: Neste sector o seu campo de acção será igualmente limitado. Contudo, o ensejo de despesas será em escala crescente. Só pode contar apenas com o seu próprio esforço.

PROFISSÃO: Os astros aconselham calma e reflexão na sua vida profissional. Quanto mais sensatez e reflexão houver da sua parte durante esta semana mais lucrará. Sob as actuais influências colherá simplesmente o que semear. Isto é, o seu sucesso ou desdita dependerá da atitude que tomar.

SAUDE: Durante esta semana não deve menosprezar as suas condições físicas, pelo contrário, a sua saúde deve merecer-lhe toda a atenção.

PEDRAS PRECIOSAS: Esmeralda e berilo; Cores: Matizes do azul e do cinzento; Flores: Jasmim, narciso e margarida.

horóscopo

pelo
astrologo
HORUS



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Possibilidades de desentendimentos e incompatibilidades. No amor procure evitar os actos ousados e reprimir a impulsividade. Deve, por outro lado, evitar uma atitude irreflectida para com os seus familiares.

DINHEIRO: A sua disposição astrológica, prognóstica prejuízos em negócios ou iniciativas individuais. Os empreendimentos em coligação dão melhor interesse.

PROFISSÃO: Na azáfama profissional será notório um certo nervosismo. Como sempre, nestes casos, parecerão multiplicar-se os estorvos do que acusará não a falta de sangue-frio, mas sim o seu infortúnio.

SAUDE: Embora no seu conjunto esta semana seja favorável para a saúde, também não há a recear perturbação de gravidade.

PEDRAS PRECIOSAS: Esmeralda; ágata e rubi; Cores: Azul, branco e cor de prata; Flores: Rosa, miosotis, açucena.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: As suas condições sentimentais sobretudo no plano amoroso, serão um pouco delicadas. Tudo deverá ser tratado e encaminhado à base da boa compreensão e da amabilidade. Evite tanto quanto possível discutir.

DINHEIRO: Convém usar de persistência e afino, porque o período não é de todo desfavorável aos seus interesses económicos e à sua actividade geral, financeira. O ideal será organizar a sua vida de maneira a não precisar de criar novos compromissos.

PROFISSÃO: Avance com coragem e obterá maior rendimento e progresso. Propício ao desenvolvimento das iniciativas pessoais e para receber convites de comparticipações em novos trabalhos.

SAUDE: Aconselha-se uma boa precaução com a saúde. Esteja vigilante contra qualquer perturbação nas suas condições físicas.

PEDRAS PRECIOSAS: Brilhante, rubi e topázio; Cores: Verde-claro, dourado e alaranjado; Flores: Gardénia e malmequer.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Os prognósticos para a vida amorosa e sentimental são-lhe favoráveis. Tudo o que se refira ao amor atravessa um período agradável e muito afectuoso.

DINHEIRO: Excelentes oportunidades para conseguir realizar, com relativa facilidade, as suas empresas de carácter financeiro, mas convém não esquecer que as despesas devem ter um limite.

PROFISSÃO: Está no caminho do progresso. A sua actuação suscitará interesse nos seus superiores que de bom gosto o ajudarão. Saiba retribuir da mesma forma.

SAUDE: Os influxos astrais que incidem sobre si, durante esta semana, são indicio de que desfrutará de bons aspectos na vida física.

PEDRAS PRECIOSAS: Granada, jaspé e turquesa; Cores: Todos os matizes de azul e vermelho; Flores: Narciso e margarida.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: No plano afectivo as coisas não evoluirão de maneira a proporcionar-lhe grandes satisfações; pelo contrário, trata-se de um período durante o qual poderão surgir complicações de certa importância na sua vida sentimental e familiar. Em face de qualquer perturbação da harmonia ou oposição, reaja, com prudência, a fim de evitar rompimentos de relações.

DINHEIRO: Os projectos ou negócios que realizar não lhe darão a satisfação que deseja. Seja prudente, pois estão-lhe indicadas perdas e insucessos.

PROFISSÃO: Não se entusiasme com propostas que lhe sejam oferecidas, pois muitas destas não passarão de quimeras. Continue no cumprimento da sua missão.

SAUDE: Use de cuidado em todos os actos da sua vida, a fim de não ter surpresas desagradáveis; ou acidentes, de resto sem gravidade.

PEDRAS PRECIOSAS: Diamante, lápis-lazuli e esmeralda; Cores: Verdes-claro e azul celeste; Flores: Rosa, jasmim, violeta e lírio.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: O momento é propício para recompor situações discordantes. Todo e qualquer ressentimento ocasionado por factos ocorridos no passado, encontrará agora boas possibilidades de harmonia.

DINHEIRO: Experimentará alguma melhoria económica. A sua acção cautelosa nos negócios poder-lhe-á proporcionar ganhos interessantes. Aproveite a ocasião para melhorar um pouco o seu nível de vida.

PROFISSÃO: A semana é indicada para empreendimentos de natureza variada, mas muito especialmente para aqueles que se identifiquem com as artes, pintura, escultura e música.

SAUDE: Durante este período esforce-se para se distrair e descansar convenientemente.

PEDRAS PRECIOSAS: Água-marinha, ágata e topázio; Cores: Vermelho e seus matizes, azul marinho e creme; Flores: Dália, rainúculo e rosa.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Bons entendimentos familiares e harmonia nos casos amorosos e nas relações de amizade. As influências deste período proporcionar-lhe-ão alegria e ventura nas amizades. Enfrente, pois, com decisão as dificuldades que se lhe depararem em tal aspecto.

DINHEIRO: O período é benéfico para as finanças, há boas possibilidades de conseguir lucros interessantes ou dinheiros inesperados.

PROFISSÃO: Favorável para desenvolver e fazer bons negócios. As viagens em missão profissional têm boa oportunidade de se realizarem. Seja indulgente para com as faltas dos seus servidores.

SAUDE: A semana é um tanto favorável à saúde e propícia aos alívios. Assim, se o seu estado de saúde tem acusado um certo desequilíbrio, tem agora oportunidade de registar acentuadas melhoras.

PEDRAS PRECIOSAS: Topázio, granada e turquesa; Cores: Azul, verde e matizes do vermelho; Flores: Rosa, jasmim e violeta.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Gozará de influências que lhe proporcionarão boa harmonia entre a família, e nos seus interesses de coração, à medida que forem avançando os dias, o caso sentimental que lhe tem merecido interesse proporcionar-lhe-á o encontro ambonado.

DINHEIRO: Trabalhe com afino, se possível mais do que o habitual, porque o período é excelente para ganhos. Esforce-se e não se arrependa.

PROFISSÃO: Se trabalha num escritório o seu trabalho será muito absorvente nesta altura, e os dias parecer-lhe-ão demasiado longos. Se se dedica ao comércio ou a qualquer outra profissão, está sensivelmente sob as mesmas influências.

SAUDE: Durante este período deve precaver-se, principalmente, contra os resfriamentos.

PEDRAS PRECIOSAS: Onix, turquesa e granada; Cores: Marron, vermelho e verde esmeralda; Flores: Jasmim e violeta.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Semana de boa disposição de agradáveis convívios. Em todos os assuntos sentimentais, encontrará um clima feliz. Os amores são-lhe propícios e a disposição é portanto excelente.

DINHEIRO: Terá bons interesses de dinheiro aplicado em imóveis. As amizades podem conduzir a empresas lucrativas, no entanto, os astros advertem, contra os empreendimentos de carácter arriscado.

PROFISSÃO: A actividade profissional estará acima do normal. Bom para fazer conferências, reuniões e tratar dos casos delicados. Aproveite o tempo livre para ampliar os conhecimentos em relação à sua especialidade ou ao cargo a desempenhar.

SAUDE: Um dos cuidados que deverá ter durante a presente semana, é principalmente com o regime alimentar.

PEDRAS PRECIOSAS: Safira celeste, ametista e água marinha; Cores: Grenat, azul e verde-escuro; Flores: Tulipa, açafraão e dália.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: O barómetro sentimental para esta semana indica um período bastante propício e favorece as empresas em prol do amor e da família. Tudo o que diga respeito ao lar está sob bons aspectos.

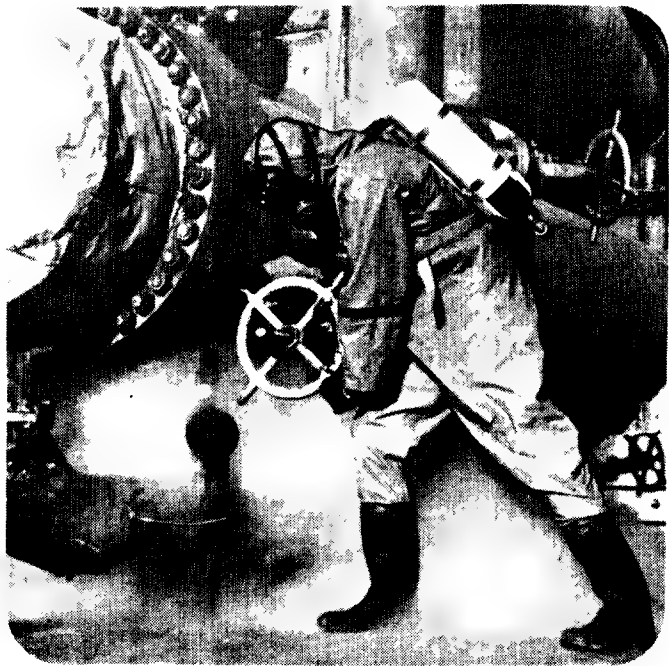
DINHEIRO: As influências astrais que incidem particularmente neste capítulo são auspiciosas. A boa protecção de amigos, durante esta semana, contribui para alcançar a estabilidade financeira.

PROFISSÃO: Todos os empreendimentos relacionados com as artes e criações originais neste período resultam muito lisonjeiros. Dê prioridade ao seu trabalho habitual.

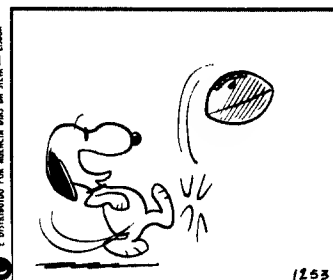
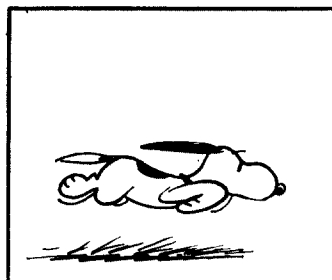
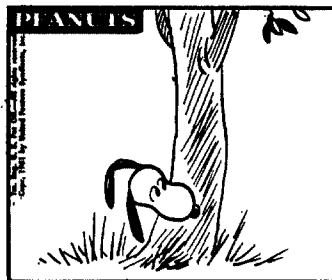
SAUDE: Embora não seja um período abertamente favorecido neste campo, não há a recear nada de grave.

PEDRAS PRECIOSAS: Ametista e ágata; Cores: Azul, verde e seus matizes; Flores: Jasmim e amor-perfeito.

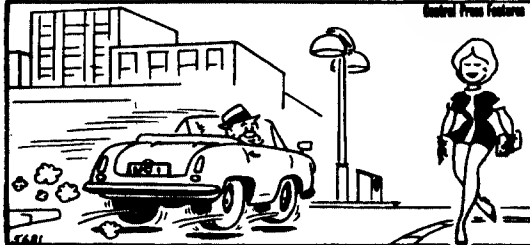
Contra o amoníaco



O novo «Amonia Cheater» é o primeiro traje protector fabricado na Grã-Bretanha para trabalhar com amoníaco líquido, soda cáustica, fenol líquido e ácidos sulfúrico, hidrocloreídrico e nítrico em temperaturas de até 30 graus centígrados. Totalmente confeccionado em nylon revestido de cloro isolante, dispõe de luvas e botas de borracha vulcanizada e de máscara protectora com ampla visão. O modelo foi experimentado e desenvolvido pelo Departamento de Segurança Industrial da Imperial Chemical.



CAROL DAY — Emergency!



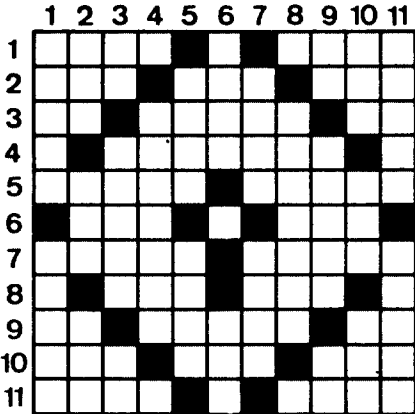
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10 057

HORIZONTAIS:

- 1 Babadouro (pop). Médico inglês autor de estudos célebres sobre as doenças das vértebras lombares.
- 2 Rate. Tomba. Origem.
- 3 Artigo definido. Transpõe. Prefixo de negação.
- 4 Embaciara. Artigo definido.
- 5 Carrega. Mover os remos.
- 6 Curso de água natural e abundante. Pronome pessoal.
- 7 Ventosidade. Calosidades. (Inv.)
- 8 Prefixo que designa ar, Pega.
- 9 Niquel (s.q). Hino em que se enaltece ou agradece a Deus. Cobre (s.q).
- 10 Fluido aeriforme. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Duzentos e cinco em romano.
- 11 Aversão. Resta.



VERTICAIS:

- 1 Cidade de Portugal. Puna.
- 2 Preposição e artigo definido (pl). O mesmo que três. Seguias.
- 3 Bário (s.q). Rio do Brasil. Escândio (s.q).
- 4 Trouxas.
- 5 Rosto. Cidade da Argélia.
- 6 Emparelhe. Artigo definido. Liga.
- 7 Rio da Alemanha. Caruma.
- 8 Areento.
- 9 Grande ribeira da Ásia russa. Afia. Cento e um em romano.
- 10 Rio da Escócia. Pega. Trezentos em romano.
- 11 Devoção. Água que cai da atmosfera.

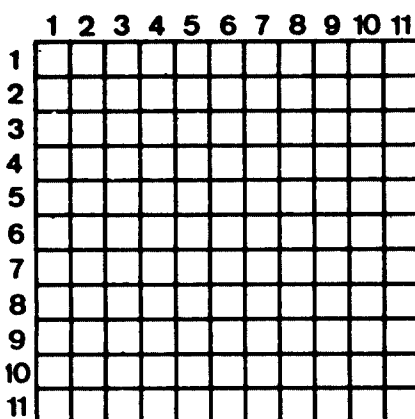
Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6215

HORIZONTAIS:

- 1 Moeda indiana. Antiga língua de Java.
- 2 Nome de Mulher. Antiga capital da Birmânia. Rio de Portugal.
- 3 Lê. Toma nota de. Rádio (s.q).
- 4 Salva. Sustem as estacas, ou ligar a estas a videira.
- 5 Irmão de Moisés. Cabaz de junco ou de esparto que serve para a condução de diferentes objectos.
- 6 Grande quantidade. Lavra.
- 7 Oferecer. Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca.
- 8 Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curtida (prov). Eia! Matemática.
- 9 Troça. Guarnecedora de asas. Estrépido de desmoronamento.
- 10 Congelam. Unidade monetária dos Estados Unidos da América e do Canadá.
- 11 Reteça. Vasilha com asas.



VERTICAIS:

- 1 Proquinho da Índia. Ampla.
- 2 Desejam ardentemente. Remem para trás.
- 3 Título do soberano da Pérsia. Freguesia do concelho da Covilhã. Lutécio (s.q).
- 4 Guarnecedora de asas. Rio da Suíça.
- 5 Homem de baixa estatura. Quinhentas folhas de papel.
- 6 Antepassado. Sódio (s.q).
- 7 Prendas. Pregro miúdo.
- 8 Guarnecer de ameias. Preposição e artigo definido (pl).
- 9 O mais. Safam. Nota musical.
- 10 Voltara. Cidade da Roménia.
- 11 Rio de França. Sofre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 056

HORIZONTAIS

- 1 Antes. Paços.
- 2 Raiva. Oliva.
- 3 Oral. Rimo.
- 4 A. A. A.
- 5 Ur. Aotos. Ui.
- 6 QUEM. Aans.
- 7 Aromatiza.
- 8 Aro. Roo.
- 9 És. Ardis. Me.
- 10 Voa. NÃO. Fim.
- 11 Escoa. Sorte.

VERTICAIS

- 1 Ar. Que. DEVE.
- 2 NÃO. Rua. Sós.
- 3 Tiro. Era. Ac.
- 4 Eva. Amora.
- 5 Salão. Morna.
- 6 Atoa. Dá.
- 7 Porão. Trios.
- 8 Ali. Saíos.
- 9 Cimo. Ano. Fr.
- 10 Omo. Uza. Mit.
- 11 Sa. Ris. TEME.

PROVÉRBO Quem não deve não teme

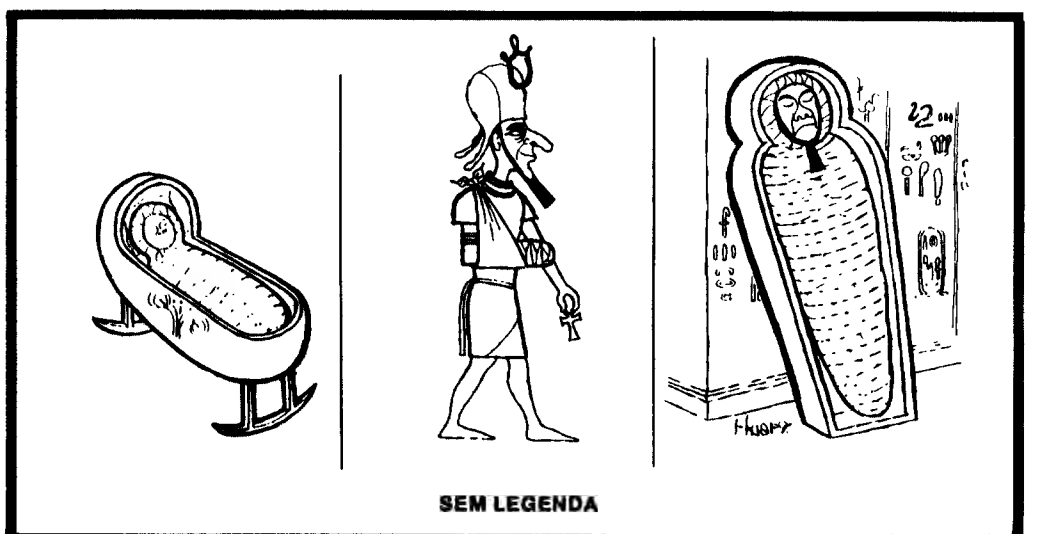
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6214

HORIZONTAIS

- 1 Sonda. Casta.
- 2 Amial. Afar.
- 3 Ota. Sio.
- 4 Soba. Abar.
- 5 Ame. Ine. Ada.
- 6 Acolá.
- 7 Ataco. Orate.
- 8 Tara. Coar.
- 9 Vim.
- 10 Ruara. Atolo.
- 11 Airas. Risos.

VERTICAIS

- 1 Salsa. Atrira.
- 2 Om. Omila. Ui.
- 3 Niobe. Arcar.
- 4 Data. Aca. Rã.
- 5 Ala. Iço. Vãs.
- 6 Uno. Ti.
- 7 Cãs. Aló. Mar.
- 8 Afia. Arc. Ti.
- 9 Sioba. Aotos.
- 10 Ta. Adita. Lo.
- 11 Arara. Erros.



tvpronto

Assistência oficial e
reparações com peças
de origem das marcas.

**PYE - THOMSON
BRANDT - LOEWE-OPTA**

**RADIO e TV - Todas as marcas
MONTAGEM E REPARAÇÃO
DE AUTORÁDIOS**

Rua da Quintinha, 72-A
Telefs. 690102/3 - Lisboa

"COLÓQUIO / ARTES"

Com uma bela capa de Vasco Costa («Pintura», pormenor), acaba de ser distribuído o n.º 6 da revista «Colóquio/Artes», correspondente ao mês de Fevereiro último, cujo sumário é o seguinte: «Leger ou Bacon» (José Augusto França — Simone Frigério); «Les transformations du Gout et la semiologie du langage contemporain» (Gillo Dorfles); «Os Dois Vazios» (Carlos da Cunha); «A Pintura de Vasco Costa» (Fernando Pernes); «De Pevsner a Gabo, de Gabo a Pevsner» (Henry Galy-Carles); «Ravena e Koln» (Jorge de Sena); «Ópera, Hoje» (Ricardo da Cruz Filipe); e ainda Carta de Lisboa e Porto e colaboração variada em que se destaca um conjunto de trabalhos de Constança Capdeville, Jorge Peixinho, Carlos de Pontes Leça, Robert C. Smith, a par da secção de Bibliografia, secção das Actividades Culturais da Fundação Gulbenkian, a publicação das Palavras proferidas pelo prof. Artur Nobre de Gusmão, na apresentação de cumprimentos de Fim de Ano ao Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, etc.

SURDOS

CASA SONOTONE

AS FESTAS JÁ ACABARAM,
mas as OFERTAS NÃO!

Ainda estão a tempo de fazerem um exame Audiométrico, que é gratuito, e uma demonstração com os aparelhos dos que há de mais moderno para corrigir a sua perda auditiva.

A nossa campanha com o aparelho 707, a 2500\$00 para as classes menos abastadas e desprotegidas da sorte, continua.

Facilitamos o pagamento. Assistência permanente com consciência e boa vontade.

Pilhas de todas as voltagens, de carvão e mercúrio. Esp. ramos desde já uma visita, com um grande Obrigado, em

LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/l.
PORTO, Praça da Batalha, 92, 1.º
LUANDA, R. Ant.º Enes, 42, 2.º. Apart.º 26.

MODELO 707



NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.

AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA-1

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

Seleccionamos
para

**EMPRESA INTERNACIONAL
DE EQUIPAMENTOS PARA A INDÚSTRIA QUÍMICA,
PETROQUÍMICA, NAVAL E PETROLÍFERA**

VENDEDOR TÉCNICO

CONDIÇÕES OFERECIDAS

- Vencimento entre 10 e 15 mil escudos de acordo com a experiência e capacidades reveladas
- Possibilidade de actualização no campo profissional através de cursos, viagens ou estágios no estrangeiro.
- A zona de trabalho será em Lisboa e eventualmente noutros pontos do País.

CONDIÇÕES REQUERIDAS

- Como habilitações mínimas o curso de A. T. E.
- Bons conhecimentos de inglês.
- Idade entre os 30 e 45 anos.
- Possibilidade de contactos a todos os níveis.
- De preferência ser casado.

Respostas para a NORMA, com «curriculum» detalhado.
Indicar a Referência 322/DPA.

CIENTISTAS AMERICANOS DESCOBRIRAM QUE O ENVELHECIMENTO
PODE SER ACCELERADO SE HOVER UMA DIETA POBRE
EM VITAMINA **E**

PEÇA
NAS FARMÁCIAS

OLGETRI

CÁPSULA DE ÓLEO DE GERME DE TRIGO

SUPLEMENTO ALIMENTAR RICO EM VITAMINA **E**
E ÁCIDOS GORDOS POLI-INSATURADOS

J.C.CRESPO, LDA
RUA DA MADEIRA, 193 LISBOA



PRODUTO NATURAL
REGENT LABORAT.
LONDRES

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

Série de aventuras «Os Persuasores»
com Toni Curtis e Roger Moore

2.º Programa (22.00)

Eurovisão
Concurso Europeu de Alta Costura com
a participação de diversos países e cola-
boração de cantores europeus



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e Missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Série juvenil «Robin dos Bos-
ques»
14.25 Eurovisão — Ciclismo. Trans-
missão da Volta à Flandres
14.45 Hoje pode ver
14.55 TV educativa
15.10 Eurovisão — Ciclismo. Trans-
missão da Volta à Flandres
16.20 Tarde de cinema «O Rapaz dos
Elefantes»
17.45 Domingo desportivo — 1.ª
EDIÇÃO

18.00 Disneylândia
19.00 TV rural
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 Portugal além da Europa
20.10 Série comédia «Os Mausões de
Chicago»
20.35 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 «Os Persuasores»
23.00 Fados
23.40 Domingo desportivo — 2.ª
EDIÇÃO
00.00 Telejornal — últimas notícias
00.05 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó Lá Si. Apresen-
tação de Maria José Guerra
21.00 Série filmada «Honney Moo-
ners»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Eurovisão — Concurso Europeu
de Alta Costura
23.20 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Uma Mãe para
Eddie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV educativa
19.25 Filme infantil «Kiri le Klow»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
20.00 Porta aberta
20.30 Ao serviço da nação
21.00 Série de aventuras «Na Terra do
Arco Iris»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Concurso «O Jogo do Galo»
22.00 Civilização — «Romance e reali-
dade»
23.00 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série «Uma Mãe Para
Eddie»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «A Quinta» (Le
Farrebique)
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continen-
tal o vento era fraco ou mode-
rado de nordeste e o céu esta-
va em geral pouco nublado.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11.º
PENHAS DOUR.	0.º
COIMBRA	11.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	13.º
FARO	12.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA

Máxima23.º

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 2.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar14,2.º
Atmosfera 14.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.01 3,3 m	6.04 1,3 m
12.43 3,2 m	18.26 1,4 m

DIA 10

1.01 3,5 m	7.00 1,1 m
13.36 3,5 m	19.19 1,1 m

Dia 7

1.53 3,7 m	7.48 0,8 m
14.24 3,7 m	20.07 0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito
nublado; vento moderado de Noroeste
aguardando principalmente durante a
noite nas regiões de Norte e Centro.

AMANHÃ

Nascer às 7.09
Ocaso às 20.08

Dia 13 | Dia 20 | Dia 28 | Dia 6



EMISSORA 1.º Programa

15.30 Tarde desportiva rádio despor-
tivo futebol: relato e infor-
mações dos jogos da 25.ª Jor-
nada do Campeonato Nacional
da 1.ª Divisão. Actualidade
Desportiva.

18.30 Música sem palavras
19.10 Música da Europa.
20.00 Diário sonoro
20.20 Exilios em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades
22.00 Teatro das comédias: «O Auto
da Alma», de Gil Vicente numa
adaptação de Ana Margari-
da.

22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por
Fernando Garcia
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont)
02.00 Fecho

2.º Programa

18.00 Concerto de domingo: Festival
de Flandres 1971, 1.ª parte
«Música Aquática», suite para
Orquestra, de Handel Prelúdio
de «Parsifal» de Wagner.
18.28 Intervalo sonata em fá maior,
para violino e cravo, de J. S.
Bach, pelo violinista Reinhold
Barchet e o cravista Robert
Veyron-Lacroix.

18.40 Concerto de domingo: 2.ª parte
Quarteto n.º 1 em mi bemol
maior, de Cherubini, pelo
Quarteto «Aeolian» de Lon-
dres.
20.00 Diário sonoro
20.20 Sinfonia em ré maior, de Du-
sek, pela Orquestra de Câma-
ra «Musici Pragenses».

2.º Programa

20.30 As grandes figuras do mundo
português, pelo dr. Caldeira
Pais.
21.00 Recital de piano por Melina Re-
bello
21.17 La Cheminée du Roi René, de
Darius Milhaud
21.30 Que quer ouvir?, programa elab-
orado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangei-
ras
01.15 Fecho

EMISSÃO ESTEREOFÓNICA MF 2

21.00 Música ligeira variada.
22.00 David penitente, - oratória K.
469, de Mozart.
22.40 Intermédios, op. 117, de
Brahms, pelo pianista Wilhelm
Kempff.
22.55 Trios de Hummel e Mendels-
sohn: Trio em fá maior, op. 78,
de Hummel.
23.45 Scheherazade, suite op. 35, de
Rimsky-Korsakov.
00.35 Suite n.º 2 em Ré Menor BWV
1008 de Bach.
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

15.15 Tarde desportiva.
18.00 Chave do totobola.
18.02 Projeção.
18.32 Meia hora depois.
19.02 Revista desportiva.
20.07 Selecção para o seu jantar.
20.30 De 7 em 7 dias.
20.45 A estrela da noite.
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens bíblicas.
23.19 Grande roda.
00.02 «P. B. X.»

2.º Programa

02.00 A noite é nossa.

06.00 Diário rural.

07.00 Talismã.

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Pêndulo.
17.57 O nosso programa.
18.00 Chave do totobola.
19.04 Vértice.
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Programa à Gô-Gô.
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva.
17.00 Música ao volante.
17.45 Automobilismo.
18.05 Boa viagem.
18.30 Terço e missa.
20.00 Zona verde - espaço ocupado
pela família.
20.35 Variedades.
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Canções da Europa
23.00 A 23.ª hora
24.00 Tempo Zip.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LIS- BOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 06.00 às 08.00 das 10.00 às 12.00
e das 22.00 às 02.00
CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTU-
GAL
08.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30
RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.00 e das 19.30 às 22.00
RÁDIO VOZ DE LISBOA
14.30 às 17.00

Anúncios de serviços

LISBOA

AJUDA
Teles. R. João de Barros, 2
(Tel. 638249)

ALCANTARA
Lealdade, R. do Olival, 226
(Tel. 663441); Nogueira, R.
da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da
Praça, 26 (Tel. 663632)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (Tel.
843381)

ALVALADE
Calaxo, Av. da Igreja, 21-C
(Tel. 776358); Brisália, Av.
Rio de Janeiro, 66-A (Tel.
722368); Nova Lisboa, R.
Guilhermina Suggia, 12 (Tel.
727721); Aviz, Av. de Roma,
56-B (Tel. 715370)

AMOREIRAS
D. João V, R. D. João V, 16-
C (Tel. 682772)

ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Avila,
25-31 (Tel. 47088)

AREIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-
A (Tel. 726462)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho,
10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R. do Salitre, 7
(Tel. 468508)

AVENIDAS NOVAS
Galeno, Av. Oscar Monteiro
Torres, 38-A (Tel. 774920);
Avenidas, Av. da República
27-A (Tel. 533688); Império,
R. Filipe Folque, 40-A (Tel. 5
49002-555243); Fatima, Av. 5
de Outubro, 147-A (ao cruza-
mento da Av. Barbosa du Bo-
cage) (Tel. 763107)

BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mar-
del, 101-B (Tel. 722868)

BAIRRO ALTO
Azevedo, R. da Miseri-
córdia, 24 (Tel. 323540)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, P. do Norte, 11
(Tel. 311216)

BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7
(Tel. 46858); Americana,
Calc. da Santana, 3 (Tel.
863984)

BELÉM
Remisio, R. dos Jerónimos,
14C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, R. Cláudio Nunes,
73-A (Tel. 703393); Sousa,
Est. de Benfca, 429 (Tel.
780027)

BOA HORA
Sepol, Calc. da Boa Hora,
94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Gomes, R. Rodrigo da Fon-
seca, 101A (Tel. 682333);
Pátria, Calc. dos Meslres,
30-A (à R. das Amoreiras)
(Tel. 680627)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul,
32-B (Tel. 671667); Castro,
R. Quatro de Infantaria, 28-A
(Tel. 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves
Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO
Capuchos, R. Luciano Cor-
deiro, 2-A (Tel. 52076)

ESTEFÂNIA
Estefânia, R. Pascoal de Me-
lo, 90 (Tel. 44438)

GRACA

Santo António, R. Leite de
Vasconcelos, 72-C (Tel.
862333)

LAPA

Central, R. dos Navegantes,
10 (Tel. 661734)

LUMIAR

S. Tomé, Est. do Desvio, Lo-
te 12-C (Tel. 790704); Alame-
da, Alm. das Linhas de Tor-
res, 201-B (Tel. 790942)

MOURARIA

Bastos, Calc. de Santo An-
dré, 107 (Tel. 860450)

OLIVAIS

Nova, R. E, 1, lote 469 (Oli-
vais Sul) (Tel. 316402)

PENA

Americana, Calc. de Santa-
na, 3 (Tel. 863984)

PENHA DE FRANÇA

Carrondo, R. Padre Sena de
Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA

Luzmar, R. João Nascimen-
to Costa, 16-A (Tel. 5
728395-720703)

SANTA CATARINA

Combro, Calc. do Combro,
78 (Tel. 326059)

S. MAMEDE

Marçal, R. de S. Marçal, 100
(Tel. 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Aguilar, Av. Columbano Bor-
dalo Pinheiro, 98-A (Tel. 5
768343-764629); Bairro
cazul, Av. Ressano Garcia,
7-A (Tel. 51451)

S. VICENTE

Rosa e Viegas, R. de S. Vi-
cente, 31 (Tel. 864351)

XABREGAS

Salter, R. de Xabregas, 63
(Tel. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Combatentes Av. Comb. G.
Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS

Nova R. Bernardim Ribeiro,
1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás R. Costa Pin-
to, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Central R. João Teixeira Si-
mões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE

Aisir B.º das Caixas de Pre-
vidência-Bloco A (Tel.
2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL

Costa, Av. Saboria, 29-B
(Tel. 260085)

CASCAIS

Misericórdia R. do Regimen-
to 19.41 (Tel. 280141); Cas-
cais R. Conde de Monte
Real — Bairro Caxias (Tel.
282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca R. Elias Garcia, 209
(Tel. 930019); Flama R.
Elias Garcia, 78-B (Tel.
932485); Confiança Av. D.
Nuno Álvares Pereira, 15-A
(Tel. 938149)

DAMAIA

P. Alexandre Gusmão, 9-A
(Tel. 970523)

VENDA NOVA

Flama R. Elias Garcia, 788
(Tel. 932485)

QUELUZ

André Av. Elias Garcia, 151
(Tel. 950043); Queluz Av. Mi-
guel Bombarda, 123-A (Tel.
951841)

CACÉM

Central R. Elias Garcia, 55
(Tel. 2940034)

MEM MARTINS

Químia Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456)

SINTRA

Misericórdia L. Dr. Gregório
de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES

Colares Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS

Portugal Av. da Bela Rosa,
8 (Tel. 224250)

ALMADA

Central R. de Oliveira, 11
(Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima Est. Nacional,
221-B (Tel. 224141)

BARREIRO

Avenida Av. Alfredo da Sil-
va, 88 (Tel. 2273212)

COVA DA PIEDADE

Imperio R. Cabo da Boa Es-
perança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA

União Moitense Av. dr
Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO

Higiene R. José Joaquim
Marques, 142 (Tel. 230270)

SESIMBRA

Lopes R. Cândido dos Reis,
67 (Tel. 229028)

SETÚBAL

Costa L. da Misericórdia
(Tel. 22760) Brasil P. do Bra-
sil (Tel. 24788)

SEIXAL

Soromenho R. Paiva Coe-
lho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Canavarro, R. da Restauração, 53;
Constituição (da), Rua da
Constituição, 93; Ferreira de
Carvalho, Rua do Bonjar-
dim, 354; Oriental, Rua do
Bonjardim, 727; Padrão, Lar-
go do Padrão, 342; Ramos,
Pr. Exérc. Libertador, 91

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda. R. de Cedofeita,
125; Lidador (do), Rua do Li-
dadador, 171; Parente, Rua
das Flores, 114; Sousa Soa-
res, Rua de Santa Catarina,
141; Vitória, Rua de S. R.
da Lameira, 756

COIMBRA

Olivais, R. Bernardo de Al-
buquerque, 159 (tel. 22804);
Universal, Pr.º 8 de Maio,
35 (tel. 23733); Adriana,
Pr.º da República, 20-22
(tel. 23609)

PORTAS DO SOL

Restaurante-
Bar. Almoços e Jantares e serviço
de bar permanente. Rua S. Tomé,
86. ABC, Alfama, Lisboa, Telef.
861633.

HIPOPOTAMO

Com Helder Reis.
Encerra aos domingos. Av. António
Augusto de Aguiar, 5A. Telef.
48384.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL

EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver.
Av. Duque de Loulé, 73. Telef.
530171.

Cinemas

CONDES (Tel. 322523)

14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) Colorido
2.ª Semana «O SALTO DO AN-
JO» com Jean Yanne e Senta
Bergner

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15-18.15-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A NOITE FEZ-SE PARA
AMAR» com Warren Beatty
e Julie Christie.
QUINZENAS DO BOM CINEMA
CINEMA FRANCÊS. Amanhã
às 18.30 adultos, Colorido
de Jean Luc Godard com Jean
Paul Belmondo Anna Karina
PEDRO. O LOUCO

LYZ (Tel. 48560)

15.00-21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O MENSAGEIRO». Filme co-
lorido com Julie Christie e
Alan Bates

SATÉLITE (Tel. 562632)

15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo D-18 anos)
«PARIS VISTO POR...» com
Erich Rohmer Claude Cha-
brol Jean-Luc Godard, Jean-
Daniel Pollet, Jean Rouch
e Jean Douchet

ODEON (Tel. 326283)

15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
8.ª Semana
«NAO DESEJARAS O DELICA-
DINHO DO 5.º» A comédia
mais atrevida e escandalosa
do ano a história de um cos-
tumeiro efeminado com Al-
fredo Canda, Jean Bellet, Ira
de Fustenberg e Isabel Gar-
cês

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15-18.15-21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana de êxito
com Renato Rascel, G. Gra-
nata e C. Guittré «A TRANS-
PLANTACÃO».

LIDO

21.30
(Grupo D-18 anos)
«KLUTE» com Jane Fonda
(candidata ao «Oscar»).

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15-18.15-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A DÉCADA PRODIGIOSA»
com Orgon Welles, Marlene
Jobert, Michel Piccoli e An-
thony Perkins.

BERNA (Tel. 776098)

15.15 e 21.00
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
«OS DEZ MANDAMENTOS»
uma realização de Cecil B.
de Mille no maior e mais
sensacional filme de todos
os tempos com Charlton Hes-
ton e Yul Brynner.

LONDRES (Tel. 730579)

14.15 - 15.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
10.ª semana. Um filme de An-
dres Cayatte «MORRER DE
AMAR» c/ Annie Girardot, Gran-
de prêmio do Cinema Francês
cinema - Snack-bar - Pub
THE FLAG. Faça 3 coisas num
sítio só.

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
5.ª Semana «O GOLPE» com
Jean Paul Belmondo e Omar
Shariff. Hoje às 18.15 (6 anos)
«VIAGEM AO OUTRO LADO
DO SOL». A mais excitante
aventura da exploração do
infinito.

APOLO 70 (Tel. 763319)

14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O último filme de Milos For-
man «TAKING OFF» (os am-
ores de uma adolescente).

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15-18.15 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
«A SOLTEIRONA» com An-
nie Girardot e Philippe Noi-
ret.

ROMA (Tel. 727778)

15.30-18.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
«AQUELA SEXTA-FEIRA...»
com Ursula Andress e Stan-
ley Baker.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo C - 14 anos) 5.ª semana
A FONTE DA VIRGEM. O fi-
lme que ganhou o Oscar da
Academia Americana e o Glo-
bo de ouro de Hollywood

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A VIRGEM E O CIGANO»
Novela de D. H. Lawrence com
Joanna Shimkus

S. JORGE (Tel. 5453)

15.15-18.15-21.30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Sidney Poitier em «A ORGA-
NIZAÇÃO» um filme especta-
cular

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)

17.00-21.30
(Grupo D - 18 anos)
POPSY POP c/ Claudia Car-
dinal, Standley Baker

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

14.30-16.45-19.00-21.45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª semana
«A MANTA VERMELHA» com
Oleg Vidove e Gille Haenning

EDEN (Tel. 320768)

15.00-18.15-21.30
(Grupo B-10 anos)
«PEDRO O PESCADOR Um
Tema bíblico cheio de ver-
dade, coragem e grandeza
com Howard Keel e Herbert
Lom

VOX (Tel. 720808)

15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 3.ª Semana
«O RECAIDO» O drama de
uma geração com Maria Ca-
bral e José Viana

ROYAL (Tel. 885037)

15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
«ONTEM, HOJE E AMANHÃ»
e «BOLOS EM JOGO».

AVIZ (Tel. 47173)

15.30-21.45
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
O Western do ano «TRINITA-
COW-BOY INSOLENT» com
Terence Hill e Bud Spencer,
em Color-Scope

TIVOLI (Tel. 50595)

15.00-18.15-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«CASANOVA 70» com Mar-
cello Mastroianni e Vira Lisi.

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B - 10 anos. 2.ª Semana
«55 DIAS EM PEQUIM» com
Charlton Heston, Ava Gardan
e David Niven.

Outros espetáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

VARIEDADES
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Empresta-me o teu aparta-
mento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia
Woolf».

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gavota»

CAPITÓLIO
20.45 e 23. (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo».

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (M. 18 anos)
«Pronto a despir».

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR».

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte em doze
assaltos».

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«10 000 dólares por Sabata».

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Numa árvore empoleirado».

RESTELO
21.30 (18 anos)
«O Mensageiro».

PARIS
21.30 (18 anos)
«O Mensageiro».

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«O Provinciano».

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«Gringo».

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Isadora».

MAYER
21.00 (17 anos)
«Bullit».

ARCO-IRIS
21.00 (10 anos)
«Frente a frente».

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«Riffifi em Amsterdão» e
«O Distraído».

PAREDE
Royal Cine
21.15 (14 anos)
«Os cavaleiros das estepes».

ESTORIL
Casino
18.30 - 21.30 (18 anos)
«Popsy Pop».



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

O PESSIMISMO CÔSMICO ATINGE A EUROPA

O MEDO DO ANO 2000

No Santuário dos futurólogos, um relatório americano, cuja tinta ainda mal secou, acaba de fazer grande barulho. Tem por título *Os limites do crescimento* e por autores quatro peritos do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Fruto de uma encomenda do Clube de Roma, que reuniu a partir de 1968, em redor do industrial-humanista italiano Aurelio Peccei, um certo número de sábios e de economistas apaixonados pelo futuro a longo prazo da humanidade, desde logo chamou a atenção pela sua audácia metodológica. Mas o grande público, logo que tenha lido a tradução francesa, que será apresentada por Robert Lattès, será sobretudo surpreendido pela coloração apocalíptica do futuro que ele pinta. A não ser que uma modificação radical das grandes opções governamentais o evite, o mundo caminha para a catástrofe, sugere este estudo. A data do cataclismo? Antes de um século, e o ano 2000 conhecerá já dolorosas tensões.

A pítia-ordenadora lançou este oráculo enumerando os dados seguintes: a população á procura de produtos alimentares, a produção industrial e a poluição conhecem um crescimento cada vez mais rápido. Em presença os recursos naturais (terras aráveis, água potável, metais, combustíveis), que não podem aumentar sem limites. Haverá, portanto, **forçosamente**, uma ruptura conducente à penúria, à derrocada da produção... e, de um só golpe, à redução da poluição.

O grande medo do ano 2000 é muito mais sério, se se quiser que precedeu o ano 1000. O papão é, hoje, o multiplicador, este famoso crescimento exponencial que conduz às curvas, erguendo perigosamente o nariz. (O relatório do MIT cita este exemplo simples para fazer compreender a diferença entre o crescimento linear e o crescimento **exponencial**: um avarante esconde 10 dólares todos os anos debaixo de um colchão. O seu pecúlio crescerá de forma linear. Se, passados 10 anos, ele investir os seus 100 dólares a uma taxa de juro de 7 por cento, esta soma crescerá de forma exponencial e duplicará em 10 anos.)

A mais louca diz respeito à população cujo tempo de duplicação cedeu consideravelmente: trinta anos, segundo a tendência actual, isto é, que dos 3,5 bilhões de habitantes de hoje, o planeta passará aos 7 bilhões de habitantes no ano 2000. O que se segue causa arrepios se nada for empreendido. E, precisamente, o grito de alarme dos homens do MIT tem por fim encontrar os melhores remédios que permitam um regresso ao equilíbrio e, que se chama não apenas planificação draconiana dos nascimentos, mas, também, abolição do mito do crescimento, redução e controlo do consumo. Pede-se, assim, uma modificação completa das mentalidades.

ZERO GROWTH

É num meio bastante receptivo que esta bomba explode. A política do **zero growth** é presentemente defendida nos Estados Unidos em pequenos círculos da esquerda ou da direita. Qual o seu propósito? Construir um modelo de **crescimento económico nulo** que permitirá ao mundo «tomar fôlego e às curvas de tendência aberrante inflectir. Já não se trata, como se vê, de rever como já o tinham feito Galbraith ou Morgenstern, a noção de «produto nacional bruto» e de se

voltar contra aqueles que disseram um absoluto mesmo que esta cifra integre «riquezas» negativas (como o excesso de consumo de gasolina provocado pelos engarrafamentos). Desta vez, é a escolha da expansão, em si mesma, que é posta em causa.

O pessimismo cósmico atinge a Europa. Naquilo que se considera como o seu «testamento político» à Comissão de Bruxelas, o Sr. Mansholt endereçou em Fevereiro último, uma carta ao Sr. Malfatti, que baseando-se nas investigações do MIT sugere um plano de acção para a Europa na qual se lê por exemplo: **«A sociedade de amanhã não poderá ser orientada sobre o crescimento, pelo menos no domínio material»**. Recordando a noção de «felicidade nacional bruta», pois o objectivo primordial é o de **salvaguardar o equilíbrio**



ecológico e de reservar, para as gerações futuras, suficientes fontes de energia».

Se se sonhar com as perspectivas traçadas em 1968, para o ano 2000, por um outro centro de investigação americano, o Hudson Institute, dirigido por Hermann Kahn, mede-se o caminho percorrido em cinco anos apenas na apreciação do futuro. Sem dúvida que esta equipa também via bem certos perigos do entusiasmo tecnológico e apresentava determinados cenários pessimistas, principalmente na perspectiva de um conflito mundial, mas detinha-se muito mais sobre os esquemas optimistas que derivam da «**institucionalização de uma política de crescimento pelos governos de todo o mundo e de uma previsão de crescimento da produtividade mundial**». Exaltava o acesso à «**sociedade pós-industrial**» em que o «**rendimento per-capita é cerca de cinquenta vezes mais importante do que na sociedade pré-industrial**».

BASTAI

Porque esta r e v i r a v o l t a? Os ordenadores de hoje não são mais maldosos do que os de

Hermann Kahn, nem de humor mais sombrio. Os postulados em que se baseavam aqueles que os alimentaram - e que se assemelham singularmente àqueles de que partia Malthus - são tão criticáveis como aqueles de que se parte para prever o futuro de uma sociedade idílica. A extrapolação é o exercício mais perigoso que existe. A propósito deste relatório do MIT o *Economist*, de Londres, recordava recentemente que um sábio podia perfeitamente ter provado em 1872 que os transportes deixariam de ser completamente possíveis, um século mais tarde, no interior de uma cidade como Londres, pois os habitantes já não saberiam onde alugar os cavalos, e que, de qualquer maneira, ser-se-ia asfixiado pelo fumo.

É preciso recordar também que os sábios ainda há uns quinze ou vinte anos, basearam as suas análises na inelasticidade nos fornecimentos de alimentos e de matérias-primas, predizendo que um surto de fome mundial era certo antes... de 1970, e que o relatório Paley demonstrou que os preços das matérias primas não deixariam de subir em relação aos preços dos produtos manufacturados!

«O tempo do mundo acabou», com efeito não começou ainda: uns produtos substituem-se por outros numa ronda incessante, aparecem novas fontes de energia.

Com efeito, se fechamos os olhos aos fenómenos actuais, se lermos um futuro muito mais sombrio nos cartões perfurados, é porque é isso mesmo que se pretende ler. Porquê? Muito simplesmente porque, tal como as crianças fatigadas de brincar, o homem tem vontade de gritar **Basta!** perante a aceleração das mutações. A modificação tornou-se um valor. É demasiada honra, decididamente. Mas como os governos já não têm mais nada (ver o Sr. Nixon, ver o Sr. Heath) do que a fuga para a frente, numa forte expansão para responder aos mais apressados, isto é, para se manterem no poder, defendendo o mais alto nível de emprego possível, sem cuidar de ver se este emprego é o melhor possível, os pers-tem-se no dever de jogar à cebra-cega, de **meter medo**. Estes «peritos» do ano 2000 são hoje encorajados a enegrecer este quadro por pessoas situadas em margens opostas. Os ultraconservadores, que nada temem tanto como o movimento «**que desloca as linhas**» dos seus hábitos, ali se encontram, ao lado dos esquerdistas que já não querem arregaçar as mangas por uma sociedade que não se interessa senão pela produtividade e pelo dinheiro!

O perigo de propagação do medo do ano 2000 seria sério a não ser que os governos, tomando os sábios à risca decidissem inverter brutalmente as coisas e seguissem os conselhos dos partidários do **zero growth**. As tensões sociais que daí nasceriam, na falta de uma difusão nas massas de uma nova mentalidade, seriam insuportáveis. Mas o risco de uma tal atitude está posto

de lado, quanto mais não fosse, pelo facto da divisão do mundo em blocos antagonistas, que não se equilibram senão pela expansão... dos seus armamentos.

Em compensação, o acento posto sobre os encargos sociais, cada vez mais elevados da inovação e do crescimento é muito salutar. Nunca será demais sublinhar que, a partir de um certo ritmo de expansão, há uma tendência para criar mais problemas do que ela pode resolver, que os seus **encargos externos** - demasiados esquecidos nas contas oficiais - aumentam.

É também a injustiça no mundo que aumenta com uma fortíssima taxa de crescimento dos países desenvolvidos. No fim do seu livro sobre **O Tercei-**

ro Mundo no Impasse, Paul Bairroch, muito antes das cas-sandras do MIT, fazia votos para que se examinasse «a utopia» de um certo afrouxamento da taxa de expansão dos países ricos, através de uma reorientação da estrutura do consumo e de um aumento sensível, mas limitado no tempo, da sua ajuda ao terceiro mundo. Paradoxo? Talvez não. São os **desvios** de nível de vida que mais traumatizam os povos e os indivíduos. Ora, globalmente, as diferenças não podem deixar de se acentuar seguindo as tendências actuais. Por outro lado, a ideia, segundo a qual quanto mais forte é a expansão dos países industriais melhor eles poderão ajudar aqueles que estão menos bem providos, é falsa. A aceleração do crescimento aumenta os ricos de inflação e leva os governos para endireitar a situação, a cortar em primeiro lugar nas despesas que não aproveitam directamente aos eleitores.

PANDORA

Controlar o crescimento, prever novos modelos em que o «**carácter feitiço da mercadoria**» (Marx), e sobretudo da sua renovação desaparecerá dar ao objecto uma **duração** que se cuidaria fazê-lo perder, o que permitirá lutar mais eficazmente contra a poluição, fazer derivar cada vez mais os capitais para os equipamentos

colectivos e para tudo o que tenda a restabelecer os equilíbrios ecológicos, eis um bom programa para o fim do século! Para levar os Estados industriais a isso é preciso inquietá-los. O empreendimento do MIT é, a este respeito, bem-vindo: com os seus ordenadores, computadores, ele abriu a caixa de Pandora. Os mitos têm mais poder de sedução do que os factos. Simplesmente, é preciso evitar que se lhe dê um rótulo científico. Em *La Pri-sonnière*, Proust tem esta frase que bem deveria ser meditada por todos os futurólogos: «**Nós representamo-nos o futuro como um reflexo do presente projectado num espaço vazio, quando ele é o resultado frequentemente muito próximo de causas que, na sua maior parte, nos escapam**».

ZÉLIA LOPES

HOJE AS 23 H.

NA

TELEVISÃO

DIARIAMENTE

NO

CASEBRE

R. DA BARROCA, 133

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN BOLSAS DE ESTUDO MÚSICA E BELAS-ARTES

De 20 de Março a 19 de Abril de 1972, estará aberta a inscrição para concessão de **bolsas destinadas a aperfeiçoamento, no País, ou no estrangeiro**, durante o ano lectivo de 1972-1973 nos diferentes sectores da Música e das Artes Plásticas e ainda nos domínios de investigação e especialização em História da Arte e Crítica de Arte, Estética, Museologia, Restauro, Arqueologia, Teatro e Cinema.

A) MÚSICA

No ano lectivo findo, foram concedidas 26 bolsas para estudos de aperfeiçoamento em Música. Em 1972 prevê-se, além da eventual renovação das bolsas em vigor, a atribuição, para o mesmo fim, de 20 novas bolsas, algumas das quais destinadas à frequência de Cursos de curta duração.

B) ARTES PLÁSTICAS E DOMÍNIOS AFINS

No ano lectivo findo, foram concedidas 21 bolsas de estudo de aperfeiçoamento no sector de Artes Plásticas e nos demais supra mencionados. Em 1972 prevê-se, além da eventual renovação das bolsas em curso, a atribuição de 30 novas bolsas para os mesmos fins.

C) ESTUDOS DE ARABISMO

A Fundação Calouste Gulbenkian, desejando contribuir para os estudos de Arabismo em Portugal, decidiu que fossem especialmente instituídas duas bolsas de estudo no estrangeiro, com essa finalidade, a que poderão candidatar-se licenciados em História ou Filologia Românica pelas Faculdades de Letras do País.

D) CONDIÇÕES BÁSICAS DO CONCURSO

a) Podem concorrer às bolsas A) e B) os diplomados com cursos oficiais e também as pessoas que, não sendo diplomadas, exerçam actividade profissional em qualquer dos respectivos sectores ou domínios.

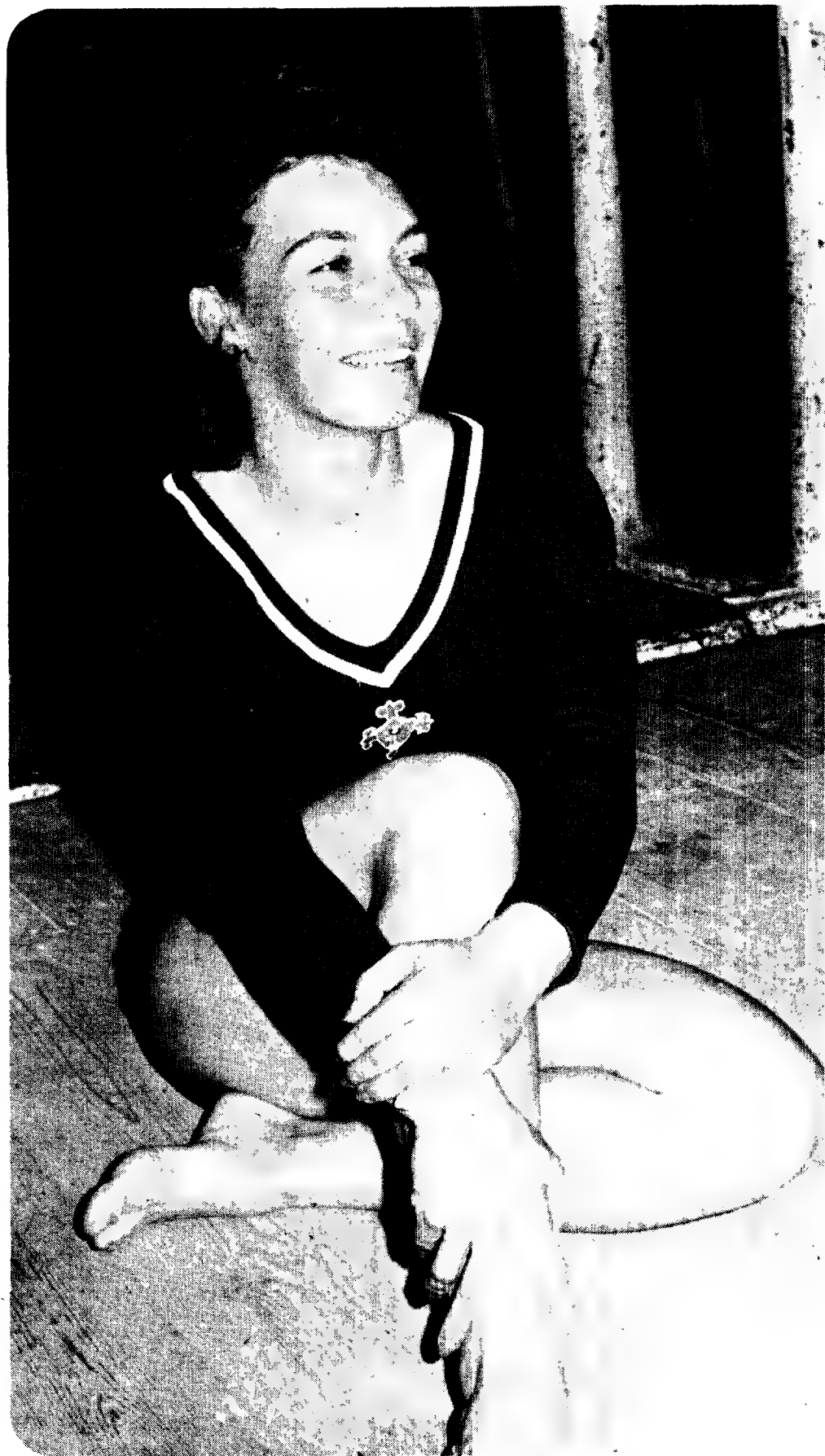
* Às bolsas da categoria C) somente poderão candidatar-se licenciados em História ou Filologia Românica pelas Faculdades de Letras do País.

b) Na atribuição das bolsas nas categorias A) e B) será dada preferência aos pedidos cuja finalidade for considerada de maior interesse para o País e na escolha dos candidatos será particularmente tida em conta a actividade por eles exercida e a sua qualificação artística.

c) Até 14 de Abril próximo, os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Recuperação da Fundação Calouste Gulbenkian, Avenida de Berna, em Lisboa para o efeito de obterem os competentes boletins de inscrição, acompanhados de um exemplar do regulamento que lhes diga respeito. Os candidatos residentes habitualmente fora de Lisboa poderão dirigir-se ao respectivo Serviço de Música ou de Belas-Artes, para o efeito de lhe serem enviados aqueles documentos.

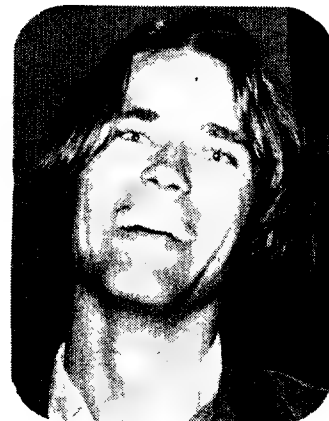
d) Os boletins de inscrição que não derem efectivamente entrada na Fundação até às 18 horas do dia 19 de Abril e bem assim todos aqueles que não estiverem suficientemente preenchidos, ou instruídos, em termos de possibilitar a sua fácil apreciação, serão rejeitados «in limine».

AVISO — O período de inscrição para bolsas destinadas a frequência, no País, durante o ano lectivo 1972-73 dos cursos gerais e superiores do Conservatório Nacional, das Escolas de Música oficializadas e das Escolas Superiores de Belas-Artes, e as condições do concurso, serão oportunamente anunciados.



TIRSENSE: na hora dramática associados falam do seu futebol

No sopé da classificação do campeonato nacional de futebol, o Tirsense vive um dos piores períodos da sua história. Necessitando em absoluto de vencer todos os jogos que tem ainda para disputar no seu terreno, o clube de Santo Tirso precisa, igualmente, que fora dos muros da sua terra os choques dos concorrentes mais directos lhe tragam benefícios (Inquérito na página dois).



Kit Jones

O mais popular americano do basquetebol sulista faz hoje, na página três deste «DL-Desportos», cerrada análise ao actual momento da modalidade. E não fica em meias tintas: «O Futebol Clube do Porto apenas contratou Dale Dover para conseguir um título de campeão nacional» — afirmou. Esta e outras afirmações de Kit Jones vão, decerto, provocar viva e dura polémica.



RUDY:

campeã sem luta

A moçambicana Maria Enydia Correia (Rudy, na roda de amigos) é uma campeã portuguesa. Representando o Ginásio de Lourenço Marques, veio ao Continente e arrebatou o título de «a melhor ginasta da sua categoria». Analista-química, jovem e sonhadora, Rudy ainda não namora: é, como as colegas foram ao estrangeiro frequentar um estágio e ela não tinha dinheiro para a viagem, ficou uns dias sòzinha em Lisboa. A propósito de estar a seu lado algum tempo, «DL-Desportos» escutou da Mais Ginasta da África Oriental Portuguesa queixas e amargas confidências. «Estou triste porque as raparigas da metrópole não me ofereceram competição para os títulos», e Rudy, vinte e três anos sem arrogância, abre-se em outras revelações do que lhe vai pela alma (Na página oito).

CARTA

DE PRAÇA
A PRAÇA
Por
NEVES DE SOUSA
(nas centrais)

PARA HAGAN



CHICO: Quem é você ?

Para o veloz extremo do Sporting, a quem Mário Lino restituiu a exacta posição no relvado, a corrida para o triunfo definitivo já começou. Chico, que foi um dos famosos «bebés» da mais rotulada equipa do Leixões, tem suportado os altos e baixos do instável futebol de Alvalade. Depois de ter andado perdido pela reserva, sem conseguir uma oportunidade para evidenciar que não fora dinheiro deitado à rua o preço na sua transferência, Chico volta a ser «manchete», enchendo os rectângulos com o fulgor do seu fino futebol. A história completa do craque, que na ponta direita do ataque leonino semeia o pânico entre as melhores defesas, vem neste «DL-Desportos». Coisas que ninguém sabia, vão entrar no domínio público.



OCTÁVIO (a «abelha mestra» do Vitória de Setúbal) e PIETRA (a mais recente «torre de Belém») são temas na página sete. Dois gritos de juventude no desporto mais popular

DEPOIMENTO

Por
ORLANDO
DIAS
AGUDO

CHICO: QUEM É VOCÊ?

Na equipa do Sporting, ele é um homem em fogo: O golo é o seu destino, o futebol é a profissão que um dia escolheu para ainda não se ter arrependido. Chico está no galarim: razão para lhe pedirmos o retrato de corpo e alma inteiros.

«Sou Francisco Delfim Dias Faria, nasci em Matosinhos (no dia 9 de Outubro de 1949) pertencendo, portanto, ao signo da Balança. O meu destino para o futebol começou cedo a desenhar-se nas areias da praia da minha terra, que ficava a cerca de 50 metros de minha casa: juntamente com alguns vizinhos, alguns deles nomes conhecidos do futebol profissional da actualidade (Praia, meu irmão Horácio, Neca, Adriano, Fonseca), íamos para o areal brincar com a bola de borracha. E, tudo, por influência directa de meu pai, que durante uns 14 ou 15 anos serviu o Leixões nas posições de defesa-esquerda e extremo do mesmo lado: talvez ainda haja quem se lembre dele como jogador. Era o Delfim. Tendo o meu pai como símbolo, a paixão do futebol nasceu nas areias da praia de Matosinhos, tendo vindo depois o Leixões, já com bolas e equipamentos a sério. Comecei nos torneios de infantis, ingressando logo a seguir nos juvenis. Quando cresci, passei a junior e depois a senior. Durante uma época, joguei nesta categoria no Leixões, ingressando no defeso que se seguiu no Sporting, clube onde estive actualmente, e onde me sinto muitíssimo bem: todos são bons camaradas e o ambiente é de simpatia. Depois de passar 18 anos em Matosinhos, confesso que não estranhei a vinda para a capital».

O ABANDONO DOS ESTUDOS E A VONTADE DE TIRAR UM CURSO

«Em Matosinhos, depois de ter completado a instrução primária, escolhi o ensino industrial para continuar. Cumpridos os dois anos do curso preparatório, tendo ingressado mais tarde no curso industrial

própriamente dito. Quando frequentava o 2.º ano, surgiu a hipótese de vir para o Sporting e de abraçar o profissionalismo no futebol: foi o que fiz. Abandonado o curso, dediquei-me de alma e coração à profissão escolhida. No entanto, em face dos momentos livres de que dispunha e mercê dos bons conselhos de alguns amigos de verdade (não posso esquecer o padre Alberto), comecei a dedicar-me novamente aos livros, tendo como objectivo mais próximo completar o 5.º ano dos liceus (secção de letras); a minha meta é o curso do I. N. E. F. Para isso será necessário o 7.º ano: mas julgo que, com a aplicação que dedico às matérias e o entusiasmo que tenho, hei-de conseguir os meus intentos».

DÁDIVAS E LIMITAÇÕES DO FUTEBOL

«O futebol (que para mim é tudo, de momento) deu-me o que hoje tenho: nome e alguma coisa que não me deixa ter muito medo do futuro. Num clube grande (como é o Sporting ou o Benfica) o profissional do futebol não deve temer o futuro: se tiver um pouco de «cabelecinha», durante os anos em que pode ganhar bom dinheiro consegue amealhar o suficiente para garantir a sua sobrevivência e a dos seus. Não quer isto dizer que, a partir do dia em que deixa de jogar, fique parado. Não, o profissional do futebol não pode pensar assim. O que deve fazer é tentar conseguir, enquanto joga, juntar o mais possível e procurar uma valorização em face da sua condição humana. Se assim fizer, no dia em que ponha as botas de lado ele sabe fazer mais qualquer coisa que não deixe o «seu» banco ir à falência. Tirar um curso de línguas: ou, mesmo que não ti-

re o curso, que as aprenda, pode vir a ajudá-lo muito quando passar a «esquecido» pela massa associativa que antes o tomava como símbolo. É assim que entendo que deve ser: pois a vida não é nada, nós não somos absolutamente nada na vida se não conseguirmos a nossa própria independência como homens. Gosto de viver a vida, mas compreendo que hoje em dia não a posso viver conforme desejaria e ela me pede: tenho obrigações para com o clube que me paga e essas obrigações não me permitem fazer tudo quanto a vida tem de bom para ser feito. Mas aceito de bom grado o sacrifício, pois sei que estou a cavar os alicerces do meu futuro».

GOSTOS E DESGOSTOS

«Como toda a gente (afinal) também eu gosto de me divertir: cinema, teatro, música, conversar. Na tela, gosto de ver dramas ou comédias (os dois extremos, como vê). Música? Admiro a mais «pop» possível, pois sou jovem e acompanho os gostos da juventude. Volto às costas aos clássicos e não vou a bailes porque entendo que não tenho vida para isso. Já disse que gostava imenso de música «pop» mas há um ritmo muito antigo que me diz qualquer coisa de belo: o tango. Gosto imenso de conviver, ganhar novos amigos. Quem mais admiro no mundo? Minha mãe, a quem devo a minha formação mental. O meu grande desgosto é não ter filhos.

«Pede-me também para eu me ver diante de um espelho: pois bem vejo-me bastante nervoso na generalidade, mas também calmo quando é necessário. Não sou nenhum santo, mas também ninguém pode dizer que sou um mausão. Tenho um temperamento bastante quente, mas foi assim que nasci e aceito essa condição. Futebolista que não tenha temperamento quente, não é jogador. Veja os exemplos dos colegas (que mais admiro: Damas, José Carlos, Jaime Graça e Simões (este verdadeiramente sensacional, pois sendo pequeno e fransino, consegue imprimir um ritmo diabólico ao jogo da sua equipa), entre os da actualidade. Dos mais antigos, sempre fui um admirador profundo de Germano: um jogador dos pés à cabeça».

«É este o meu retrato de corpo e alma. Inteiros. Se as grandes massas que vão aos estádios me julgavam diferente, podem mudar de opinião: eu sou conforme aqui fica».

INQUÉRITO

TIRSENSE COM A CORDA NA GARGANTA:

A seis jornadas do fim do campeonato nacional, o Tirsense (com 16 pontos e ocupando o último lugar da classificação, juntamente com a Académica) sente-se em situação embaçosa. Nos encontros que estão ainda por disputar, o grupo de Santo Tirso terá de defrontar Leixões, Guimarães e Farense (em casa) e Académica, Sporting e Porto (fora do seu reduto). Com ou sem jogos de passagem, as perspectivas não são (realmente) animadoras. A ameaça de descida é um facto que os associados do clube não deixam de considerar, muito embora mantenham uma réstia de esperança que desajam ver concretizada. Para auscultar o pensamento de alguns associados, estivemos em Santo Tirso. Disse-nos Virgílio Gomes (sócio n.º 3251):

«Aos jogos de passagem não devemos fugir: mas temos possibilidades de ficar na 1.ª Divisão, pois admito que vamos triunfar nos três encontros em casa. De resto, não me parece que seja possível criar qualquer solução especial, para alterar esta situação: que resultou dos nervos dos jogadores nos últimos encontros.

Amadeu Figueiredo Moreira (sócio n.º 372):

«Com certeza que vencemos os três jogos em casa e, com um ou dois empates fora, não descemos. Chegou-se a esta situação naturalmente: e assim continuaremos. Não vejo que tivesse havido erros, nem me parece que exista remédio de efeitos rápidos para o nosso caso.

Manuel Fernandes Pinto (sócio n.º 393):

«Se continuarmos como até aqui, não vejo possibilidades de evitar a descida de divisão. Cometeram-se muitos erros, mas não me parece pertinente estar a enumerá-los. Pessoalmente, entendo que só o factor sorte pode contribuir para nos mantermos na 1.ª Divisão. E acho que não devo dizer mais nada...»

Fernando Valença (simpatizante):

«Tudo depende da força de vontade dos jogadores. A descida pode evitar-se mas é necessário jogar bastante mais. Isto (para já) porque parece mais útil para uma melhoria de situação, é a mudança de treinador. Sou de opinião que o mau rendimento da equipa

se deve à orientação deficiente que tem havido na secção de futebol.

Joaquim Soares Martins (sócio n.º 1125):

«Não acho que se possa fazer alguma coisa para alterar o rumo natural dos acontecimentos. Pode pensar-se em mudança de técnico mas não me parece que isso dê resultados desta época. Entendo, de qualquer forma, que temos possibilidades de evitar o pior. Há equipas em mais difícil situação, não há?

Manuel Maia Avides (sócio n.º 1223):

«Não é admissível termos chegado a esta situação. E não deem culpas ao treinador, porque não é ele quem faz (ou defende) os golos. A falta de camaradagem entre os jogadores deve ter sido o que mais contribuiu para este estado de coisas. Têm-se andado a «queimar» uns aos outros. Talvez evitemos a descida, mas

nunca os jogos de passagem. Nunca — vinca.

António Graça Pinto (sócio n.º 1362):

«É urgente a mudança de treinador. O que temos não está à altura. Há outros factores negativos, mas este é o principal. No entanto, será bom salientar que, entre os muitos erros cometidos, ressalta a falta de disciplina, a má orientação e a falta de camaradagem. Talvez não haja descida, mas haverá jogos de passagem.

Aníbal Alves Monteiro Oliveira (sócio n.º 296):

«A mudança de comandos talvez resolva tudo, mesmo para esta época. É evidente que chegámos a este ponto por má orientação. Se nada for feito, só a sorte poderá decidir o futuro da equipa. Para já torna-se indispensável ganharmos os três jogos que nos restam para disputar em casa. Se não for isso...

ARTUR MOURA



Virgílio Gomes



Amadeu Moreira



Manuel Pinto



Fernando Valença



Joaquim Martins



Manuel Avides



António Pinto



Aníbal Oliveira



WOOLMARK

diplommat

Novidade em alcatifas de PURA LÃ VIRGEM

Uma alcatifa **macobe/guarda**

À VENDA EM:

ALTAMIRA
R. Viriato, 23-D
R. do Ouro, 175

BELA MONTRA
R. Rodrigo da Fonseca, 12 a 16

BENAMOR LOPES
Av. Miguel Bombarda, 5-A

CASA QUINTÃO
R. Ivens, 30

ETCETERA
R. de S. Bento, 363 B/C

JANEL
R. Rodrigues Sampaio, 76-A

JOACHIM MITNITZKY DECORAÇÕES, LDA.
R. Victor Cordon, 1

PERGOL - SOCIEDADE DE PERGAMOIDES
E REVESTIMENTOS, LDA.
R. de D. Estefânia, 163-C

SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, LDA.
R. Augusta, 130

TALANTE DECORAÇÕES, LDA.
Av. Fontes Pereira de Melo, 34

EXCLUSIVO

KIT JONES "O PORTO CONTRATOU DOVER APENAS PARA SER CAMPEÃO"

«Quando vim para Portugal, já sabia que viria encontrar um basquetebol sub-desenvolvido. E, nos primeiros contactos, fiquei imediatamente com essa certeza. Se me perguntarem qual a principal diferença entre o basquetebol português e o americano há dois aspectos a considerar. O desporto português tende para a individualização e não tem o mais pequeno princípio da ideia de «desporto de conjunto». Por outro lado, o contacto físico a que um basquetebolista americano está habituado é totalmente diferente do que se pratica neste país, em que se puxam braços, se empurra e se agribe para impedir que o adversário possa lançar ao cesto.»

Kit Jones: três anos ligado ao basquetebol português. Primeiro na Figueira da Foz. Depois, no Sporting. Um americano que ainda não foi campeão mas cujo contributo ao desporto nacional é indelével. Nascido no Oregon, Kit Jones foi estudante na Universidade de Beloit (no estado de Wisconsin), para além do desporto, aprende línguas no curso para estrangeiros da Faculdade de Letras de Lisboa.

«Quando terminei o meu curso de literatura inglesa, nos Estados Unidos, não tinha planos concretos quanto ao meu futuro: o prof. Pfitsch, que na altura treinava a Académica, convidou-me para vir jogar para o Ginásio Figueirense. E, vim, pois achei que isso não era muito complicado. Quando cheguei à Figueira, encontrei um clube totalmente desorganizado, sem condições de trabalho e apenas com um interesse: manter a equipa na primeira divisão nacional. Não gostei dessa experiência e, no final da temporada, regressiei ao meu país. Em Janeiro da época seguinte recebi um telegrama em que os directores do Ginásio me pediam para regressar, pois a situação do clube não era a melhor na tabela classificativa. Estava muito frio e, como o clima por cá era ameno, resolvi voltar apesar de saber o que me esperava na Figueira. Como tudo estava na mesma deixei os treinos com os meus colegas e comecei a preparar-me sozinho. Integrando-me no meio dos restantes, podia «estragar-me», pois a verdade é que tudo aquilo era muito mau. Tudo isto é verdade e sinto pena de o ter que dizer: o Ginásio não deveria permanecer na primeira divisão, pois está a tirar possibilidades a outros clubes que bem mais trabalham pela modalidade.»

Depois:
«Em Portugal, o desporto em geral tem um carácter estrita-

mente individual, que vem da falta de técnicos competentes que possam ensinar os rudimentos da modalidade. As equipas têm figuras simbólicas a treinar. Figuras que, nos fins de semana, aparecem a «orientar» e não fazem mais nada. Com os miúdos o problema ainda é maior pois como não existe qualquer tipo de organização quando alguém pensa fazer alguma coisa de útil nem meses e meses de ensinamento chegam para se poderem obter pequenos frutos. Se numa semana se perde o jogo o regime de treinos volta ao princípio. Ao fim e ao cabo, tudo se resume a uma luta fantástica para que haja organização desportiva.»

Falando dos basquetebolistas americanos em Portugal:

«A vinda de americanos para o basquetebol português é um remédio superficial: pois sem um trabalho de base, nada feito. Falando francamente: que quer que lhe diga (por exemplo) do Porto, que contratou



Kit Jones, a mulher (a nossa colaboradora Linda Jones) e o irmão (também sportinguista) Jim Jones.

Dover apenas para ser campeão? O único jogador que, efectivamente, trabalhou pelo basquetebol português esta temporada foi Haderlein, que se integrou perfeitamente na equipa de Coimbra e é o «pivot» de que a Académica necessitava. Voltando ao Porto: o que é aquilo? Um grupo de jogadores sem grande jeito: que correm atrás de Dover, um homem fabuloso. Mas, compreende-se: o que é preciso (afinal) para um «cinco» ser campeão? Necessariamente que tem de «comprar» os melhores jogadores que andem no mercado. Agora o grande perigo é que essa situação (como parece) se generalize. Para

além disso, toda a gente está enganada quando pensa que é necessário trazer um jogador-treinador americano para Portugal. São precisos técnicos que ensinam: mas não nós, que nunca treinamos ninguém na vida e que, quando somos contratados, ninguém nos pergunta quais são as habilitações que temos para dirigir uma equipa. Perguntam, sim, se somos altos, se temos boa percentagem de marcação, se podemos dar a um clube o título nacional...»

A vinda para o Sporting:

«Ao terminar a época, no Ginásio, tive de pensar na minha vida: e acabei por optar pela permanência mais uns tempos neste país. O Sporting interessou-se pelos meus serviços, prometeu-me condições de trabalho (e financeiras) e aceitei. Os directores do Ginásio sabiam do meu interesse em mudar de ares e disseram-me logo que não havia problema nenhum. Fui aos Estados Unidos passar as férias e, quando voltei e já tinha casa montada em Lisboa, surgiram os problemas. À chegada falei-me que o Figueirense queria dinheiro pela minha transferência: mas, nunca acreditei. Quando fui à Figueira falei-me numa série de disparates: e acabei por ter de fazer determinados acordos perfeitamente parvos. Com a ajuda do Sporting tive de pagar dinheiro ao Ginásio, encoberto pela afirmação de que eu era «um grande jogador» e, portanto, merecia o que estavam a fazer.»

Porque perdeu o Sporting a presença na fase final do Nacional?

Eu faltei em dois jogos importantíssimos e a derrota com o Académico foi imperdoável:

no Porto, temos de jogar em força, bater e entrar, pois se optamos pela «meia distância» nada feito. Não pude jogar: e o meu irmão Jim não tem características para esse tipo de basquetebol. Já frente ao Vasco da Gama ia sucedendo a mesma coisa: e, com o Benfica (que é uma equipa vencível), joguei doente. Além do mais, há que ver que a maior parte dos actuais jogadores do Sporting eram, no ano passado simples suplentes: e agora jogam sempre «lá dentro».

A terminar:

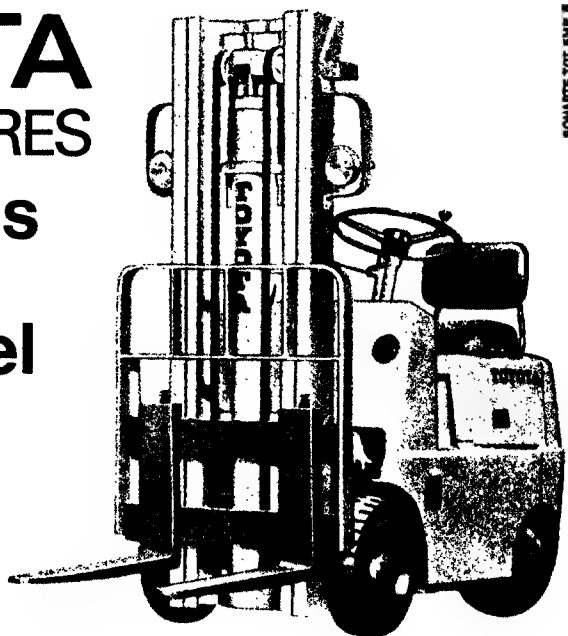
«Na próxima temporada continuarei no Sporting, mas não sei ainda se acontecerá o mesmo com meu irmão Jim. Durante o Verão as nossas escolas vão estar abertas para que toda a miúragem que quiser possa vir jogar. Não posso dizer que esteja a fazer obra no Sporting, pois num clube com as suas potencialidades isso é praticamente impossível. O que interessa é ganhar: se dissesse o contrário, estaria a dar uma falsa ideia. Já não oriento as equipas do Sporting, mas é bom que se diga que continuo a ser o seu treinador.»

C.J.

tesa**cola**bora consigo
fitas adesivas

TOYOTA
EMPILHADORES
eléctricos
a gás
e a diesel

SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA—
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA —
Av. da República, 45, 7.º-Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88



TOYOTA uma força nova para a indústria

NÃO DEIXE

QUE LHE FAÇAM ISTO!

VEJA, COMPARE E COMPRE O SEU



ESCORT — CORTINA — CAPRI — TRANSIT
EM

J. Mendes Coelho, Lda.

(O CONCESSIONARIO FORD MAIS ANTIGO DE LISBOA)

R. Alexandre Herculano, 6-A

R. Gomes Freire, 5-A / 7-C

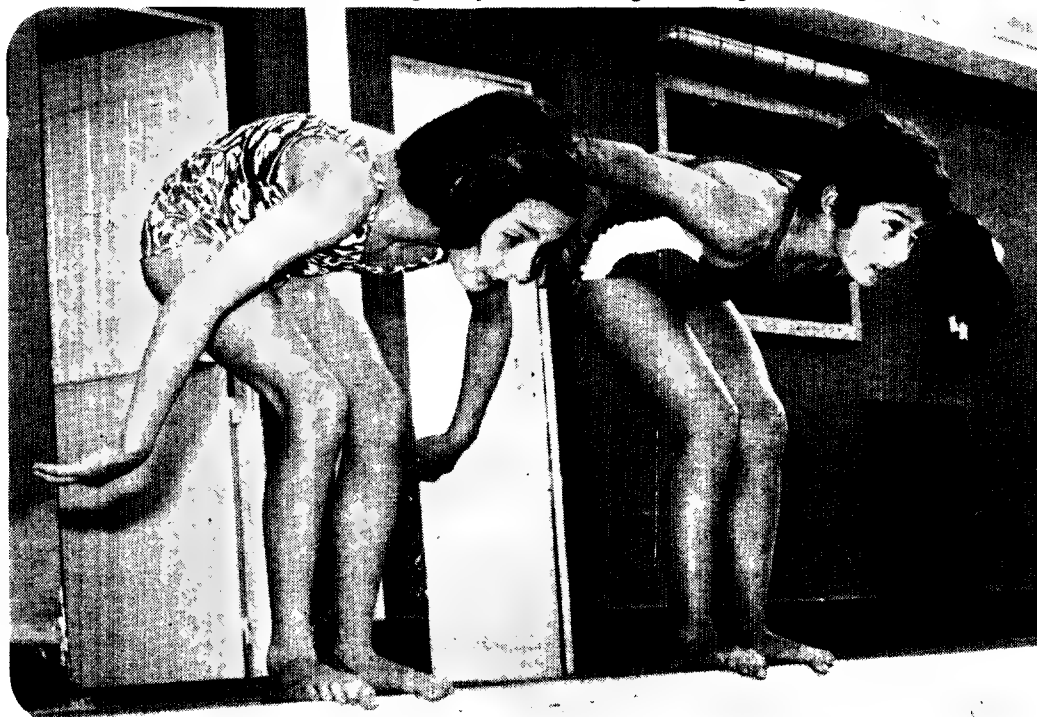
TELEF. 53 98 01



Paula gosta de brincar aos índios e cowboys, Luísa prefere as bonecas



«Somos boas amigas e queremos ir longe na natação».



Concentração, olhos fitos no fim da piscina, talvez mais um «record» à vista.

EXCLUSIVO

Paula Alves e Luísa Cavaleiro Madeira, as mais esperançosas nadadoras portuguesas de hoje, são garotas com 10 anos de idade e sonham

Mas, já têm o nome em todos os jornais

Por isso, contamos aqui

Duas histórias dois desejos a mesma vontade

Texto de Carneiro Jacinto com fotos de A. ...

Dois corpinhos franzinos: duas caras alegres, duas chamadas de juventude. Duas campeãs: duas esperanças da natação e do desporto portugueses.

Ambas com dez anos de idade (Paula Cristina Barata Alves frequentando uma escola no Restelo, Luísa Cavaleiro Madeira a estudar no Areeiro). A primeira, a nadar no Alentejo. A segunda, no Benfca. Ambas já com várias medalhas conquistadas no estrangeiro e muitas mais em Portugal. Com elas o diálogo do repórter:

L. C. M. — Chamam-me «Cavalo de Pau», aqui na natação, mas não acho piada nenhuma.

P. A. — Tu dás confiança e depois admiras-te que «ELES» te chamem isso.

R. — Quando principiou «isso» da natação?

L. C. M. — Comecei a nadar na Praia das Maças aos quatro anos e aprendi com o prof. Pintassilgo.

P. A. — Eu comecei não sei se foi aos quatro ou aos cinco, e aprendi aos seis. O meu pai levava-me muitas vezes para a piscina...

L. C. M. — Vai dizendo...

P. A. — Viu que eu tinha jeito e pediu ao senhor Júlio para eu vir para o Alentejo nadar.

L. C. M. — Paula: olha para a fotografia

R. — E depois?

L. C. M. — Ia para a Praia das Maças no Verão e chapinhava na água com o meu irmão. Como tinha jeito, o meu pai pôs-me nas lições e comecei a aprender.

P. A. — Sabe? Quando ganhei a primeira prova era para ir ao Porto mas o meu pai não deixou. Agora, que vou ao estrangeiro, já deixa. Foi preciso ir lá a casa uma japonesa para o meu pai deixar.

L. C. M. — Gostei mesmo da natação, quando comecei a ganhar tudo, e julgava que era sempre assim. Melhorava sempre os tempos e, como o meu pai gostava, eu entusiasmei-me a valer. Nadei em princípio de costas mas quando entrei em provas fazia todos os estilos. «Que máquina!»

P. A. — Primeiro, eu fiz costas e bruços, mas as costas

era «chato» porque estava sempre com água em cima da cabeça e desisti. Agora faço bruços e «crawl».

L. C. M. — Bruços para mim, é mau...

P. A. — Para mim é bom!

R. — E, porque praticam natação?

L. C. M. — Eu gosto muito de estar na água e fazer provas.

P. A. — Bem: eu gosto da natação porque gosto de praticar desporto e faço natação como podia fazer outra coisa qualquer.

R. — Têm tempo para brincar?

L. C. M. — Eu tenho muito pouco tempo. Às nove horas vou para o colégio, ao meio dia venho a casa e vou nadar à piscina do Areeiro até à uma e meia. Depois, venho a casa almoçar, volto ao colégio às 3 horas, venho lanchar às 5. Faço os trabalhos de casa para a escola e vou logo treinar até às 8. Depois do jantar vejo a televisão e às nove e meia estou na cama.

P. A. — Eu vou para a escola às nove, saio às três e dez, não vou para casa, faço os tra-

balhos no carro e às seis horas venho para a natação. Treino até às oito, às oito e meia estou em casa e às nove e meia vou-me vestir e... cama. Aos sábados é que tenho tempo de brincar.

L. C. M. — Eu não tenho tempo. Antes: não gosto de brincar. Gosto é de bonecas, não é como esta menina aqui ao lado...

P. A. — Eu gosto de brincar aos índios e «cowboys» lá na escola. Ainda hoje «tivemos a amandar» pedras de terra para as miúdas. Elas estavam todas «chateadas» e nós fartámo-nos de rir. A gente imita os filmes da T. V. Qual brincar com bonecas... Jogava ao berlinde com o Vicêncio enquanto esta andava sempre a arrumar o quarto.

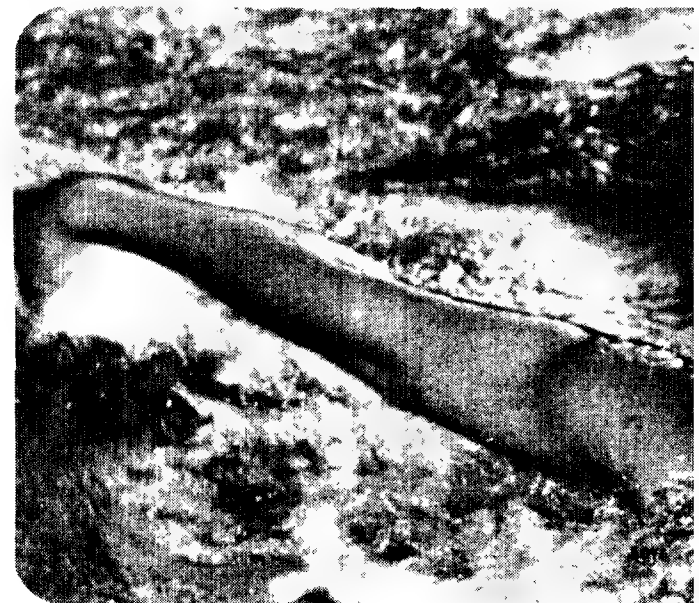
R. — E ficaram satisfeitas de ir ao estrangeiro?

P. A. — Eu fiquei.

L. C. M. — Aproveita-se para conhecer outro país. Sabe? O meu pai foi comigo.

P. A. — A minha mãe tem sempre qualquer coisa a fazer, e eu também prefiro que ela não vá.

L. C. M. — Ela quer arrumar



melhores e mais
dos os tempos,
os infantis.

rnais.

as,
s,
tade

ntônio Capela



Paula, campeã mundial? Porque não? Treinando pode ser que lá vá.

as malas sôzinha: se fosse a
mãe não o podia fazer.

P. A. — Andam sempre a
tomar conta, e eu quero andar
à vontade. O meu pai quer que
eu pratique natação e a minha
mãe anda atrás de mim...

L. C. M. — O meu pai foi
a todo o lado: e é melhor para
mim ir o pai.

P. A. — Para mim também
é mais prático.

R. — Como é que vocês es-
tudam e nadam?

L. C. M. — Eu não tenho
dificuldade nenhuma em estu-
dar, pois tenho o meu tempo
bem distribuído. Quando se
quer, pode-se fazer tudo sem
problemas.

P. A. — A Filipa, por exem-
plo, diz que não pode treinar
porque tem de estudar. Mas é
mentira. Basta levantar-se
mais cedo e fazer os trabalhos.
É o que eu faço.

R. — Quais foram os mo-
mentos de maior satisfação?

P. A. — Quando ganhei a
medalha de ouro, em Genebra,
fiquei doida de alegria. E, to-
das as vezes que venço uma
prova, tenho uma satisfação
enorme.

L. C. M. — Quando melhora

os tempos e ganho as meda-
lhas fico muito satisfeita. Se
tivesse recebido medalhas to-
das as vezes que tenho ganho
já tinha para aí umas 50: as-
sim, só tenho 19.

P. A. — Olha: eu tenho 13
e, quando estive na Madeira,
fartei-me de ganhar provas. Ve-
ja lá que só dão uma por ano.
Não é tão pouco?

R. — Vocês têm muitos ami-
gos na natação?

P. A. — Eu sou amiga dos
grandes: o José Rui, o Am-
brósio, o Fuentes. Sei lá: to-
dos! O Bleck é «chato»: no
hotel, em Genebra, não queria
que ouvissemos o que estava
a dizer aos outros rapazes.
Mas eu entrei de rastos e con-
segui ouvir...

L. C. M. — Aqui, todos são
meus amigos...

P. A. — Ah, é verdade: tam-
bém tenho pequenas amigas.
Esta, a Filipa, a Sandra, a Pau-
la Morais, a Banha, a Fátima.
Sei lá mais quem...

R. — Então o que é que vo-
cês querem ser quando forem
grandes?

L. C. M. — Não faço a míni-
ma ideia do que virei a ser.

P. A. — Queria ser professo-
ra de natação e não me impor-

tava de bater um «record»
mundial.

L. C. M. — Era bom...

P. A. — Era não, talvez seja.
Sei lá se consigo. Nem sei
quais são os tempos dos «re-
cordes» mundiais. Como é que
vou conseguir batê-los?

L. C. M. — Eu, quando era
pré-infantil, ganhava a todos
os rapazes. Agora em infantil,
quero continuar na mesma.

R. — Para terminar: gostam
de ser entrevistadas?

L. C. M. — Eu? Conforme
as perguntas que me fizerem...

P. A. — Há dias que gosto
de vir no jornal e nas revistas,
mas também gosto de gozar
como estas meninas que têm
estado aqui à volta a ouvir. Ho-
je gostei de falar...

L. C. M. — Eu gosto. Até
é «gozado».

Comentários? Não acho que
seja muito difícil acrescentar-
se qualquer coisa aquilo
que ficou escrito. Fiquemos
apenas com a certeza de que
a juventude portuguesa está vi-
va: Luisa e Paula são dois
exemplos a tomar muito em
atenção. O resto fica à apre-
ciação de cada um. Desde as
entidades que regem o despor-
to português até ao leitor.

Carta para Hagan

Mister Hagan:

Escrevo-lhe em português
para facilitar a leitura aos
seus patrões: e seus patrões
são todos quantos, dedica-
damente, pagam as quotas
de associados do Sport Lis-
boa e Benfica, não apenas
a meia dúzia que (muito
eventualmente) é manda-
tária oficial de toda essa en-
tidade patronal.

Que se estende de Norte
a Sul do País.

Que anda pelo estrangei-
ro fora, na labuta diária.

Que vive e sonha os êxi-
tos de um clube que você,
Hagan, só passou a conhe-
cer quando conseguiu sair
do esquecimento para um
belo e rendoso emprego.

Porque você, Jimmy, deve
recordar-se de como veio
parar ao Estádio da Luz. Da
sorte espantosa que lhe ba-
teu à porta quando, na sua
garagem de bairro apenas
vivia para saudades da bola
e para consertos em pneus.
Para mudanças de óleo e
uma ou outra espreitadela
nos jornais desportivos que
falavam de proezas (lindas)
de ingleses que, como você,
tinham um curso de treina-
dores de futebol, mas eram
aceites em todo o lado do
mundo.

Bem pagos. Respeitados.
Admirados.

Pois a sorte grande ba-
teu-lhe à porta quando o
presidente do Benfica foi lá
a Londres, procurar um su-
jeito habilitado para domi-
nar esse brilhante punhado
de futebolistas que traba-
lham com o emblema da
água na camisola.

Uma pléiade de vedetas.

Uma mão-cheia de «estre-
las».

Um mostruário com al-
guns dos nomes mais cota-
dos de toda a história do
futebol. Óptimos: um por
um. Só que não aparecia
quem tivesse pulso para os
suster no esbanjar de ener-
gias, na dissipação de di-
nheiros, no desperdiçar de
horas livres.

Você surgiu.

Espreitou o negócio.

Viu o «furo».

Bastava um perfeito de
colégio. Um monitor de gi-
nástica. Um guarda-costas
para impedir os meninos de
se aproximarem do poço.

Que poderia ser uma mu-
lher.

Uma mesa de jogo.

Uma garrafa de «whisky».

Foi o seu primeiro triunfo:
conter em respeito essa le-
gião de ídolos. Dar-lhes
mentalidade profissional.
Manter-lhes o vigor físico.
Proibir-lhes muitas mulhe-
res. Muito jogo. «Whisky» fo-
ra dos seus olhos.

Numa palavra: você tinha
tido a sua vocação errada.
Você não era um garagista,
Jimmy, você tinha no seu
intimo todas as condições
para o excelente polícia que
é hoje.

Só que os jogadores por-
tugueses não admiram mui-
to quem os refreia.

Só que os jogadores do
Benfica suportariam esse
seu despotismo se você ti-
vesse o rosto persuasivo do
bonacheirão Lajos Czeizler.
Da matreira raposa Gutman.
Do paternal Riera. Do alegre
e optimista Otto Glória.

Homens que identifica-
ram jogadores com homens.

Que ficaram no arquivo
da saudade benfiquista.

Nos olhos administrativos
de comandados e de inimi-
gos.

Mas você, Jimmy Hagan,
que não possui um pedaço
da sombra prestigiosa de
Gutman, de Otto, de Riera,
que não tinha (como eles

possuíam) uma centelha de
fama no mundo do pontapé
na bola, rapidamente enten-
deu (por detrás dos seus
olhinhos pequenos) que só
uma enorme e fictícia au-
to-disciplina o poderia fazer
permanecer no caminho pa-
ra a fortuna.

No percurso para o nome
nos jornais.

Para a imagem na televi-
são.

Para a assinatura numa
conta bancária.

Com as costas quentes
pelos dinheiro que as suas
marionetas lhe iam metendo
no bolso, você foi fazendo
pela vida. De rosto esfíngi-
co. De carácter enigmático.
De alma alheia aos proble-
mas da terra.

Um super.

Um reizinho.

Um ditador.

de PRAÇA
a PRAÇA
NEVES DE SOUSA

cada para a demolição do
Ajax, você colocou outra
vez José Augusto.

O mesmo que sorriu do
seu desdém por Toni e o
foi buscar para a selecção
de Portugal.

Mas você, Hagan, tem
uma espantosa e quase ina-
credível sorte. Você estica
até ao fim os cordelinhos
e eles não partem. Você, es-
partano nas falas e nos ac-
tos, quer, conquistar Atenas.
E não recua. Não faz um
exame de consciência. Con-
tinua de polegar para baixo,
quando deveria descer do
seu trono de papelão e, ao
menos uma vez, perguntar
a si próprio se está agindo
bem.

Ofendendo os reporteres
da televisão francesa.

Fazendo guerra fria entre
os homens da informação.

Colocando em permanente
equação os mandatários da
tal massa associativa de
que já lhe falei.

Soberano.



Os rapazes não o admira-
vam, não o respeitavam, não
o admitiam no grupo como
um companheiro mais.

Odiavam-no.

Abjuravam-no.

Só que a cornucópia do
ouro desabava nas suas al-
gibeiras: e você, felizmente,
não tinha veleidades em en-
sinar-lhes táticas, técnicas,
segredos do futebol.

Só que você, introvertido
nos seus escassos conheci-
mentos de futebol, apenas
queria que eles tivessem
boa condição física: porque
sabia, porque sabe, que na-
da pode ensinar de futebol
a Simões, a Jaime Graça,
a Eusébio, a Rui Rodrigues,
a Artur Jorge. Porque você
sabe, porque o espelho diz-
lho, que você não pode-
rá nunca ser um professor
de futebol. Um idealizador
de esquemas, um demolidor
de estratégias, um vencedor
calculista de exércitos.

Aí o segundo triunfo que
trazia na manga: dar roda
livre aos jogadores do seu
patrão para eles poderem
continuar a evidenciar, nos
campos de futebol, todo o
talento que os tinha coloca-
do num «plantel» de milio-
nários.

No galarim da fama.
No cume da cotação fute-
bolística.

Mas teve problemas: mes-
mo sem se imiscuir nos de-
les. Na Pérsia ficou zangado
com Toni. No Brasil levou
a mal aquela paródia de
Vitor Baptista. E, no interva-
lo entre uma coisa e outra,
passou a tentar esquecer-se
dos namoros de Barros. Das
viagens do Humberto ao
Porto. Das felizes noites de
Eusébio.

Você, como disciplinador,
notou que também estava a
falhar.

Você, como preparador
físico, percebeu que não
conseguia evitar que Eu-
sébio engordasse.

Você, como homem que
vive do futebol, entendeu
que só um técnico poderia
ter encaminhado a sua equi-
pa para a vitória em jorna-
das decisivas.

Para Aveiro, onde a
pólvora estava pronta a de-
flagrar, você arranhou ma-
neira de mandar José Au-
gusto.

Na linha lateral, na arran-

Magistral.

Genial.

Todos vêm até onde você
pode ir, a que praia pode
arribar, a que meta pode
chegar. Se for humano e in-
teligente. Se não cruel e es-
perto. Se conseguir a cola-
boração íntima dos seus co-
mandados. Se não os impul-
sionar para a frente só por-
que tem o chicote na mão
e a galé tem de rumar até
à árvore das patacas.

Hagan, um conselheiro de
desconhecido: abandone o
seu Olímpo e perca as rou-
pagens da arrogância.

Esqueça a longa estrada
que teve de percorrer para
chegar até ao Benfica e
penso que só aí continua
porque os jogadores preci-
sam de fazer pela vidinha.
Que é deles: e, só por reflexo,
beneficia os seus have-
res.

Não ligue às palminhas
nas costas dos seus boleti-
neiros de notícias: na hora
da infelicidade, todos vão
descobrir motivos para re-
jeitarem a sua cara.

Como é da história.

Como acontece em épo-
cas cíclicas.

Como lhe sucederá mais
cedo do que você pensa se
não tiver a seu lado a cola-
boração leal e franca dos
rapazes que jogam o seu di-
nheiro.

Mas que nem podem ou-
vir falar de si.

Que nas rodas de amigos
contam risionalmente os
seus métodos.

Que daqui a meia dúzia
de anos apenas se lembra-
rão que pertenceram ao
Benfica e lá ganharam muito
dinheiro.

Muita fama.

Muita popularidade.

Uma vida futura.

E amanhã cómodo.

Que não entrará jamais num can-
to da sua saudade.

Dê a mão à palmatória e
fique humilde.

Como Jordão. Como Ne-
né. Como Eusébio. Como Si-
mões.

Como todos esses que
são, afinal, o espectáculo de
que você é somente con-
tra-regra. Regente de basti-
dores.

Não queira numa hora
abarcas céu e fortuna. Peni-
tencie-se. Faça um acto de
contrição e desça à terra.

Enquanto é tempo.



Luisa: «mariposa é que é bom».

O "BOXEUR" ERA MULHER

1 — Sempre acontece cada uma! Jackie Fuller tinha-se transformado na maior revelação do boxe inglês. Após pôr a K.O. diversos adversários a crítica e o público acreditavam estar ali um futuro campeão. Mas, aqui há dias, nas vésperas de um combate mais importante, exame médico detalhado revelou um segredo insuspeito: Jackie era mulher!

2 — O seu treinador Bill Green afirmou: «Essa garota foi o melhor rapaz que tive a oportunidade de preparar. Tem muita categoria. É uma pena. Está tudo acabado, pois o boxe é um desporto proibido para senhoras». Entretanto, Jackie, que teve de deixar o clube de pugilismo onde se exercitava («South Oxhei») não ficou abalada com a descoberta e declarou que «continuará a preferir os desportos masculinos»...

3 — O «volante» argentino Carlos Reutemann, após vencer o brasileiro Emerson Fittipaldi no Autódromo de Interlagos (em São Paulo) voou para Londres, onde participou na corrida de Thruxton, Fórmula 2, a contar para o campeonato da Europa. Todavia, a pouca sorte espreitava-o e, numa



INFORMAL

Mário Nobre

das provas, uma roda do carro saltou-lhe (subiu quase 20 metros), pelo que foi projectado contra o gradil de protecção da pista, fracturando um tornozelo. Recolheu ao hospital e já se encontra livre de perigo, mas ficará imobilizado durante algumas semanas.

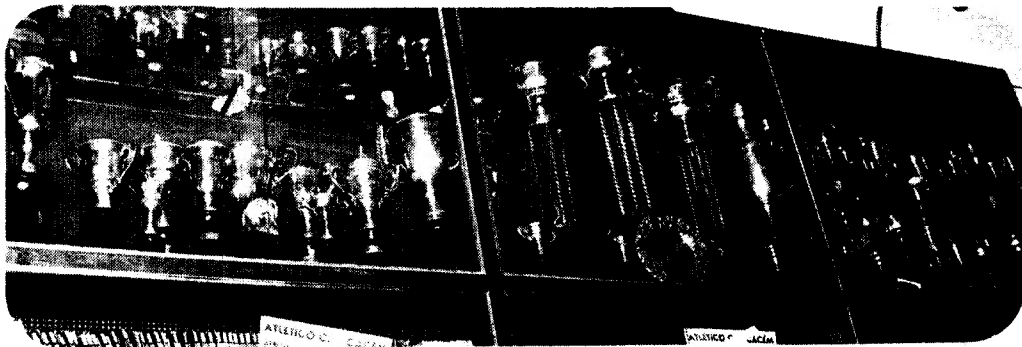
4 — O pugilista brasileiro Everaldo Costa Azevedo venceu, em Reggi Emilia (Itália) o norte-americano Johnny Withe, por pontos, em combate de 8 «assaltos».

5 — Dois terços dos três milhões e 800 mil bilhetes para os Jogos Olímpicos de Munique já foram vendidos, informou o Comité Organizador. 740 mil foram para o estrangeiro. Os principais países adquirentes são: Estados Unidos, 118 000; Inglaterra, 52 000; Jugoslávia, 47 000; Suíça, 36 000; França, 35 000; Austria, 33 000; Japão, 31 000; Alemanha Oriental, 22 000;

Rússia e Brasil 18 000 cada.

6 — Por esta razão os organizadores do certame estão eufóricos e cientes de que a receita total atingirá 9 milhões de dólares, batendo assim os recordes das competições de Roma, Tóquio e México.

7 — O Barcelona, de Guaiquil (Equador), treinado pelo brasileiro Otto Vieira (que já foi técnico do FC do Porto) prepara-se para enfrentar, dia 12, o São Paulo FC (agremiação onde principiou a sua actividade como adjunto de Vicente Feola) para a Taça Libertadores da América (prova émula da «Taça dos Campeões Europeus»). Desde 1963 que o Brasil não é vencedor do troféu. O Santos foi o último clube brasileiro que representou as Américas na final contra o campeão da Europa. O tal ano em que Pelé e Coutinho deram «show» na Luz!



Os troféus do Atlético Clube do Cacém

COLECTIVIDADES POPULARES

ATLÉTICO DO CACÉM: UM CLUBE EM PROGRESSO

Por ALEXANDRE PAIS

Mora no Cacém uma das agremiações mais progressivas dos arredores de Lisboa. Em andamento, uma campanha para se atingir o milhar de associados que, para já, são oitocentos. A cotização atinge a verba mensal de seis mil escudos. Ao contrário de outros clubes populares, ali ninguém paga mensalidades irrisórias: o mínimo são 7550 e uma grande parte dos sócios contribui com 10500. A fundação data de 21 de Julho de 1941.

Estes elementos são-nos facultados pelo sr. Fernando Franco (de 53 anos, empregado de escritório) presidente da direcção de Atlético Clube do Cacém. Que não perde tempo:

«Praticamos futebol, com equipas em competição nas três categorias: juvenis, juniores e seniores. Temos inscritos cerca de 70 atletas. O treinador gracioso (Américo Andrade) está a desenvolver bom trabalho: os seniores estão em 1.º lugar na sua série da 3.ª Divisão distrital, com dois pontos de avanço sobre o segundo. Em actividade está também a secção de ténis de mesa que, sob a orientação do antigo campeão nacional João Costa, procura chamar a juventude do Cacém à prática da modalidade.»

Sobre as instalações do clube:

«Esta sede é alugada por 500 escudos mensais. Como já estamos muito apertados pedimos ao senhorio (que é sócio amigo da colectividade) para aumentar a casa. Claro que a renda teria de ser revista, mas estou convencido que haveria benefício para as duas partes. Com o campo de futebol, cujo terreno nos foi cedido por um grande proprietário aqui do Cacém, gastou o clube cerca de 200 contos. Mas, bem vistas as coisas, não estamos seguros, pois quando o sr. Joaquim Vieira ou os seus herdeiros entenderem, avisam-nos com seis meses de antecedência e temos de sair. É evidente que no Atlético do Cacém não deve haver um único sócio que acredite nessa hipótese. É, só assim se justifica que nos abalancássemos a uma obra de grande vulto: a electrificação do campo, obra que nos ficou em 160 contos. Para pagamento dessa verba estamos a contar com o auxílio do Fundo de Fomento Desportivo e das entidades oficiais do concelho que, acrescente-se, sempre nos têm ajudado. A Câmara de Sintra, por exemplo, arranjou-nos a rua de acesso ao campo e também a junta de freguesia contribui com doze mil escudos. Agora, aguardamos que a Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos estabeleça a ligação com o cabo das C. R. G. E.»

Filial do Atlético Clube de



Há que ter cuidado com as continhas: estão 140 contos por pagar

Portugal, a colectividade do Cacém gasta por ano mais dinheiro com o futebol do que aquele que os sócios pagam. Sobre isso, fala-nos o vice-presidente directivo, Virgílio Antunes, analista químico:

As despesas anuais com o futebol rondam os 90 contos: mas só os transportes chamavam a si, antigamente, quase um terço. O problema foi resolvido com a aquisição de uma carrinha. O que vale são as receitas do futebol (que as fazemos bem jeitosas no nosso campo!) dos bailes e das verbenas.

O presidente da Câmara Municipal de Sintra, sr. António Pereira Forjaz, já nos felicitou pelas festas que organizamos. Nos meses de Verão conseguimos «fazer» bastante dinheiro. Isto obriga-nos a um trabalho intenso e, quando chega a altura da rendição, ninguém quer pegar na pasta: da última vez foram precisas três assembleias gerais para se arranjar os onze directores.»

De que constam as tão celebradas festas do Atlético do Cacém?

Gincanas, torneio de tiro aos pratos e um circuito ciclista que chegou a reunir 60 atletas e que foi proibido por causa da auto-estrada. Este ano as coisas estão bem encaminhadas para voltarmos a organizar essa prova. Além disso, nas verbenas que efectuamos (num ter-

reno cedido pela Câmara) contamos sempre com os pobres e com os bombeiros.»

Na parede do gabinete onde nos mantemos desde o início desta recolha de elementos, e mesmo ao lado da fotografia do dirigente Jaime Franco, vê-se uma estampa colorida do antigo defeso benfiquista Manuel Serra:

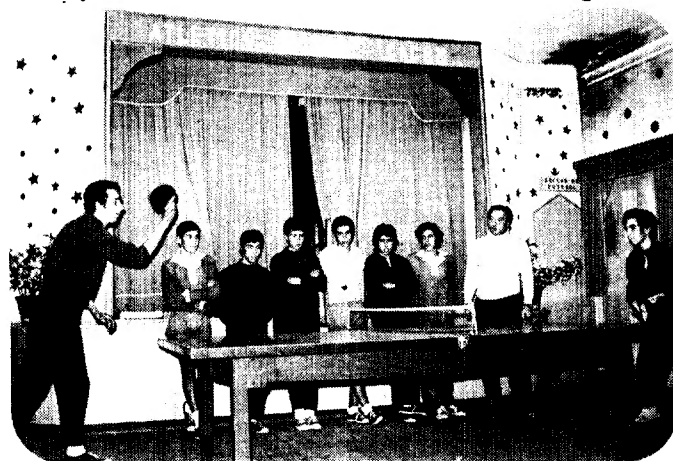
«De facto, foi no nosso clube que o Serra deu os primeiros passos numa carreira que culminaria com o bi-campeonato europeu. Depois de jogar nos juniores do Atlético do Cacém foi cedido ao Oriental e, mais tarde, transferido para o Benfica.»

E, como passa ele?

«Anda para aí, talvez perdido em face das suas idéias, mas é pessoa dedicada ao clube, amigo sincero disto. O ano passado foi (até) o treinador da nossa equipa principal.»

Nota final de reportagem: a extrema gentileza da turma directiva do Atlético do Cacém, em contraste imediato com o «maníaco do volante» que, ali mesmo, junto à sede do clube, vociferava as ameaças e impropérios habituais, por a viatura em que nos deslocámos não lhe ter cedido a prioridade a que se julgava com direito. É assim: no melhor pano cai a nódoa.

Mas disso não tem culpa o Cacém. O problema não é de terras, mas de certas gentes.



Ténis de mesa: uma modalidade em desenvolvimento

tanta loiça!

36 PRATOS
24 CORTES
12 CHAVERAS
12 TALHERES COM
100 PEGAS
2 TRAVESSAS
1 DANIELA
1 TACHO
2 TIGELAS
1 PIRE



riber

lava-a toda!

A máquina super automática-bio, de maior capacidade do mercado.

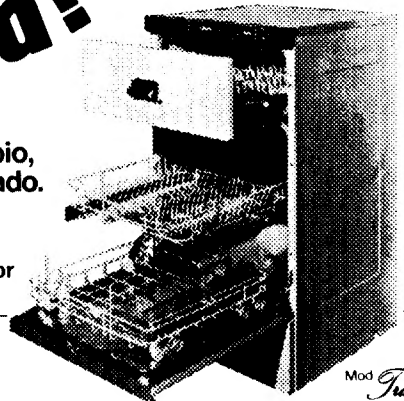
Modelos para 8 e 12 pessoas (incluindo tachos)

Equipadas com rodas e descalcificador



SABEL

Rua D. Estefânea, 98-LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209-PORTO



Mod. Tux

Mundo Eléctrico, Ld.ª
R. Conde Redondo, 1-A

EM EXPOSIÇÃO:

Exclusivos Eléctricos, Ld.ª
Av. Alm. Reis, 12-A

Rei da Voz, Ld.ª
Estr. de Benfica, 725-C

Raio de Luz, Ld.ª
R. da Prata, 143

JUVENTUDE

OCTÁVIO: ABELHA MESTRA EM SETÚBAL

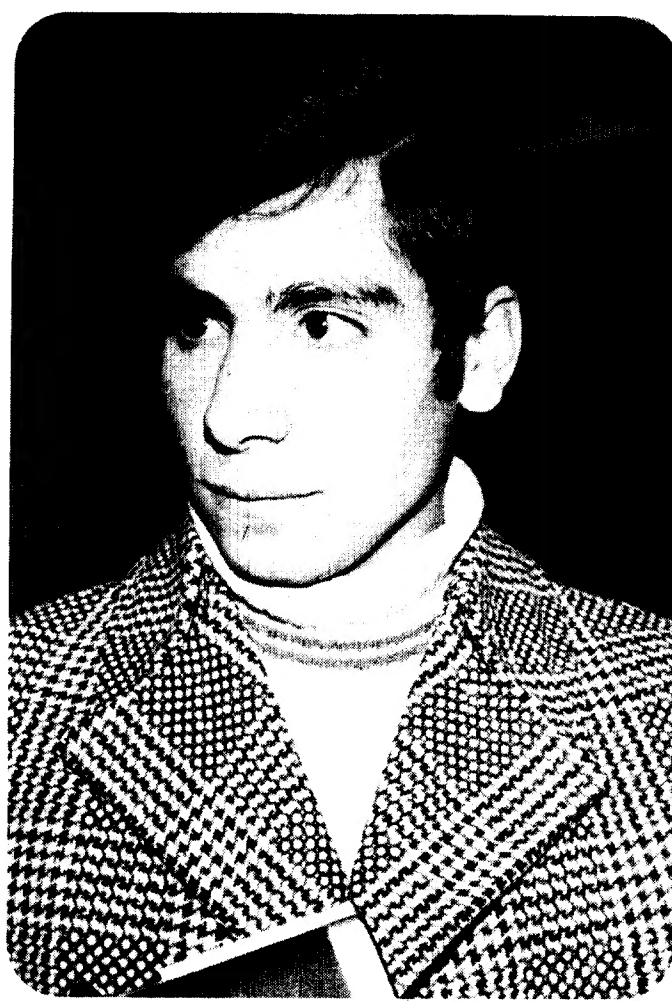
No meio-campo do Vitória, ele é a abelha-mestra. Pequeno (embora), mas abelha-mestra que tudo controla no cortiço dourado de José Maria Pedroto. Chama-se Octávio Joaquim Coelho Machado, as gentes do futebol conhecem-no pura e simplesmente por Octávio, tem vinte e dois anos de idade e o seu talento é inversamente proporcional à altura. É o mais baixo jogador da equipa (físicamente) mas, talvez, o maior de todos (futebolisticamente) num conjunto onde há praticantes dos melhores do futebol indígena. Hoje ele será, também, o guia do Vitória do Sul, contra o Vitória do Norte. Certamente a pauta por onde vão guiar-se os vinte e dois homens de Wilson e Pedroto, e para o futebol na vila de Palmela, a dois passos de Setúbal. Filho de gente com relativas posses, instalado na vida com o desafogo suficiente para poder facilmente estudar, concluiu o curso industrial técnico de Máquinas, mas acabou por se profissionalizar no futebol. Cedo ascendeu à primeira categoria do Palmela, cedo se tornou a vedeta da equipa, cedo foi tentado por clubes vários. Hoje, «líder» do conjunto vitoriano, desafiando no centro do terreno toda a magia de um predeterminado, improvisando temas, enquanto Matine vigia a retaguarda e José Ma-

ria se esgueira na frente para pegar no mote e continuar a jogada até às imediações da baliza adversa.

Com uma técnica de pés quase perfeita, com uma genérica e uma força incomuns para os seus dez réis de gente, Octávio jamais pára de correr, jamais deixa de mover luta a um adversário ainda que ele seja um desses «caterpillares» do futebol que andam por aí. Por isso ganhou o carinho das gentes do Vitória: por isso em qualquer campo ele é dos mais aplaudidos.

Há pormenores na sua forma de jogar que o tornam inconfundível entre companheiros e adversários. Nomeadamente, a inteligência e frieza com que prepara e conclui os lances por mais quentes que sejam as zonas onde se desenrolem. Recordamos, por exemplo, o primeiro gol contra o Spartak de Moscovo (em Setúbal). Quando não havia meio de romper a muralha moscovita, quando os avançados já desesperavam de tentar o gol em jogadas aéreas, Octávio resolveu o problema da única maneira possível naquelas circunstâncias: inteligentemente. Rematou rasteiro, de longe, fraco mas desviado do guarda-redes e por entre dezenas de pernas espetadas na grande-área. Para o sítio óptimo.

Actualmente, Octávio presta serviço militar numa unidade lisboeta, o que nem sempre lhe possibilita a participação nos treinos. Isso não o impede de



continuar a garantir a efectividade na equipa do Vitória e não lhe diminui a candidatura a um lugar na selecção: onde, (aliás) já jogou contra a Bélgica.

Octávio é um dos jogadores que mais lucrou com o trabalho de Pedroto, em Setúbal, tendo progredido extraordinariamente, em especial no capítulo de condição física. Antes de Octávio e depois de Tomé sair do Vitória, no meio campo sadino jogaram (sem se fixarem definitivamente) Barão e Pedro. Depois, saiu Wagner e entrou Matine. Octávio (esse)

continua de pedra e cal, valorizado dia-a-dia: e, ou muito nos enganamos, ou será mais um dos que, ao transferirem-se para clube mais ambicioso, permitem ao Vitória levar a vida decente e de cara lavada que tem sido sua característica de há muitos anos para a actualidade.

Entretanto (e até lá) ele é o comandante do grupo, o trabalhador diligente e, ao mesmo tempo, uma abelha-mestra: orientando a produção do mel doce e vistoso do futebol sadino. Hoje, ele será mais uma vez figura e espectáculo.



Pietra: porque o pai era Pietra

PIETRA: nova "torre" para Belém

Para os jovens adeptos do Belenenses que já conheceram o clube na morada do Restelo, as famosas «torres de Belém» constituem apenas uma recordação que permanece no espírito dos saudosistas das Salésias. Mas, mais do que isso, os excelentes jogadores que motivaram o epíteto são símbolos de épocas já distantes, em que o futebol belenense, se equiparava ao do Benfica e ao do Sporting. Agora, à medida que o tempo corre, mais se avolumam as dificuldades da colectividade «azul» para acompanhar o passo dos parceiros aqui da rua.

Os bons executantes custam hoje o metalzinho de que o Belenenses não dispõe: e, nas categorias inferiores, escasseiam os moços dotados para grandes voos. De quando em vez lá surge a revelação que vai entreteendo as esperanças dos gloriosos optimistas de Belém:

— Chamo-me Minervino José Lopes Pietra e nasci em Lisboa, na freguesia da Ajuda, no dia 1 de Março de 1954.

Por Minervino começou a ser conhecido: hoje quase todos lhe chamam Pietra. Explica ele:

— O meu pai jogou futebol durante vários anos e era conhecido por «Pietra». Por isso eu gostava que os órgãos de informação me tratassem por esse nome.

O pedido aqui fica, à consideração dos nossos camara-

das de trabalho que porventura ainda desconheçam o pormenor. O exemplo, porém, deverá ser seguido pelo funcionário que aos domingos, no Restelo, aponta no quadro o nome dos jogadores. Valeu?

Aos 17 anos, ainda com idade de junior, Pietra ascendeu ao lote dos futebolistas profissionais do Belenenses. Entretanto, com o impedimento de João Cardoso, começou a jogar na equipa principal: «Por enquanto estou de passagem, mas procuro «agarrar» a oportunidade. Tenho sentido certas dificuldades em me adaptar ao lugar de defesa lateral, pois sempre joguei no centro do terreno. Aliás, estou convencido que acabarei por regressar à minha antiga posição: onde (devo confessar) me sinto mais à vontade.»

O problema de Pietra é, por certo, o mesmo que se deparou

a Murça e a João Cardoso. A defesa do Belenenses é hoje composta por quatro defesas-centrais. Mas, voltemos ao nosso entrevistado: «Comecei a jogar em 1968 (nos juvenis) e, depois, como júnior, fui «internacional». Tive como treinadores Inácio Rebelo, Diamantino, Rui Silva e Zé Moreira: este, já quando eu cheguei a sénior, foi de todos eles o que mais me ensinou.»

Sobre os jogadores que mais admira, Pietra confessa:

«Rui Rodrigues (que é o melhor defesa português e Jordão, o avançado que mais dificuldades sinto em marcar)».

Contratado pelo Belenenses até 1975, Pietra terá então muito para contar. E, com um pouco de sorte (não é verdade, Quaresma?) e mais uns quilos em cima, teremos no Restelo a nova «torre» que os homens de Belém não podem deixar fugir.

CARROS USADOS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE ATÉ ÀS 24 HORAS
de 20 de Março a 15 de Abril

NA

AUTO MONUMENTAL
DO AREIRO, S.A.R.L.

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D (ao Areiro)
Tels. 718607 - 727654 - 713057

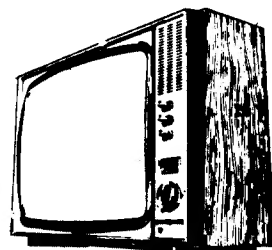
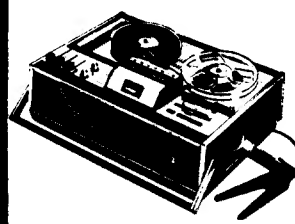
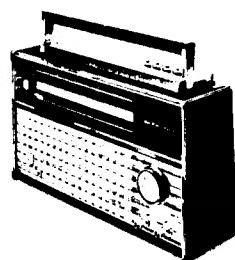
Agente oficial VOLKSWAGEN



CONDIÇÕES ESPECIAIS
DURANTE ESTE PERÍODO

FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

GRUNDIG



GRANDIOSA CAMPANHA

SUPERMANOS

Largo do Mastro, 3-9 - Lisboa

NOVALIS

Av. Almirante Reis, 21B - Lisboa

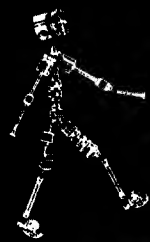
MUNDILAR

Rua 1.ª de Maio, 138 - Lisboa

Vendas em 36 prestações
Sem entrada - Sem fiador

TV **GRUNDIG** '72

a qualidade e a forma perfeita



NA OFICINA DA ESTRELA — R. SANTO ANTÓNIO, 31-A TEL. 671091/2
DENTRO DE LISBOA, A MAIOR E A ÚNICA COM LINHA DE REVISÕES



ARAS MARCAÇÕES



IMEDIATAS, RÁPIDAS REPARAÇÕES E



RAÇÕES E



TAMBÉM REVISÕES

inclusive os cupões grátis A e B — FÉNIX — assistência oficial



ACTUALIDADE

RUDY: campeã sem luta

Por DANIEL REIS

Os amigos chamam-lhe «Rudy». O seu verdadeiro nome é Maria Eurydia Correia. Nasceu em Baleia, no Norte de Moçambique, no dia 18 de Fevereiro de 1949. De profissão, é analista-química. De temperamento, é tímida e simples. Um tudo nada mais juvenil do que a sua idade justificaria. Como particularidade notável, é colecionadora de medalhas e faixas de campeã, na Ginástica Desportiva. Há dois anos consecutivos «abafa» os títulos nacionais, o ano passado o de Seniores «B». Este ano, Seniores «A». Ou seja: o ceptro absoluto. Com uma tristeza e uma mágoa à mistura. Ganhou bem, sim, mas sôzinha. Nem uma adversária para lhe dar luta.

«Tem muito mais piada ganhar quando há luta e quando temos adversárias, ainda que

menos boas. Só por isso o campeonato não me deixou inteiramente satisfeita e foi por isso também que gostei muito mais de participar no sarau organizado pelo Ginásio Clube, em Campo de Ourique. Lá, tive-mos de nos bater contra uma boa equipa francesa e aí, a vitória já foi muito mais disputada. O que vale é que na ginástica importante, importante é superarmos a nós próprias e o nosso único adversário directo é cada aparelho. Desde que os vencamos, então está cumprido o objectivo. E, aí, julgo que cumpro, pois fiz médias boas e tive uma actuação razoável.»

Antes desta estadia na metrópole, que se iniciou em fins do mês passado e se prolonga até ao dia 17, do corrente, pois entretanto terá de defrontar a selecção da África do Sul, «Rudy» já fazia ginástica há dez anos. Primeiro, no Clube Ferroviário de Moçambique; depois, no Ginásio de Lourenço Marques, onde exibe a sua classe nata de campeã há dois anos, desde que Rolando Costa é o treinador na filial número um do Lisboa Ginásio.

«Já foram meus treinadores os mestres Júlio Roncon, Prata Dias e Nuno Abranches e só sai do Ferroviário quando comeci a notar desinteresse da parte do treinador. Na ginástica, o fundamental é gostar-se de trabalhar no Ginásio e ser dirigida por um treinador que saiba despertar sempre um renovado interesse pela modalidade. Actualmente isso acontece plenamente, pois ao meu gosto pelo desporto que escolhi, que já vem de há muito, junta-se, agora, o interesse do treinador. Rolando Costa é de uma dedicação sem limites e traz-nos sempre a par das inovações que em matéria de ginástica vão aparecendo pelo mundo. Daí que estejamos a progredir tecnicamente e a melhor de ano para ano.»

«Rudy» já competira no continente por mais duas vezes; em 1971 (ano em que o título absoluto foi arrebatado por Maria Manuela Contreiras) e em 1969 (em que se classificou em terceiro lugar na geral, mas já venceu a Trave Olímpica). Desta feita, e além do campeonato, ajudou a levar para Lou-

renço Marques e para o Ginásio local a «Taça de Portugal» guardando para si medalha comemorativa do acontecimento. Esta soma de triunfos não lhe causa grande admiração, pois nos clubes metropolitanos isto vai mal.

«De ano para ano noto que aumenta a representação de Angola e Moçambique, aos campeonatos nacionais: e diminui a de Metrópole. Agora, em Seniores, até já nem tivemos adversários: o que é mau. Só a Manuela Contreiras dá luta, mas não pôde competir. De resto nada, não sei porquê. Será que as moças metropolitanas não vêm vantagens na ginástica ou será que não têm tempo para praticar? Por mim, trabalho há quatro anos, das nove da manhã às cinco e meia da tarde, e treino três a quatro horas diárias, até cerca das vinte e uma. Cinema, praia e bailes só no fim de semana: e chega bem. A tal ponto que muitas vezes me convidem para festas e «reinações», mas não vou nisso. Não troco um treino como as americanas. A campeã americana, que eu vi competir na África do Sul e que foi o mais espantoso caso de perfeição técnica que já conheci, treina durante oito horas diárias. Claro que tem algumas facilidades para estar tanto tempo no ginásio, mas não há dúvida que só assim se pode atingir a perfeição que caracteriza os grandes campeões.»

Não se julgue pelo exposto que «Rudy» não é como as raparigas da idade e que não tem como elas, anseios simples e comuns a todas as raparigas. Sabe, por exemplo que o casamento lhe pode causar problemas.

«Ao fim de tanto tempo de ginásio já estaria saturada, se não gostasse. Assim não, pois tenho tempo para tudo, para trabalhar e para treinar. Os problemas começam a surgir quando os homens nos roubam tempo e, às vezes, disposição. Tenho o exemplo das minhas irmãs que eram excelentes desportistas e a partir do momento em que começaram a namorar foram obrigadas a deixar o desporto, devido à guerra que os futuros maridos lhe faziam. A Manuela jogava basquetebol, muito bem mesmo,

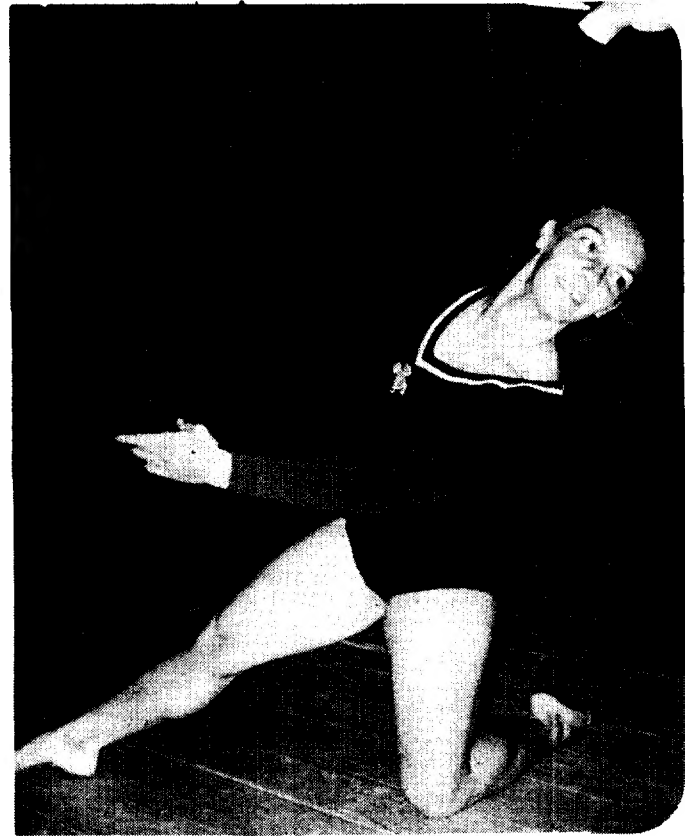
Solene também fazia ginástica e ambas, hoje casadas, se perderam para o desporto. Eu já estou preparada: mas, por enquanto, não namoro. Depois se verá...»

Enquanto Cynthia Tubio, sua colega de equipa, se deslocou à Alemanha na companhia do treinador e de outras ginastas metropolitanas, para ali frequentar um estágio de aperfeiçoamento, «Rudy» e Ana Catarina Patrício aguarda em Lisboa o embate Portugal-Africa do Sul. As razões para não ir à Alemanha, são fáceis de explicar e querem dizer apenas: falta de verba.

«A Cynthia teve que pagar a viagem e estadia do seu bolso e eu não podia. Por isso não fui. Mas, já tenho ido à África do Sul, onde o nível ginástico é de longe superior ao nosso. Ainda o ano passado lá frequentei um estágio com um professor francês. O treinador era muito bom e aprendi bastante. Aliás, na África do Sul, em vez de se deslocarem os atletas a toda a hora, preferem mandar vir técnicos de fora, para se actualizarem. Os melhores desportistas, depois, é que são enviados aos grandes centros das respectivas modalidades.»

«Rudy» gosta do desporto que escolheu, sacrificou até o ténis, para melhor se lhe poder dedicar à ginástica. Gosta, igualmente, da sua profissão. Por isso nos pareceu plenamente realizada e apta a continuar nos progressos diários. Só que neste aspecto do aperfeiçoamento técnico individual há muitas dificuldades a vencer, algumas das quais enumeramos em conclusão do seu depoimento:

«Não podemos contactar muito com ginastas estrangeiros, salvo o citado caso da África do Sul. Mas, também o material didáctico não existe à medida das nossas necessidades. Por isso recorremos a revistas e a tudo o que nos pode ensinar. Recentemente estive em Lourenço Marques um filme de bailado, chamado «Uma noite com o ballet real» e fomos vê-lo três vezes, todas juntas, de papel e lápis na mão a tirar notas no escuro, para aplicar alguns passes aos exercícios de movimentos livres.»

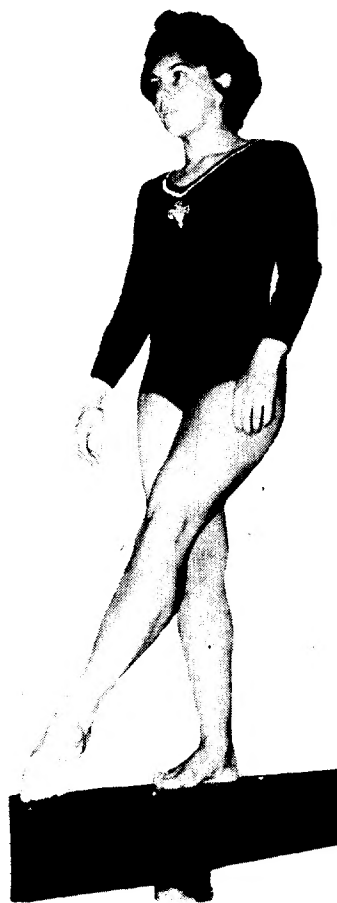


Movimentos livres

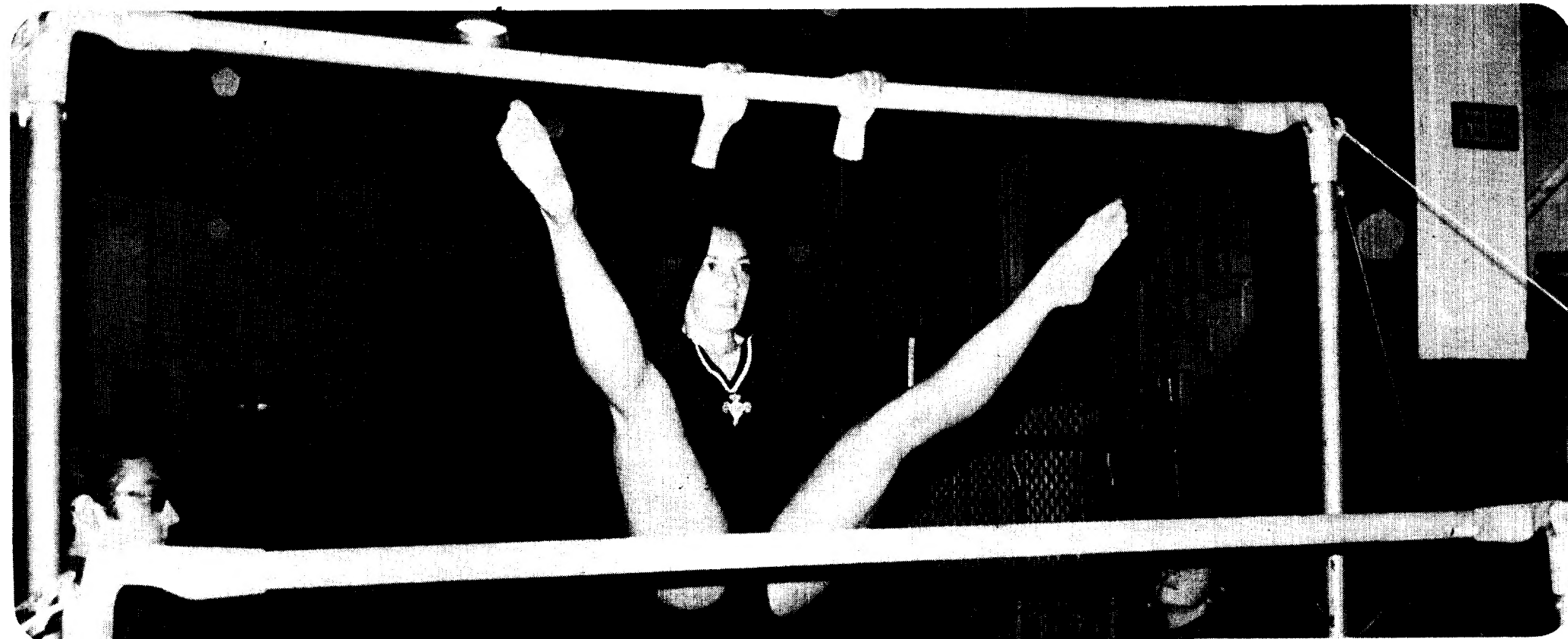


Na barra fixa

Assim, com simplicidade, com persistência e muita dedicação, se fazem os campeões. Como a «Rudy», que tem por hábito coleccionar títulos mas se entristece por ser campeã sem luta quando o seu trabalho diário de quatro horas no ginásio merecia a homenagem da luta leal de outras desportistas: que não há no Continente...



Elegância



Em paralelas